

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

Faculdade de Letras

Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários

Marina Leonhardt Palmieri

**OS TRATADOS SOBRE O SONO E OS SONHOS, *DE SOMNO ET VIGILIA* E *DE  
INSOMNIIS*, DE ARISTÓTELES**

Belo Horizonte

2015



Marina Leonhardt Palmieri

**OS TRATADOS SOBRE O SONO E OS SONHOS, *DE SOMNO ET VIGILIA E DE  
INSOMNIIS*, DE ARISTÓTELES**

**Versão final**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Orlando de Oliveira Dourado Lopes

Coorientador: Prof. Dr. Fernando Eduardo de Barros Rey Puente

Belo Horizonte  
2015

P179t

Palmieri, Marina Leonhardt

Os tratados sobre o sono e os sonhos, De Somno et Vigilia e De insomniis, de Aristóteles / Marina Leonhardt Palmieri. -2015.  
90 p. enc.

Orientador: Antônio Orlando de Oliveira Dourado Lopes

Coorientador: Fernando Eduardo de Barros Rey Puente

Área de concentração: Literaturas Clássicas e Medievais

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Letras.

1. Sono - Teses 2. Sonho - Teses 3. Aristóteles - Teses  
4. Parva Naturalia - Teses I. Lopes, Antônio Orlando de Oliveira II.  
Puente, Fernando Eduardo de Barros Rey III. Título

CDU: 821.14



pós-lit  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Faculdade de  
Letras - FALE



Dissertação intitulada *Os tratados sobre o sono e os sonhos, "De somno et vigília" e "De insomniis", de Aristóteles*, de autoria da Mestranda MARINA LEONHARDT PALMIERI, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

**Área de Concentração:** Literaturas Clássicas e Medievais/Mestrado

**Linha de Pesquisa:** Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Antônio Orlando Oliveira Dourado Lopes - FALE/UFMG - Orientador

Prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão - FALE/UFMG

Profa. Dra. Miriam Campolina Diniz Peixoto - FAFICH/UFMG

Profa. Dra. Myriam Corrêa de Araújo Ávila  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG

Belo Horizonte, 29 de maio de 2015.



## RESUMO

Os tratados sobre o sono e os sonhos de Aristóteles, os assim intitulados: *Sobre o Sono e a Vigília*, Περὶ ὕπνου καὶ ἐγρηγόρσεως (*De Somno et Vigilia*), e *Sobre os Sonhos*, Περὶ ἐνυπνίων (*De Insomniis*), são dois opúsculos de caráter relativamente monotemático que, juntamente com o *Sobre a Adivinhação durante o Sono*, Περὶ τῆς καθ' ὕπνου μαντικῆς (*De Divinatione per Somnum*), e com outras seis breves obras, compõem a coleção de tratados para os quais a posteridade deu o nome latino de *Parva Naturalia*, isto é, *Breves Escritos relativos à Natureza*. A presente dissertação consiste na tradução do *De Somno et Vigilia* e do *De Insomniis* acompanhada pelo texto original em grego, bem como por análises e comentários; precedida por uma introdução; e seguida por um glossário dos termos conceitualmente mais relevantes. A finalidade do glossário é apresentar fundamentos para uma prática de tradução do grego antigo para o português contemporâneo que pretende trazer para esta língua-cultura de chegada, tanto quanto possível, características conceituais próprias do texto original. As análises e os comentários articulam-se por meio da interpretação dos opúsculos traduzidos; da discussão do estabelecimento do texto grego a partir da consulta às edições críticas de Drossaart Lulofs (1947), de Ross (1955) e de Siwek (1963); de considerações acerca da língua grega antiga; e de questões a respeito da tradução.

Palavras-chave: sono, sonho, Aristóteles, *Parva Naturalia*





## ABSTRACT

Aristotle's treatises on sleep and dreams entitled *On Sleep and Waking*, Περὶ ὕπνου καὶ ἐγρηγόρσεως (*De Somno et Vigilia*), and *On Dreams*, Περὶ ἐνυπνίων (*De Insomniis*), are two essays with nearly the same theme that, together with *On Divination through Sleep*, Περὶ τῆς καθ'ὑπνου μαντικῆς (*De Divinatione per Somnum*), and other six short works, comprise the collection of treatises to which later ages have given the Latin name *Parva Naturalia*, that means *Brief Treatises on Nature*. This master thesis consists in the translation of *De Somno et Vigilia* and of *De Insomniis* accompanied by the original Greek text as well as by analyses and commentaries; preceded by an introduction; and followed by a glossary of key conceptual terms. The purpose of the glossary is to provide foundations for the practice of translating from Ancient Greek to contemporary Portuguese that aims to bring to the targeted language-culture, as much as possible, the peculiar conceptual features of the original text. The analyses and commentaries are articulated through the interpretation of the translated opuscles; the discussion about the establishment of the Greek texts sourced from consultation of Drossaart Lulofs (1947), Ross (2001), and Siwek's (1963) critical editions of the texts; considerations about the Ancient Greek language; and through issues concerning the translation.

Keywords: sleep, dream, Aristotle, *Parva Naturalia*



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>TRADUÇÕES E TEXTOS GREGOS .....</b>	<b>19</b>
2.1	Sobre as traduções .....	19
2.2	<i>De Somno et Vigilia</i> .....	21
2.3	<i>De Insomniis</i> .....	51
<b>3</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>77</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>81</b>
	<b>GLOSSÁRIO.....</b>	<b>86</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Os tratados sobre o sono e os sonhos de Aristóteles, os assim intitulados: *Sobre o Sono e a Vigília*, Περὶ ὕπνου καὶ ἐγρηγόρσεως (*De Somno et Vigilia*), e *Sobre os Sonhos*, Περὶ ἐνυπνίων (*De Insomniis*), são dois opúsculos de caráter relativamente monotemático que, juntamente com o *Sobre a Adivinhação durante o Sono*, Περὶ τῆς καθ' ὕπνου μαντικῆς (*De Divinatione per Somnum*), e com outras seis breves obras, compõem a coleção de tratados para os quais a posteridade deu o nome de *Parva Naturalia*, ou seja, *Breves Escritos relativos à Natureza*. Sob este título encontramos reunidos, na seguinte ordenação corrente com as respectivas páginas, colunas e linhas que ocupam na clássica edição de Immanuel Bekker (1831-1836), a primeira edição crítica das obras de Aristóteles: o *Sobre a Sensação e os Sensíveis*, Περὶ αἰσθήσεως καὶ αἰσθητῶν (*De Sensu et Sensibilibus*), em 436<sup>a</sup> 1 – 449<sup>b</sup> 4, antecedendo o *Sobre a Memória e a Rememoração*, Περὶ μνήμης καὶ ἀναμνήσεως, (*De Memoria et Reminiscentia*), em 449<sup>b</sup> 4 – 453<sup>b</sup> 10, que é sucessivamente seguido pelos três tratados sobre o sono e os sonhos, em 453<sup>b</sup> 11 – 464<sup>b</sup> 18, na supradita ordem, e depois pelo *Sobre a Longevidade e a Brevidade da Vida*, Περὶ μακροβιότητος καὶ βραχυβιότητος, (*De Longitudine et Brevitate Vitae*), em 464<sup>b</sup> 19 – 467<sup>b</sup> 9, que, por seu turno, antecede os três últimos opúsculos por vezes agrupados sob o mesmo título: *Sobre a Juventude e a Velhice*, *Sobre a Vida e a Morte* e *Sobre a Respiração*, Περὶ νεότητος καὶ γήρωος, Περὶ ζωῆς καὶ θανάτου e Περὶ ἀναπνοῆς (*De Juventute et Senectute*, *De Vita et Morte* e *De Respiratione*), os quais se encontram em 467<sup>b</sup> 10 – 480<sup>b</sup> 30.<sup>1</sup>

Conforme Mugnier (2002, p. 6), os principais editores de Aristóteles cindem o *De Vita et Morte* e, tomando seus dois primeiros capítulos à parte, os intitulam de *De Juventute et Senectute*. Bekker divide os três últimos opúsculos em dois, precisamente em 470<sup>b</sup> 6. Siwek (1963), por sua vez, edita o *De Vita et Morte* separadamente, em 478<sup>b</sup> 22 – 480<sup>b</sup> 30. Morel (2000, p.11) aponta para o fato de muitos editores modernos apresentarem o *De Juventute et Senectute*, *De Vita et Morte* e o *De Respiratione* como um único, notadamente tomando como base as indicações presentes no próprio texto e os títulos dos manuscritos.<sup>2</sup> Em alguns códices ainda figura, depois do *De Divinatione per Somnum* (*DivSomn.*), o tratado *Sobre o Movimento*

<sup>1</sup> Ao nos referirmos a esses tratados, utilizaremos, respectivamente, as abreviaturas *Sens.*, *Mem.*, *SomnVig.*, *Insomn.*, *DivSomn.*, *Long.*, *Juv.*, *Resp.*, em conformidade com o proposto por Mesquita (2005, p. 29-31).

<sup>2</sup> Nas primeiras linhas de *Juv.*, em 467b. 10-13, é anunciada a necessidade de se tratar da questão da juventude e da velhice e da vida e da morte, bem como, igualmente, da respiração: “Περὶ δὲ νεότητος καὶ γήρωος καὶ περὶ ζωῆς καὶ θανάτου λεκτέον νῦν ἅμα δὲ καὶ περὶ ἀναπνοῆς ἀναγκαῖον ἴσως τὰς αἰτίας εἰπεῖν ἔνιοις γὰρ τῶν ζώων διὰ τοῦτο συμβαίνει τὸ ζῆν καὶ τὸ μὴ ζῆν.”, “E agora é preciso discorrer sobre a juventude e a velhice e sobre a vida e a morte; e também, simultaneamente, é igualmente necessário discorrer sobre as causas da respiração, pois para alguns dos seres vivos é através desta que se realiza o viver e o não viver.” (Tradução nossa).

*dos Animais*, Περὶ ζῴων κινήσεως (*De Motu Animalium*), mas tem sido unânime entre os editores não o incluir no grupo dos *Parva Naturalia*.<sup>3</sup>

A utilização do título latino para se referir à coletânea tornou-se usual sobretudo devido à ausência de um título em grego. Ao que tudo indica, nem Aristóteles, nem seus primeiros editores teriam dado um título comum a essa série de opúsculos.<sup>4</sup> Morel (2000, p.10) menciona que os comentadores mais antigos de Aristóteles abordavam os opúsculos separadamente ou em grupos. Para citar alguns exemplos: dispomos de um comentário ao *De Sensu et Sensibilibus* (*Sens.*) de Alexandre de Afrodísia (séculos II-III de nossa era); Temístio, no século IV, traçou comentários ao *De Memoria et Reminiscentia* (*Mem.*), ao *De Somno et Vigilia* (*SomnVig.*), ao *De Insomniis* (*Insomn.*) e ao *De Divinatione per Somnum* (*DivSomn.*); Michel de Éfeso, no século XII, comentou todo o conjunto, exceto o *Sens.*; além deles, Averróis, também no século XII, teceu comentários aos primeiros seis tratados da coleção (na ordem supramencionada); e Tomás de Aquino, no século XIII, foi autor de comentários ao *Sens.* e ao *Mem.* Segundo Ross (2001, p.1), a denominação *Parva Naturalia* foi primeiramente utilizada no do século XIII, por Aegidius Romanus – Egídio (ou Gil) de Roma (1247-1316), filósofo italiano, tradutor e comentador de Aristóteles, então discípulo de Tomás de Aquino – para nomear a reunião de pequenos textos sobre a natureza cuja autoria se atribuía a Aristóteles. No fim do século XV, esta designação passou a ser usada em alguns manuscritos da *Vetus Translatio Latina*.

A ordenação dos escritos no conjunto provavelmente foi estabelecida mais de acordo com o desenvolvimento das questões tratadas em cada texto do que com a sequência cronológica em que foram escritos. O *Sens.* (em 449<sup>b</sup> 1-4) anuncia o *Mem.* como sua sequência.<sup>5</sup> O *SomnVig.*, conforme veremos mais detalhadamente a seguir, prenuncia o *Insomn.* e o *DivSomn.* (em 453<sup>b</sup> 17-24). O *De Longitudine et Brevitate Vitae* (*Long.*) apresenta as últimas considerações a serem feitas acerca do estudo dos animais (em 467<sup>b</sup> 5-9),

<sup>3</sup> Cf. LA CROCE; BERNABÉ PAJARES, 2008, p. 126.

<sup>4</sup> Cabe notar, conforme salientam La Croce e Bernabé Pajares (2008, p. 125), que nem mesmo a maioria dos demais títulos das outras obras de Aristóteles tampouco remontam à época do filósofo, mas sim à de seus editores e copistas.

<sup>5</sup> Nas últimas linhas do *De sensu et Sensibilibus*, precisamente em 449<sup>b</sup> 1-4, como mencionado, encontramos a seguinte afirmação: “Περὶ μὲν οὖν τῶν αἰσθητηρίων καὶ τῶν αἰσθητῶν τίνα τρόπον ἔχει καὶ κοινῇ καὶ καθ' ἕκαστον αἰσθητήριον εἴρηται· τῶν δὲ λοιπῶν πρῶτον σκεπτέον περὶ μνήμης καὶ τοῦ μνημονεύειν”, “Então, por um lado, no que diz respeito aos órgãos sensoriais e aos objetos sensíveis, discorreu-se de que modo são tanto em relação ao que têm em comum quanto em relação a cada órgão sensorial; por outro lado, a respeito das demais questões, é preciso examinar primeiramente a memória e o recordar.” (Tradução nossa).

as quais serão traçadas até o fim dos *Parva*, nos tratados *De Juventute et Senectute*, *De Vita et Morte* e *De Respiratione*.<sup>6</sup>

Drossaart Lulofs (1947), em sua edição crítica do *Insomn.* e do *DivSomn.*, trata da questão da provável ordem de composição dos *Parva Naturalia* em relação a outras obras de Aristóteles. O editor holandês divide o *SomnVig.* em duas partes distintas, assim denominadas por ele: “*De somno A*” (453<sup>b</sup> 11 – 455<sup>b</sup> 13 τούτω), na qual as abordagens correspondem às teorias do *Sobre a Alma*, Περὶ ψυχῆς (*De Anima*), havendo pelo menos três referências diretas a esta obra; e “*De somno B*” (455<sup>b</sup> 13 δι’ ἧν δ’ αἰτίαν – 458<sup>a</sup> 32), na qual não existe nenhuma referência direta ao *De Anima* (*De an.*), além de conter, conforme ele argumenta, uma teoria que difere, mais de uma vez, do ponto de vista adotado no *De an.*:

Em *De somno B*, nossa suspeita é primeiramente provocada pela afirmação em 456a5: “[...] todos os animais sanguíneos têm um coração; e é a partir dele que se originam tanto a locomoção quanto a percepção sensível dominante”. Tal como já vimos, a localização da origem da percepção, do movimento e da nutrição no coração é algo característico do período de transição no desenvolvimento de Aristóteles. No *De Anima*, essa visão foi substituída por outra: a alma é a *entelequia* do corpo, ela pode ser descrita como ‘o primeiro grau de atualização [ἐντελέχεια] de um corpo natural organizado’ (*De an.* I 412b 5, cf. 412a 27sq., 19-21). A alma não pode estar localizada no coração ou em qualquer parte específica do corpo, porque ela está em todas as partes (*vide* Nuyens, *op. cit.*, *passim*). Uma vez que a localização do princípio da locomoção e da percepção sensorial dominante no coração é o ponto de partida para a explicação fisiológica do sono, parece óbvio que *De somno B* deva pertencer a um período anterior àquele em que a opinião estabelecida no *De Anima* mudou a atitude de Aristóteles com relação aos problemas psicológicos. (DROSSART LULOFS, 1947, p. xvii-xviii).<sup>7</sup>

Segundo Lulofs, os três últimos tratados dos *Parva* (por vezes considerados como um único) teriam sido escritos antes do *De an.* e aproximadamente no mesmo período em que o *Sobre as Partes dos Animais*, Περὶ ζώων μορίων (*De Partibus Animalium*), e o “*De Somno B*”. Este

<sup>6</sup> Encontramos a seguinte afirmação, nas últimas linhas do *Long.*, precisamente em 467<sup>b</sup> 5-9, conforme supradito: “[...] νῦν δὲ περὶ τῶν ἄλλων ζώων εἴρηται τὸ αἴτιον περὶ τε μεγέθους ζωῆς καὶ βραχυβιότητος. Λοιπὸν δ’ ἡμῶν θεωρήσαι περὶ τε νεότητος καὶ γήρωος καὶ ζωῆς καὶ θανάτου· τούτων γὰρ διορισθέντων τέλος ἂν ἡ περὶ τῶν ζώων ἔχοι μέθοδος”, “[...] e agora se discorreu, no que diz respeito aos outros seres vivos, sobre a causa relativa à magnitude da vida e a sua brevidade. Resta-nos teorizar sobre a juventude e a velhice e sobre a vida e a morte, pois, uma vez delimitadas essas coisas, o método relativo à investigação dos animais pode ter a sua conclusão.” (Tradução nossa).

<sup>7</sup> Tradução nossa, no original: “In the *De somno B* our suspicion is at first roused by the statement 456a 5: ‘... all sanguineous animals have a heart; and from this it is that both motion and the controlling sense-perception originate.’ As we have seen already, the location of the origin of perception, movement and nutrition in the heart is characteristic of the transitory period in Aristotle’s development. In *De anima* this view has been dropped for another: the soul is the *entelechy* of the body, it may be described as ‘the first grade of actuality [ἐντελέχεια] of a natural organized body’ (*De an.* I 412b 5, cf. 412a 27sq., 19-21 Transl. J. A. Simth, Oxf. Tr.). It cannot be located in the heart or anywhere in the body, because it is everywhere (see Nuyens, *op. cit.*, *passim*). Since the location of the principle of motion and of the controlling sense-perception in the heart is the starting-point for physiological explanation of sleep, it seems obvious that *De somno B* must belong to a period earlier than that in which the opinion laid down in *De anima* changed Aristotle’s attitude towards psychological problems”.

último precederia a segunda parte do *Insomn.* (capítulos II e III), a qual, por sua vez, seria seguida pelo *DivSomn.*. Após o *De an.*, teriam sido escritos o *Sens.* e o *Mem.*, bem como o “*De Somno A*”, o qual, por seu turno, precederia a primeira parte do *Insomn.* (capítulo I).<sup>8</sup> Não há consenso, porém, acerca do problema da cronologia da composição dos *Breves Escritos relativos à Natureza*, sobretudo em relação ao *Sobre a Alma*.

De acordo com Ross (1955, p. 5-18), até mesmo o *Sens.* e o *Mem.* seriam anteriores ao segundo capítulo do *De Anima*. O ponto em que concordam os dois estudiosos está no reconhecimento de uma incompatibilidade entre a concepção da alma como ἐντελέχεια (“enteléquia”, “atualização”, “realização” ou “efetividade”), presente em *De an.* II 1-2, e a localização da parte sensitiva da alma em uma determinada parte do corpo, qual seja, o coração, teoria que se encontra presente nas obras biológicas como, por exemplo, em *De Partibus Animalium* 678<sup>b</sup> 2, 665<sup>a</sup> 12 e 678<sup>b</sup> 3; em *Insomn.* 456<sup>a</sup> 5; em *De Juventute et Senectute* 469<sup>a</sup> 7 e 469<sup>b</sup> 15-18; e em *De Respiratione* 474<sup>b</sup> 10-14.<sup>9</sup> Veloso (2002, p.9), por sua vez, confessa seu “ceticismo de fundo com relação a teses genético-evolutivas” e argumenta que o fato de haver a possibilidade de Aristóteles ter modificado continuamente seus escritos torna vã toda ou quase toda tentativa de reconstrução de uma “evolução” (aspas do autor) que, não obstante, ainda segundo o mesmo, verossimilmente deva ter ocorrido. Ele ainda acrescenta que não acredita que a posição do estagirita sobre a alma seja diferente no *De an.* e nos *Parva*, pois, a seu ver, estas duas visões nem são incompatíveis, nem se encontram exclusivamente em uma das duas obras.

O pioneiro nos estudos da assim chamada *orientação genético-evolutiva* sobre o *Corpus Aristotelicum* foi Werner Jaeger (1888-1961), em sua célebre obra intitulada *Aristoteles* (original em alemão), cuja primeira edição data de 1923.<sup>10</sup> Jaeger considerou como fio condutor da evolução do pensamento do estagirita o progressivo abandono das teorias daquele de quem teria sido discípulo por cerca de 20 anos, Platão. O helenista alemão dividiu a obra de Aristóteles em três períodos. Traçou, assim, uma fase platônica; um estágio de transição, encabeçado pelo diálogo *Sobre a Filosofia*, Περὶ φιλοσοφίας (*De Philosophia*); e um período final, mais empírico, do qual faria parte o *Sobre a Alma*. Jaeger (1946, p. 380-

<sup>8</sup> A ordem de composição proposta pode ser assim representada esquematicamente: **1.** *De Juventute et Senectute, De Vita et Morte, De Respiratione; Sobre as Partes dos Animais; “De Somno B”*; **2.** *Insomn.*, II – III; **3.** *DivSomn.*; **4.** *De anima*; **5.** *Sens.*; *Mem.*; “*De Somno A*”; **6.** *Insomn.*, I. Cf. DROSSART LULOFS, 1947, p. ix-xliv.

<sup>9</sup> Cf. VELOSO, 2002, p. 8.

<sup>10</sup> Tivemos acesso à tradução para o espanhol desta obra que é tida como um clássico nas investigações sobre o filósofo, remeter-nos-emos, portanto, às páginas desta tradução: JAEGER, Werner W. *Aristoteles*. Trad. José Gaos. México: FCE, 1946.



381) nos indica que os *Breves Escritos relativos à Natureza* alcançaram a sua presente plenitude gradualmente:

Muito estreitamente entrelaçada com os estudos sobre a natureza orgânica e os seres vivos está a série de investigações que empreende Aristóteles em sua obra *Sobre a Alma* e no grupo de monografias antropológicas e fisiológicas agregadas a ela. O simples fato de agregar à psicologia as doutrinas da percepção e a cor, da memória e a reminiscência, do sono e a vigília, dos sonhos, da respiração, do movimento dos seres vivos, da longevidade, da juventude e a velhice, da vida e a morte revela uma persistente atitude fisiológica; o ponto de partida desta série de estudos é necessariamente psicológico, porque nela a alma é concebida como o princípio da vida, que em seguida se persegue em todas as suas manifestações características. Toda sorte de indícios indicam que a série somente alcançou gradualmente sua presente plenitude. A união desses preliminares fisiológicos mais gerais com as obras zoológicas constitui um amplo quadro do mundo orgânico, tal como o temos agora, nos dando uma estrutura artisticamente pedagógica que não apareceu dessa forma até o último período. (JAEGER, 1946, p. 380-381).<sup>11</sup>

Ademais, o helenista alemão se pronuncia a respeito do tratado *Sobre a Adivinhação durante o Sono* – que pertence, em suas palavras, “à série de estudos fisiológicos agregados ao *De Anima*” – alegando que nele se encontra, “em uma atitude absolutamente nada mística”, uma ruptura completa com a maneira de ver platonizante, ainda que tratando de um problema herdado de Platão. Devido a seu conteúdo, a seu método, a sua data de composição e a suas visões gerais, as breves obras de investigações fisiológicas comporiam, segundo o autor, uma unidade com as grandes obras sobre as partes e a geração dos seres vivos. Todavia, Jaeger prefere não se pronunciar sobre a questão da cronologia da composição dos *Parva* com relação ao *De an.*, afirmando que sobre isso não aventura uma opinião, por faltar materiais suficientes para tomar uma decisão. De qualquer modo, ele defende a ideia de que necessariamente as concepções do  $\nu\omicron\upsilon\zeta$  (“intelecto”) presentes no terceiro livro do *De an.* são anteriores, ao passo que o método e a execução de todo o resto é posterior e pertence a outro estado de desenvolvimento e a outra dimensão do pensamento aristotélico.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Tradução nossa, na tradução do original para o espanhol à qual tivemos acesso: “Muy estrechamente enlazada con los estudios sobre la naturaleza orgánica y los seres vivos está la serie de investigaciones que emprende Aristóteles en su obra *Del Alma* y en el grupo de monografías antropológicas y fisiológicas agregadas a ella. El simple hecho de que agregue a la psicología las doctrinas de la percepción y el color, de la memoria y reminiscencia, del sueño y la vigilia, de los sueños, de la respiración, del movimiento de los seres vivos, de la longevidad, de la juventud y la vejez, de la vida y la muerte, revela una persistente actitud fisiológica; el punto de partida de esta serie de estudios es necesariamente psicológico, porque aquí se concibe el alma como el principio de vida, que se persigue luego a través de todas sus manifestaciones características. Toda suerte de huellas indican que la serie solo alcanzó gradualmente su presente plenitud. La unión de estos preliminares fisiológicos más generales con las obras zoológicas constituye un amplio cuadro del mundo orgánico, tal como lo tenemos ahora, dándonos una estructura artísticamente pedagógica que no apareció en esta forma hasta el último período.”

<sup>12</sup> Cf. JAEGER, 1946, p. 372-391.

A autenticidade dos *Parva Naturalia* estaria testemunhada por algumas referências recíprocas presentes nos tratados que os compõem e o restante do *Corpus Aristotelicum*, como demonstra Mugner (1953, p. 6-7). Até onde se sabe, tal legitimidade não tem sido questionada pelos helenistas, a não ser por Josef Zürcher (1952, p. 302, citado por LA CROCE; BERNABÉ PAJARES, 1987, p. 127). Excetuando os diálogos e o tratado *Constituição dos Atenienses*, Ἀθηναίων πολιτεία (*Atheniensium respublica*), Zürcher atribui a Teofrasto toda a obra do estagirita.<sup>13</sup> La Croce e Bernabé Pajares, porém, afirmam que as críticas de Siwek (1963, p. X-XII) e de Reale (1956, p. 108-143, citado por LA CROCE; BERNABÉ PAJARES, 1987, p. 128) às teorias de Zürcher “são motivos suficientes para descartá-las”.<sup>14</sup> Conforme sustenta Siwek (1963, p. XII), contra a genuinidade dos *Parva* o argumento mais forte seria somente o fato de não constar nenhum dos títulos dos tratados que os constituem no catálogo das obras de Aristóteles apresentado por Diógenes Laércio em *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, Βίοι καὶ γνῶμαι τῶν ἐν φιλοσοφία εὐδοκμησάντων (*Vitae Philosophorum*).<sup>15</sup> No entanto, o próprio editor polonês justifica esta e outras omissões nesse catálogo e exclui a possibilidade de os opúsculos serem espúrios, alegando dois motivos. Primeiramente ele expõe que, se nos baseássemos apenas no testemunho de Diógenes Laércio, também teríamos de considerar como ilegítimos os tratados *Sobre o Céu*, Περὶ οὐρανοῦ (*De Caelo*); *Sobre a Geração e a Corrupção*, Περὶ γενέσεως καὶ φθορᾶς (*De Generatione et Corruptione*); *Meteorológicos*, Μετεωρολογικῶν (*Meteorologica*); e *Sobre a Geração dos Animais*, Περὶ ζῴων γενέσεως (*De Generatione Animalium*). Em seguida, Siwek reafirma a conclusão de Moraux (1951, p. 320), autor de um livro sobre as antigas listas das obras de Aristóteles, segundo a qual os escritos do estagirita que abordavam problemas do mundo físico receberam pouca atenção do Liceu “decadente” na época já tardia da elaboração pela escola do catálogo ao qual Diógenes Laércio teria tido acesso.

De qualquer modo, sem dúvida constitui um problema o fato de em alguns catálogos antigos das obras do fundador do Liceu não estarem incluídos os tratados da coletânea. Entretanto, corrobora a supradita hipótese de Mouraux a menção por parte de Ptolomeu Quenno – que nasceu em Alexandria e teria vivido entre a segunda metade do primeiro século de nossa era e o primeiro terço do segundo, ou seja, antes de Diógenes Laércio, que teria vivido no início do terceiro século de nossa era – em seu catálogo das obras de Aristóteles, tanto aos tratados Περὶ οὐρανοῦ, *Sobre o Céu* (sob o título de Περὶ οὐρανοῦ καὶ κόσμου,

<sup>13</sup> Cf. ZÜRCHER, Josef. *Aristoteles' Werk und Geist*. Paderborn: F. Schöningh, 1952.

<sup>14</sup> Cf. REALE, Giovanni. Josef Zürcher e un tentativo di rivoluzione nel campo degli studi Aristotelici. *Rivista di Filosofia Neoscolastica*, Milán, v. 48, p. 108-143, 1956.

<sup>15</sup> Cf. DIÓGENES LAÉRCIO. V, 21-27.

*Sobre o Céu e o Universo*); Περὶ γενέσεως καὶ φθορᾶς, *Sobre a Geração e a Corrupção*; Μετεωρολογικῶν, *Meteorológicos*; e Περὶ ζῶων γενέσεως, *Sobre a Geração dos Animais*, quanto aos seguintes opúsculos dos *Parva*: aos Περὶ αἰσθήσεως καὶ αἰσθητῶν, *Sobre a Sensação e os Sensíveis*; Περὶ μνήμης καὶ ἀναμνήσεως, *Sobre a Memória e a Rememoração*; Περὶ ὕπνου καὶ ἐγρηγόρσεως, *Sobre o Sono e a Vigília*; Περὶ ἐνυπνίων, *Sobre os Sonhos*; e Περὶ τῆς καθ' ὕπνου μαντικῆς, *Sobre a Adivinhação durante o Sono* (agrupados sob o título Περὶ μνήμης καὶ ὕπνου, *Sobre a Memória e o Sono*); ao Περὶ μακροβιότητος καὶ βραχυβιότητος, *Sobre a Longevidade e a Brevidade da Vida*; e, dos três últimos, apenas ao Περὶ ζωῆς καὶ θανάτου, *Sobre a Vida e a Morte*.<sup>16</sup> Segundo Moraux (1951, p. 296), a denominação Περὶ μνήμης καὶ ὕπνου, *Sobre a Memória e o Sono*, apresentada por Ptolomeu Quenno certamente resulta da fusão sob um só título dos tratados *Sens.*, *Mem.*, *SomnVig.*, *Insomn.* e *DivSomn.* tendo em vista que, além do fato de o próprio Aristóteles sublinhar as relações estreitas entre estas obras no prólogo do *Insomn.* (em 453<sup>b</sup> 8-24), na tradição oriental eles constituem um só livro.

Os temas que serão objetos das investigações presentes nos *Parva Naturalia* são anunciados e resumidos nas primeiras linhas do *De Sensu et Sensibilibus* (436<sup>a</sup> 5-17):

5 Τὰ μὲν οὖν εἰρημένα περὶ ψυχῆς ὑποκείσθω, περὶ δὲ τῶν  
λοιπῶν λέγωμεν, καὶ πρῶτον περὶ τῶν πρώτων. Φαίνεται  
δὲ τὰ μέγιστα, καὶ τὰ κοινὰ καὶ τὰ ἴδια τῶν ζῴων, κοινὰ  
τῆς ψυχῆς ὄντα καὶ τοῦ σώματος, οἷον αἴσθησις καὶ μνή-  
μη καὶ θυμὸς καὶ ἐπιθυμία καὶ ὅλως ὄρεξις, καὶ πρὸς  
10 τούτοις ἡδονὴ τε καὶ λύπη· καὶ γὰρ ταῦτα σχεδὸν ὑπάρ-  
χει πᾶσι τοῖς ζῴοις. Πρὸς δὲ τούτοις τὰ μὲν πάντων ἐστὶ  
τῶν μετεχόντων ζωῆς κοινὰ, τὰ δὲ τῶν ζῴων ἐνίοις. Τυγ-  
χάνουσι δὲ τούτων τὰ μέγιστα τέτταρες οὐσαι συζυγίαι τὸν  
ἀριθμὸν, οἷον ἐγρηγόρσις καὶ ὕπνος, καὶ νεότης καὶ γῆ-  
15 ρας, καὶ ἀναπνοὴ καὶ ἐκπνοή, καὶ ζωὴ καὶ θάνατος·  
περὶ ὧν θεωρητέον, τί τε ἕκαστον αὐτῶν, καὶ διὰ τίνας αἰ-  
τίας συμβαίνει.

5 Então, por um lado, que esteja pressuposto o que foi mencionado acerca da alma, e, por outro, digamos o restante, primeiramente acerca das coisas primeiras. As mais importantes e também tanto as comuns quanto as particulares <faculdades> dos animais manifestam-se sendo comuns à alma e ao corpo, tais como sensação, lembrança, ímpeto, apetite e desejo em geral, e, além dessas, tanto prazer quanto dor; com efeito, essas <faculdades> subsistem em quase todos os animais. Além disso, por um lado, umas são comuns a todos os que participam da vida, por outro lado, outras <são comuns apenas> a alguns dos animais. A soma das mais importantes dessas <faculdades> forma quatro pares, quais sejam, vigília e sono; juventude e velhice; 10 inspiração e expiração; e vida e morte, acerca dos quais é preciso teorizar tanto o que é cada um deles quanto devido a quais causas ocorrem. (Tradução nossa).

<sup>16</sup> Cf. MORAUX, 1951, p. 289-309.

Esta parte da abertura do *Sens.* – que figura também como o início de toda a coletânea em sua corrente ordenação – pode ser considerada como um prólogo geral aos *Breves Escritos relativos à Natureza*, pois indica o fio teórico comum – a abordagem psicobiológica, a perspectiva de observação a partir de pares de contrários e a investigação das causas – que une os diversos opúsculos dos *Parva* (além de se fazer presente em outras obras do filósofo). Ademais, as duas primeiras faculdades listadas, a sensação e a lembrança (αἴσθησις e μνήμη), correspondem exatamente à temática do *De Sensu et Sensibilibus* e do *De Memoria et Reminiscentia*, e os quatro pares citados em seguida são respectivamente o objeto de investigação da assim chamada “trilogia do sono” (composta pelos tratados *SomnVig.*, *Insomn.* e *DivSomn.*); do *De Juventute et Senectute*; do *De Respiratione*; e do *De Vita et Morte*. O ímpeto (θυμός), o apetite (ἐπιθυμία), o desejo (ὄρεξις), o prazer (ἡδονή) e a dor (λύπη) não são tratados no conjunto como assuntos de abordagem específica. Pode-se pensar que tais escritos teriam sido perdidos ou que sequer teriam sido escritos opúsculos acerca dessas faculdades. De qualquer forma, são temas que permeiam todos os tratados.

Os textos que compõem os *Parva Naturalia*, portanto, não se encontram isolados nem entre si, nem em relação às demais obras aristotélicas. Eles fariam parte do grande grupo das assim chamadas *obras biológicas*. Ross (1955, p. 1-2) propõe um esquema para a leitura de tais obras que corresponde à ordem na qual se inserem os *Breves Escritos relativos à Natureza* na maioria dos manuscritos consultados por ele. Tal esquema não forneceria nenhuma evidência para a cronologia da composição das obras, mas apenas uma sugestão para uma sequência de leitura. Esta organização seria encabeçada pelo *Sobre a História dos Animais*, Τῶν περὶ τὰ ζῷα ἱστορίων (*Historia Animalium*), no qual estariam as bases das teorias biológicas de Aristóteles. Em seguida viria o *De Partibus Animalium*, seguido pelo *Sobre a Marcha dos Animais*, Περὶ πορείας ζῴων (*De Icessu Animalium*) que, por sua vez, precederia o *De Anima*. Os *Parva Naturalia* viriam, então, na sequência que terminaria com o *De Motu Animalium* e com o *Sobre a Geração dos Animais*, sucessivamente.

## 2 TRADUÇÕES E TEXTOS GREGOS

### 2.1 Sobre as traduções

A presente dissertação é baseada em um trabalho experimental de tradução dos dois primeiros tratados aristotélicos que compõem a assim chamada *Trilogia do Sono* inserida nos *Parva Naturalia*. Tal experiência de tradução do grego antigo para o português contemporâneo tem como objetivo trazer para esta língua-cultura de chegada, tanto quanto possível, características conceituais e estilísticas próprias do texto original, sem que, para tanto, se perca em inteligibilidade. A especificidade das obras, dois tratados técnicos, exigem um meticuloso respeito e uma atenta fidelidade por parte do tradutor, sob a pena de sair mutilado o pensamento expresso no original. Foi este o princípio que norteou nossa tradução, o que justifica, dentre outras peculiaridades, várias repetições.

Schleiermacher (1838), ao discorrer acerca dos diferentes métodos da tradução, expõe a dificuldade de se encontrar, em uma língua, um vocábulo que reúna exatamente a mesma multiplicidade de relações presente em uma palavra de outra língua, dificuldade agravada pelas distâncias temporais e originárias entre o idioma de partida e o de chegada:

Se entre duas línguas cada palavra de uma correspondesse exatamente a uma palavra na outra, expressando o mesmo conceito e a mesma abrangência, se suas flexões apresentassem as mesmas relações e suas combinações se diluíssem umas nas outras de forma que as línguas diferissem somente para o ouvido, então toda tradução no campo da arte e da ciência, contanto que só o conteúdo de um discurso ou de um texto precisasse ser comunicado, seria tão mecânica quanto a dos negócios. E de cada tradução poder-se-ia dizer que, com exceção do efeito do tom e da entonação, através dela o leitor estrangeiro é colocado na mesma relação com o autor e sua obra que o leitor do país de origem da mesma. Porém, ocorre justo o contrário com todas as línguas que não têm um grau de parentesco próximo, que só podem ser vistas como dialetos diferentes, e, quanto mais elas se distanciam na origem e no tempo, tanto mais nenhuma palavra corresponde exatamente a uma outra na outra língua. (SCHLEIERMACHER, 2001, p. 33-35)<sup>17</sup>

Cientes dessa impossibilidade de correspondência exata, buscamos, no nosso processo tradutório, alcançar no português a máxima correspondência concebível e executável com as estruturas e os vocábulos gregos. Assim, após muitas tentativas e erros, leituras e releituras, uma vez encontrado um termo ou uma expressão que nos parecesse apresentar essa correlação unívoca que fizesse sentido em todos os seus empregos nos tratados traduzidos, buscamos

---

<sup>17</sup> Cf. SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Sobre os diferentes métodos da tradução*. In: HEIDERMANN, Werner (Org.). *Clássicos da Teoria da Tradução: antologia bilíngue, alemão - português*. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001. v. 1. p. 33-35.

manter a mesma tradução para o português em todas as suas ocorrências no texto grego. Esta metodologia foi mais criteriosamente adotada com relação à tradução dos conceitos, por julgarmos ainda mais necessária a inequivocidade dos termos técnicos que são de tal modo carregados de sentido ao ponto de direcionarem a interpretação de uma obra. Sobretudo no que se refere às preposições e às partículas gregas, mas também com relação a alguns substantivos, adjetivos e advérbios, tal tentativa de univocidade na tradução não foi praticada e, a nosso ver, não deve tampouco ser buscada, uma vez que pode comprometer o sentido e a fluidez do texto traduzido. Ademais, sempre que possível, buscamos fazer uma tradução linear que respeitasse a ordenação e a quantidade de linhas do texto grego, motivo pelo qual também as linhas da tradução estão numeradas em conformidade com a numeração do original. Optamos ainda por apresentar o texto grego e a tradução em páginas intercaladas, de modo que ficassem espelhados, como mais um recurso para aproximar o leitor do texto original.

No que concerne ao texto grego, a numeração é a estabelecida por Bekker (1831-1836) e a edição de referência, salvo indicações contrárias, apesar de nela constarem alguns erros de impressão, é a de Siwek (1963), pois, até onde se sabe, ele foi o único editor que examinou todos os manuscritos dos *Parva Naturalia*. Como se pode constatar pelas notas, nas discussões acerca do estabelecimento do texto grego, refiro-me a pelo menos outras quatro edições, quais sejam, às de Drossart Lulofs (de 1943 para o *De Somno et Vigilia* e de 1947 para o *De Insomniis*), à de Mugner (2002) e à de Ross (1955).

Os parênteses angulares (os sinais “< >”) que aparecem no texto em português são usados para encerrar palavras ou expressões que não contêm correspondentes no texto grego. Na leitura corrente da tradução, esses sinais podem ser ignorados. Este foi mais um recurso utilizado na tentativa de manter a tradução tão próxima quanto possível do texto original. Em alguns casos, foram feitas algumas adaptações, por exemplo, a mudança da classe da palavra da língua de partida na língua de chegada, tendo em vista uma maior fluidez e inteligibilidade do texto traduzido. Sabemos que é inexecutável uma tradução que preserve todas as qualidades do original. Dada a impossibilidade de uma tradução perfeita, apresentamos aqui todas as possibilidades encontradas no caminho, dado que, em consonância com Janheinz Jahn (1956 citado por HEIDERMANN, 2001): “[...] na impossibilidade de traduções perfeitas residem as possibilidades para o tradutor”<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Apud HEIDERMANN, Werner (Org.). *Clássicos da Teoria da Tradução: antologia bilíngue, alemão - português*. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001. v. 1. p. 9.

2.2 *De Somno et Vigilia*ΠΕΡΙ ΥΠΝΟΥ ΚΑΙ ΕΓΡΗΓΟΡΣΕΩΣ<sup>19</sup>

## I

453<sup>b</sup> Περὶ δὲ ὕπνου καὶ ἐγρηγόρσεως ἐπισκεπτέον  
τίνα τε τυγχάνει ὄντα, καὶ πότερον ἴδια τῆς ψυχῆς ἢ τοῦ  
σώματος ἢ κοινά, καὶ εἰ κοινά, τίνος μορίου τῆς ψυχῆς ἢ  
τοῦ σώματος, καὶ διὰ τίν' αἰτίαν ὑπάρχει τοῖς ζώοις· καὶ  
15 πότερον ἅπαντα κεκοινώνηκεν ἀμφοτέρων, ἢ τὰ μὲν  
ὕπνου<sup>20</sup> τὰ δὲ θατέρου μόνον, ἢ τὰ μὲν οὐδετέρου τὰ δὲ ἀμφο-  
τέρων· πρὸς δὲ τούτοις τί ἐστὶ τὸ ἐνύπνιον, καὶ διὰ τίνα αἰτίαν  
οἱ καθεύδοντες ὅτε μὲν ὄνειρώττουσιν ὅτε δὲ οὐ, ἢ συμβαίνει  
μὲν ἀεὶ τοῖς καθεύδουσιν ἐνυπνιάζειν, ἀλλ' οὐ μνημονεύουσιν,  
20 καὶ εἰ τοῦτο γίνεταί, διὰ τίνα αἰτίαν γίνεταί· καὶ πότερον  
ἐνδέχεται τὰ μέλλοντα προορᾶν ἢ οὐκ ἐνδέχεται, καὶ τίνα  
τρόπον, εἰ ἐνδέχεται· καὶ πότερον τὰ μέλλοντα ὑπ' ἀνθρώ-  
που πράσσεσθαι μόνον, ἢ καὶ ὧν τὸ δαιμόνιον ἔχει τὴν αἰ-  
24 τίαν, καὶ φύσει γίνεταί ἢ ἀπὸ ταῦτομάτου.

24 Πρῶτον μὲν οὖν  
25 τοῦτό γε φανερόν, ὅτι τῷ αὐτῷ τοῦ ζώου ἢ τε ἐγρηγόρσις ὑπ-  
άρχει καὶ ὁ ὕπνος· ἀντίκεινται γάρ, καὶ φαίνεται στέρησις τις  
ὁ ὕπνος τῆς ἐγρηγόρσεως· ἀεὶ γάρ τὰ ἐναντία καὶ ἐπὶ τῶν  
ἄλλων καὶ ἐν τοῖς φυσικοῖς ἐν τῷ αὐτῷ δεκτικῷ φαίνεται  
γινόμενα, καὶ τοῦ αὐτοῦ ὄντα πάθη, λέγω δ' οἷον ὑγίεια καὶ  
30 νόσος, καὶ κάλλος καὶ αἴσχος, καὶ ἰσχύς καὶ ἀσθένεια,

<sup>19</sup> Há variações do título nos manuscritos, que também apresentam: “Περὶ ὕπνου καὶ τῆς καθ' ὕπνου μαντικῆς” e “Ἀριστοτέλους περὶ ὕπνου καὶ τῆς καθ' ὕπνου μαντικῆς”. Um título comum aos três opúsculos corrobora a hipótese da unidade da trilogia.

<sup>20</sup> Optamos por adotar, para a nossa tradução, a variante ὕπνου, ao invés de θατέρου (adotada por Siwek, Ross, Lulofs e Mugnier), pois, além de estar presente em diversos manuscritos (conforme demonstram os aparatos), a nosso ver, deixa o período mais compreensível.

## SOBRE O SONO E A VIGÍLIA

### I

453<sup>b</sup> Sobre o sono e a vigília é preciso investigar:  
 o que são; se são próprios da alma, do corpo  
 ou comuns <a estes>; caso comuns, a qual parte da alma e  
 do corpo <são comuns>; devido a que causa subsistem nos animais;  
 15 se todos em geral compartilham de ambos ou uns,  
 do sono, e outros, somente da outra, ou se uns <não compartilham> de nenhum,  
 e outros <compartilham> de ambos. Além disso, <é preciso investigar> o que é o sonho  
 e devido a que causa os que dormem algumas vezes sonham, outras vezes não sonham,  
 ou se sempre ocorre aos que dormem sonhar, mas não se lembram,  
 20 caso isso aconteça, devido a que causa acontece; se  
 é ou não possível prever o futuro, e de que modo, caso possível:  
 se <é possível prever> somente o futuro a ser praticado pelo homem  
 ou também as coisas de que a deidade detém a  
 24 causa e acontecem por natureza ou espontaneamente.

24 Em primeiro lugar, certamente, então, isto é decerto manifesto:  
 25 que na mesma <parte> do animal subsistem tanto a vigília  
 quanto o sono, pois se opõem, e o sono manifesta-se sendo certa privação  
 da vigília. Sempre, com efeito, os contrários, tanto nos  
 outros <entes> quanto nos naturais, manifestam-se surgindo no mesmo receptor,  
 sendo afetos do mesmo ser; digo, por exemplo, saúde  
 30 e doença, beleza e feiura, força e fraqueza,



## ΠΕΡΙ ΥΠΝΟΥ ΚΑΙ ΕΓΡΗΓΟΡΣΕΩΣ

I. 453<sup>b</sup> 31 – 454<sup>a</sup> 19

καὶ ὄψις καὶ τυφλότης, καὶ ἀκοὴ καὶ κωφότης. Ἔτι δὲ  
 454<sup>a</sup> καὶ ἐκ τῶνδε δῆλον· ὅτι γὰρ τὸν ἐγρηγοροῦντα γνωρίζομεν,  
 τούτῳ καὶ τὸν καθυπνοῦντα· τὸν γὰρ αἰσθανόμενον ἐγρηγορέναι  
 νομίζομεν, καὶ τὸν ἐγρηγοροῦντα πάντα ἢ τῶν ἔξωθεν τινος αἰ-  
 σθάνεσθαι ἢ τῶν ἐν αὐτῷ τινος κινήσεων. Εἰ τοίνυν τὸ ἐγρηγο-  
 5 ρέναι ἐν μηδενὶ ἄλλῳ ἐστὶν ἢ τῷ αἰσθάνεσθαι, δῆλον ὅτι ὅπερ  
 αἰσθάνεται, τούτῳ καὶ ἐγρήγορε τὰ ἐγρηγοροῦντα καὶ καθεύδει  
 τὰ καθεύδοντα. Ἐπεὶ δὲ οὔτε τῆς ψυχῆς ἴδιον τὸ αἰσθάνεσθαι  
 οὔτε τοῦ σώματος (οὗ γὰρ ἡ δύναμις, τούτου καὶ ἡ ἐνέργεια· ἡ  
 δὲ λεγομένη αἴσθησις, ὡς ἐνέργεια, κινήσις τις διὰ τοῦ σώ-  
 10 ματος τῆς ψυχῆς ἐστὶ), φανερόν ὡς οὔτε τῆς ψυχῆς τὸ πά-  
 11 θος ἴδιον, οὔτ' ἄψυχον σῶμα δυνατόν αἰσθάνεσθαι.

11 Διωρι-  
 σμένων δὲ πρότερον ἐν ἑτέροις περὶ τῶν λεγομένων ὡς μορίων  
 τῆς ψυχῆς, καὶ τοῦ μὲν θρεπτικοῦ χωριζομένου τῶν ἄλλων ἐν  
 τοῖς ἔχουσι σώμασι ζωὴν, τῶν δ' ἄλλων οὐδενὸς ἄνευ τούτου,  
 15 δῆλον ὡς ὅσα μὲν ἀξήσεως καὶ φθίσεως μετέχει μόνον  
 τῶν ζώντων, ὅτι τούτοις οὐχ ὑπάρχει ὕπνος οὐδὲ ἐγρήγορσις,  
 οἷον τοῖς φυτοῖς οὐ γὰρ ἔχουσι τὸ αἰσθητικὸν μόριον, οὔτε εἰ  
 χωριστόν ἐστὶν οὔτε εἰ μὴ χωριστόν· τῇ γὰρ δυνάμει καὶ τῷ  
 19 εἶναι χωριστόν ἐστιν.

## SOBRE O SONO E A VIGÍLIA

I. 453<sup>b</sup> 31 – 454<sup>a</sup> 19

visão e cegueira, audição e surdez. Ademais, <isso> é evidente a partir do seguinte:

454<sup>a</sup> com efeito, <aquilo> através do qual reconhecemos o que está desperto é o mesmo pelo qual <reconhecemos> o que cai no sono, pois denominamos estar desperto o que sente, e todo aquele que está desperto sente algo que lhe é externo ou os movimentos em si próprio. Se, portanto, o estar desperto

5 nada mais é do que o sentir, é evidente que precisamente <aquilo> através do qual se sente também é o mesmo pelo qual despertam os que estão despertos e dormem os que estão dormindo. Visto que o sentir não é particular nem da alma nem do corpo (com

efeito, a potência é daquilo mesmo de que é o ato, e a mencionada sensação, como ato, é um certo movimento da alma<sup>21</sup>

10 através do corpo), é manifesto que o afeto nem é particular da alma, nem um corpo sem alma tem a potencialidade para sentir.<sup>22</sup>

11 Foi delimitado anteriormente, em outras <investigações><sup>23</sup>, o referente às assim denominadas *partes* da alma, e, por um lado, a nutritiva é separada das outras <partes>

15 nos corpos que têm vida, por outro, não existe nenhuma das outras sem esta. É evidente que não subsiste o sono nem a vigília em quantos dentre os seres vivos <os quais> somente participam do desenvolvimento e do perecimento, por exemplo, nas plantas, pois <estas> não possuem a parte sensitiva, nem se for separável, nem se inseparável; com efeito, pela potência e pelo

19 ser <a parte sensitiva> é separável<sup>24</sup>

<sup>21</sup> Recipi apresenta uma observação muito interessante, em nota a esta passagem, fornecendo uma interpretação à colocação do pronome indefinido τις junto a κίνησιν: “Somente em *Ins.* 2, 459 b 3-5 Aristóteles especificará que aquele ‘certo movimento’ (454 a 9) a cujos efeitos a alma é suscetível quando percebe alguma coisa é um movimento de tipo qualitativo, ou seja, uma alteração pela qual a capacidade perceptiva em potência se torna capacidade perceptiva em ato”. Tradução nossa, no original: “Solo in *Ins.* 2, 459 b 3-5 Aristotele specificherà che quel ‘certo movimento’ (454 a 9) da cui l’anima è interessata quando percepisce qualcosa è un movimento di tipo qualitativo, ossia un’alterazione per la quale la capacità percettiva in potenza diventa capacità percettiva in atto”. (REPICI, 2003, p. 148).

<sup>22</sup> Neste parágrafo é fornecida a resposta à segunda questão, posta em 453<sup>b</sup> 12-13. A resposta fornecida, a saber, que o sono e a vigília pertencem conjuntamente à alma e ao corpo, uma vez que a sensação, a qual os constitui e os discrimina, é concernente ao corpo e à alma, retoma a relação indissociável, através da qual alma e corpo são unidos, apresentada em *De an.* II 1, 2 e 5. Cf. ainda *Sens.* 1

<sup>23</sup> Cf. *De an.* II, 2-3.

<sup>24</sup> Uma indicação da resposta à terceira questão, posta em 453<sup>b</sup> 12-13, nos é dada neste parágrafo: já que o sono e a vigília não subsistem nos viventes os quais participam somente do desenvolvimento e do perecimento, por não possuírem a parte sensitiva, logo, o sono e a vigília são comuns à parte sensitiva da alma.

## ΠΕΡΙ ΥΠΝΟΥ ΚΑΙ ΕΓΡΗΓΟΡΣΕΩΣ

I. 454<sup>a</sup> 19 – 454<sup>b</sup> 9

19 Ὅμοίως δὲ καὶ ὅτι οὐδέν ἐστιν ὃ ἀεὶ ἐγρή-  
 20 γορευν ἢ ἀεὶ καθεύδει, ἀλλὰ τοῖς αὐτοῖς ὑπάρχει τῶν ζώων  
 ἀμφοτέρα τὰ πάθη ταῦτα· οὐ γάρ, εἴ τι ἔστι ζῶον ἔχον<sup>25</sup> αἰ-  
 σθησιν, τοῦτ' ἐνδέχεται οὔτε καθεύδειν οὔτε ἐγρηγορέναι· ἄμ-  
 φω γάρ ἐστι τὰ πάθη ταῦτα περὶ αἰσθησιν τοῦ πρώτου αἰ-  
 σθητικοῦ· οὐκ ἐνδέχεται δὲ οὐδὲ θάτερον τούτων ἀεὶ ὑπάρχειν  
 25 τῷ αὐτῷ, οἷον ἀεὶ τι γένος ζώων καθεύδειν ἢ ἀεὶ τι ἐγρη-  
 γορέναι, ὅτι ὅσων ἔστι τι ἔργον κατὰ φύσιν, ὅταν ὑπερβάλλῃ  
 τὸν χρόνον ᾧ δύνатаί τι ποιεῖν, ἀνάγκη ἀδυνατεῖν, (οἷον  
 τὰ ὄμματα ὀρῶντα) καὶ παύεσθαι τοῦτο ποιοῦντα, ὁμοίως  
 δὲ καὶ χεῖρα καὶ ἄλλο πᾶν οὗ ἔστι τι ἔργον. Εἰ δὴ τινός  
 30 ἐστιν ἔργον τὸ αἰσθάνεσθαι, καὶ τοῦτο, ἂν ὑπερβάλλῃ ὅσον  
 ἦν χρόνον δυνάμενον αἰσθάνεσθαι συνεχῶς, ἀδυνατήσῃ καὶ  
 οὐκέτι τοῦτο ποιήσει. Εἰ τοίνυν τὸ ἐγρηγορέναι ὠριστα τῷ  
 454<sup>b</sup> λελύσθαι τὴν αἰσθησιν, τῶν δ' ἐναντίων τὸ μὲν ἀνάγκη  
 παρεῖναι τὸ δ' οὔ, (τῷ δ' ἐγρηγορέναι τὸ καθεύδειν ἐναντίον,  
 καὶ ἀναγκαῖον ἅπαντι θάτερον ὑπάρχειν, ἀναγκαῖον ἂν εἴη κα-  
 θεύδειν)· εἰ οὖν τὸ τοιοῦτον πάθος ὑπνος, τοῦτο δ' ἐστὶν ἀδυ-  
 5 ναμία δι' ὑπερβολὴν τοῦ ἐγρηγορέναι (ἢ δὲ τοῦ ἐγρηγορέναι  
 ὑπερβολὴ ὅτε μὲν νοσώδης ὅτε δὲ ἄνευ νόσου γίγνεται, ὥστε  
 καὶ ἢ ἀδυναμία καὶ ἢ διάλυσις ὡσαύτως ἔσται), ἀνάγκη  
 πᾶν τὸ ἐγρηγορὸς ἐνδέχεσθαι καθεύδειν· ἀδύνατον γὰρ ἀεὶ  
 9 ἐνεργεῖν.

<sup>25</sup> Variação: ζῶον <μῆ> ἔχον; Ross: μῆ adiecit Beare om. codd. *M<sup>CP</sup>*.

## SOBRE O SONO E A VIGÍLIA

I. 454<sup>a</sup> 19 – 454<sup>b</sup> 9

19 E também é similarmente <evidente> que não há nada que sempre esteja  
 20 desperto ou que sempre esteja dormindo, mas estes dois afetos  
 subsistem nos mesmos animais; pois, se existe um certo animal que tenha  
 sensação, não é possível que este nem durma, nem esteja desperto; com efeito,  
 estes afetos são ambos referentes à sensação do primeiro <órgão> sensitivo;  
 e nem é possível que um desses <afetos> sempre subsista no mesmo <ser>,  
 25 por exemplo, um certo gênero de animais que sempre dormisse ou que sempre  
 estivesse desperto, porque a tudo o que possui uma certa função conforme a natureza,  
 quando quer que <esta função> exceda o tempo durante o qual pode fazer algo, é necessário  
 tornar-se impotente, por exemplo, os olhos que veem e cessam de o fazer, e  
 similarmente também as mãos e tudo o mais de que existe uma certa função. Se,  
 30 de fato, o sentir é função de algo e isso exceder  
 o tempo durante o qual podia sentir continuamente, tornar-se-á impotente e  
 não mais o fará. Portanto, se o estar desperto é definido  
 454<sup>b</sup> pela sensação liberada; e é necessário que um dos contrários  
 esteja presente e que o outro, não; (<se> dormir é o contrário de estar desperto  
 e necessariamente um dos dois subsiste em todos, seria necessário  
 dormir); se, então, tal afeto é o sono, e este é uma impotência <que ocorre>  
 5 devido ao excesso de vigília (o excesso de vigília, por sua vez,  
 algumas vezes é nocivo, outras, acontece sem doença, de modo que  
 também a impotência e o desprendimento serão da mesma maneira), é necessário  
 que tudo o que esteja desperto seja passível de dormir, pois é impossível sempre  
 9 atuar.

## ΠΕΡΙ ΥΠΝΟΥ ΚΑΙ ΕΓΡΗΓΟΡΣΕΩΣ

I. 454<sup>b</sup> 9 – 454<sup>b</sup> 31

9 Ὅμοίως δὲ οὐδὲ καθεύδειν οὐδὲν ἀεὶ ἐνδέχεται. Ὁ γὰρ  
 10 ὕπνος πάθος τι τοῦ αἰσθητικοῦ μορίου ἐστίν, οἷον δεσμός τις καὶ  
 ἀκίνησία, ὥστ' ἀνάγκη πᾶν τὸ καθεύδον ἔχειν τὸ αἰσθητικὸν  
 μόνιον. Αἰσθητικὸν δὲ τὸ δυνατὸν αἰσθάνεσθαι κατ' ἐνέργειαν·  
 ἐνεργεῖν δὲ τῇ αἰσθήσει κυρίως καὶ ἀπλῶς ἀδύνατον καθ-  
 15 εὔδον ἅμα· διὸ ἀναγκαῖον ὕπνον πάντα ἐγερτὸν εἶναι. Τὰ μὲν  
 οὖν ἄλλα σχεδὸν ἅπαντα δῆλα κοινωνοῦνθ' ὕπνου, καὶ πλωτὰ  
 καὶ πτηνὰ καὶ πεζά. Καὶ γὰρ τὰ τῶν ἰχθύων γένη πάντα  
 καὶ τὰ τῶν μαλακίων ὄπται καθεύδοντα, καὶ τᾶλλα πάντα  
 ὅσαπερ ἔχει ὀφθαλμούς· καὶ γὰρ τὰ σκληρόφθαλμα φα-  
 20 νερά καὶ τὰ ἔντομα κοιμώμενα· βραχύπνα δὲ τὰ τοιαῦτα  
 πάντα, διὸ καὶ λάθοι ἂν τινα πολλάκις πότερον μετέχουσι  
 τοῦ καθεύδειν ἢ οὐ. Τῶν δ' ὀστρακοδέρμων κατὰ μὲν τὴν αἴσθη-  
 σιν οὐδέ πω γέγονε φανερόν· εἰ καθεύδουσιν· εἰ δὲ τῷ πιθανὸς  
 ὁ λεχθεὶς λόγος, τοῦτο πεισθήσεται. Ὅτι μὲν οὖν ὕπνου κοι-  
 25 νωνεῖ τὰ ζῷα πάντα, φανερόν ἐκ τούτων. Τῷ γὰρ αἰσθησιν  
 ἔχειν ὄριστα τὸ ζῷον, τῆς δ' αἰσθήσεως τρόπον τινὰ τὴν μὲν  
 ἀκίνησίαν καὶ οἷον δεσμὸν τὸν ὕπνον εἶναί φαμεν, τὴν δὲ  
 λύσιν καὶ τὴν ἄνεσιν ἐγρήγορσιν. Τῶν δὲ φυτῶν οὐδὲν οἷόν τε  
 κοινωνεῖν οὐδετέρου τούτων τῶν παθημάτων· ἄνευ μὲν γὰρ αἰ-  
 σθήσεως οὐχ ὑπάρχει οὔτε ὕπνος οὔτε ἐγρήγορσις· οἷς δ' αἰ-  
 30 σθησις ὑπάρχει, καὶ τὸ λυπεῖσθαι καὶ τὸ χαίρειν· οἷς δὲ  
 ταῦτα, καὶ ἐπιθυμία· τοῖς δὲ φυτοῖς οὐδὲν ὑπάρχει τού-

**SOBRE O SONO E A VIGÍLIA**I. 454<sup>b</sup> 9 – 454<sup>b</sup> 31

9 E, similarmente, nada é passível de sempre dormir. Com efeito,  
10 o sono é um certo afeto da parte sensitiva, tal como uma certa tranca e  
uma imobilidade, de modo que é necessário que todo aquele que dorme tenha a parte  
sensitiva. O que tem a potencialidade de sentir em ato é sensitivo;  
porém, atuar, apropriada e simplesmente, pela sensação, ao mesmo tempo em que se  
dorme, é impossível; por isso, necessariamente se deve poder despertar de todo sono.  
15 É certamente evidente, então, que quase todos os outros <animais> compartilham do  
sono: tanto os aquáticos, quanto os alados e os terrestres. Com efeito, também todos os  
gêneros dos peixes e dos moluscos foram vistos dormindo e todos os outros  
precisamente quantos têm olhos, pois é manifesto que também os que têm olhos  
rígidos e os insetos adormentam; porém, todos desse tipo têm um sono breve,  
20 por isso, muitas vezes pode escapar a alguém se participam ou não do dormir.  
No que concerne à sensação dos testáceos, ainda não se tornou manifesto se  
dormem, porém, se o argumento dito <com relação a isso> for persuasivo a alguém,  
ser-se-á persuadido por ele. Então, que certamente todos os animais compartilham  
do sono é manifesto a partir dessas coisas. Com efeito, o animal é definido  
25 por ter sensação e afirmamos que, por um lado, o sono é de certo modo a  
imobilidade da sensação, tal como uma tranca, por outro lado, a vigília é a liberação  
e o destravamento. E, por exemplo, nenhuma das plantas, por sua vez, compartilha  
de nenhum dos dois afetos: pois, certamente, por um lado, sem sensação  
não subsistem nem o sono nem a vigília, por outro lado, naqueles em que  
30 subsiste a sensação, também há o ser afligido e o regozijar-se, e naqueles em que  
estes <subsistem>, também há o apetite. Ao passo que nas plantas nenhum desses

## ΠΕΡΙ ΥΠΝΟΥ ΚΑΙ ΕΓΡΗΓΟΡΣΕΩΣ

I. 454<sup>b</sup> 32 – II. 455<sup>a</sup> 19

των. Σημεῖον δ' ὅτι καὶ τὸ ἔργον τὸ αὐτοῦ ποιεῖ τὸ θεραπευ-  
 455<sup>a</sup> κὸν μόριον ἐν τῷ καθεύδειν μᾶλλον ἢ ἐν τῷ ἐγρηγορέναι·  
 τρέφεται γὰρ καὶ αὐξάνεται τότε μᾶλλον, ὡς οὐδὲν προς-  
 δεόμενα πρὸς ταῦτα τῆς αἰσθήσεως.

## II

Διὰ τί δὲ καθεύδει καὶ ἐγρήγορε, καὶ διὰ ποίαν τινὰ  
 5 αἴσθησιν ἢ ποίας (εἰ διὰ πλείους), σκεπτέον. Ἐπεὶ δ' ἓνια μὲν  
 τῶν ζῴων ἔχει τὰς αἰσθήσεις πάσας, ἓνια δ' οὐκ ἔχει, οἷον  
 ὄψιν (τὴν δ' ἀφὴν καὶ τὴν γεῦσιν ἅπαντα ἔχει, πλὴν εἴ τι  
 τῶν ζῴων ἀτελές· εἴρηται δὲ περὶ αὐτῶν ἐν τοῖς Περὶ ψυ-  
 χῆς), ἀδύνατον δ' ἐστὶν ἀπλῶς ὁποιοῦν αἴσθησιν αἰσθάνεσθαι  
 10 τὸ καθεῦδον ζῴον, φανερόν ὅτι πάσαις ἀναγκαῖον ὑπάρχειν  
 τὸ αὐτὸ πάθος ἐν τῷ καλουμένῳ ὕπνῳ· εἰ γὰρ τῇ μὲν, τῇ δὲ  
 μή, ταύτη καθεῦδον αἰσθήσεται, τοῦτο δ' ἀδύνατον. Ἐπεὶ δ'  
 ὑπάρχει καθ' ἐκάστην αἴσθησιν τὸ μὲν τι ἴδιον, τὸ δὲ τι κοι-  
 νόν (ἴδιον μὲν οἷον τῇ ὄψει τὸ ὄραῖν, τῇ δ' ἀκοῇ τὸ ἀκούειν,  
 15 καὶ ταῖς ἄλλαις ἐκάστη κατὰ τὸν αὐτὸν τρόπον), ἔστι δὲ τις καὶ  
 κοινὴ δύναμις ἀκολουθοῦσα πάσαις, ἣ καὶ ὅτι ὄραῖ καὶ ἀκούει  
 αἰσθάνεται (οὐ γὰρ δὴ τῇ γε ὄψει ὄραῖ ὅτι ὄραῖ, καὶ κρίνει  
 δὴ καὶ δύναται κρίνειν ὅτι ἕτερα τὰ γλυκέα τῶν λευκῶν  
 οὔτε γεύσει οὔτε ὄψει οὔτε ἀμφοῖν, ἀλλὰ τινι κοινῷ μορίῳ

## SOBRE O SONO E A VIGÍLIA

I. 454<sup>b</sup> 32 – II. 455<sup>a</sup> 19

455<sup>a</sup> subsiste. E sinal de que a parte nutritiva desempenha a função que lhe é própria mais enquanto se dorme do que enquanto se está desperto <é que o animal> se nutre e se desenvolve mais <neste período>, como se em nada precisasse da sensação para isso.

### II

5 Por que se dorme e se desperta, e através de qual sentido ou de quais (se é através de mais <de um>), é preciso examinar. Visto que alguns dos animais possuem todos os sentidos, e outros não possuem, por exemplo, a visão (o tato e o paladar todos possuem, exceto se for um dos animais incompletos; e discorreu-se acerca deles nas <teorizações> sobre a alma), e <visto que> é impossível que o animal que esteja dormindo sinta simplesmente qualquer tipo de  
10 sensação, é manifesto que necessariamente o mesmo afeto subsiste em todos <os sentidos> no <assim> chamado *sono*; pois, se <o animal sentisse> por um <sentido> e por outro, não, desta maneira o que está dormindo sentiria, e isso é impossível. E, visto que subsiste, no que concerne a cada sentido, por um lado, algo que <lhe> é particular, por outro, algo que é comum (certamente é particular, por exemplo, à visão, o  
15 ver, à audição, o ouvir, e a cada um dos outros <sentidos ocorre> do mesmo modo), e <visto que> existe também uma certa potência comum que acompanha todos <os sentidos>, por meio da qual se sente que se vê e que se ouve (pois, de fato, não é pela visão que se vê que se vê e de fato não se discerne e não se pode discernir que são distintas as coisas doces das brancas nem pelo paladar, nem pela visão, nem por



## ΠΕΡΙ ΥΠΝΟΥ ΚΑΙ ΕΓΡΗΓΟΡΣΕΩΣ

Π. 455<sup>a</sup> 20 – 455<sup>b</sup> 7

- 20 τῶν αἰσθητηρίων ἀπάντων· ἔστι μὲν γὰρ μία αἴσθησις, καὶ τὸ κύριον αἰσθητήριον ἔν, τὸ δ' εἶναι αἰσθήσει τοῦ γένους ἐκάστου ἕτερον, οἷον ψόφου καὶ χρώματος), τοῦτο δ' ἅμα τῷ ἄπτικῷ μάλιστα ὑπάρχει (τοῦτο μὲν γὰρ χωρίζεται τῶν ἄλλων αἰσθητηρίων, τὰ δ' ἄλλα τούτου ἀχώριστα, εἴρηται δὲ
- 25 περὶ αὐτῶν ἐν τοῖς Περὶ ψυχῆς θεωρήμασιν), φανερόν τοίνυν ὅτι τούτου ἐστὶ πάθος ἢ ἐγρήγορσις καὶ ὁ ὕπνος διὸ καὶ πᾶσιν ὑπάρχει τοῖς ζώοις· καὶ γὰρ ἢ ἀφή μόνη πᾶσιν· εἰ γὰρ τῷ πάσας τι πεπονθέναι τὰς αἰσθήσεις ἐγένετο τὸ καθεῦδεν, ἄτοπον εἰ αἷς οὔτε ἀνάγκη οὔτε δυνατόν τρόπον τινὰ
- 30 ἐνεργεῖν ἅμα, ταύτας ἀναγκαῖον ἀργεῖν ἅμα καὶ ἀκινητίζειν· τούναντίον γὰρ εὐλογώτερον συνέβαιεν ἂν αὐταῖς, τὸ μὴ ἅμα ἠρεμεῖν. Ὡς δὲ νῦν λέγομεν, εὐλόγως ἔχει καὶ περὶ τούτων· τοῦ γὰρ κυρίου τῶν ἄλλων πάντων αἰσθητηρίου, καὶ πρὸς ὃ συντείνει τᾶλλα, πεπονθότος τι συμπάσχειν ἀ-
- 455<sup>b</sup> ναγκαῖον, καὶ τὰ λοιπὰ πάντα, ἐκείνων δὲ τινος ἀδυνατοῦν-
- 2 τος οὐκ ἀνάγκη τοῦτ' ἀδυνατεῖν.
- 2 Φανερόν δὲ ἐκ πολλῶν ὅτι οὐκ ἐν τῷ τὰς αἰσθήσεις ἀργεῖν καὶ μὴ χρῆσθαι αὐταῖς ὁ ὕπνος, οὐδ' ἐν τῷ μὴ δύνασθαι αἰσθάνεσθαι (καὶ γὰρ ἐν ταῖς
- 5 λειποψυχίαις τοιοῦτόν τι συμβαίνει· ἀδυναμία γὰρ αἰσθήσεως ἢ λειποψυχία, γίνονται δὲ καὶ ἔκνοιαι τινες τοιαῦται· ἔτι δ' οἱ τὰς ἐν τῷ αὐχένι φλέβας καταλαμβανόμενοι ἀναί-

## SOBRE O SONO E A VIGÍLIA

II. 455<sup>a</sup> 20 – 455<sup>b</sup> 7

20 ambos, mas por meio de certa parte comum a todos os órgãos sensoriais; pois, certamente, a sensação é uma e um é o órgão sensorial dominante, e o ser para a sensação de cada gênero <de coisas> é distinto, por exemplo, <o> do som e <o> da cor), esse <órgão sensorial dominante> subsiste sobretudo juntamente com o <órgão> tátil (pois este, por um lado, separa-se dos outros órgãos sensoriais, por outro lado, os outros são inseparáveis dele; discorreu-se acerca deles nas teorizações sobre a alma),  
 25 é manifesto, portanto, que a vigília e o sono são afetos desse <órgão>; também por isto <o órgão tátil> subsiste em todos os animais; pois também só o tato <subsiste> em todos; com efeito, seria absurdo se fosse necessário que o dormir acontecesse por terem sido de certa maneira afetados todos os sentidos, nem é possível que <todos os  
 30 sentidos> de algum modo atuem simultaneamente, nem é necessário simultaneamente se inativarem e se imobilizarem; com efeito, seria mais razoável que lhes ocorresse o contrário: que não inertizassem simultaneamente. Destarte, o que agora dizemos é razoável também quanto a isto: quando é afetado o órgão sensorial que domina todos os outros e para o qual todos tendem, necessariamente, de certa maneira,  
 455<sup>b</sup> conjuntamente se afetam também todos os outros restantes, porém, um destes se tornando impotente, não há necessidade de aquele se tornar impotente.

2 A partir de muitas coisas é manifesto que o sono não está na inatividade dos sentidos e em não os usar, nem em não poder sentir (com efeito, tal qual ocorre de certa maneira nos desmaios, pois o desmaio é uma impotência dos sentidos; e também  
 5 tal quais surgem alguns estados de inconsciência; ademais, os que têm as veias do pescoço constringidas tornam-se insensíveis), mas <o sono surge> quando quer que a impotência do uso <dos sentidos> não esteja em um órgão sensorial fortuito, nem

## ΠΕΡΙ ΥΠΝΟΥ ΚΑΙ ΕΓΡΗΓΟΡΣΕΩΣ

Π. 455<sup>b</sup> 8 – 455<sup>b</sup> 29

σθητοι γίνονται)<sup>26</sup>, ἀλλ' ὅταν ἡ ἀδυναμία τῆς χρήσεως μήτ' ἐν τῷ τυχόντι αἰσθητηρίῳ, μήτε δι' ἣν ἔτυχεν αἰτίαν, ἀλλὰ  
 10 καθάπερ εἴρηται νῦν, ἐν τῷ πρώτῳ ᾧ αἰσθάνεται πάντων· ὅταν μὲν γὰρ τοῦτ' ἀδυνατήσῃ, ἀνάγκη καὶ τοῖς αἰσθητηρίοις πᾶσιν ἀδυνατεῖν αἰσθέσθαι· ὅταν δ' ἐκείνων τι, οὐκ ἀνάγκη  
 13 τούτῳ.  
 13 Δι' ἣν δ' αἰτίαν συμβαίνει τὸ καθεύδειν, καὶ ποῖόν τι τὸ πάθος ἐστὶ, λεκτέον. Ἐπεὶ δὲ τρόποι<sup>27</sup> πλείους τῆς αἰτίας  
 15 (καὶ γὰρ τὸ τίνοσ ἔνεκεν, καὶ ὅθεν ἡ ἀρχὴ τῆς κινήσεως, καὶ τὴν ὕλην καὶ τὸν λόγον αἴτιον εἶναι φαμεν), πρῶτον μὲν οὖν ἐπειδὴ λέγομεν τὴν φύσιν ἕνεκά του ποιεῖν, τοῦτο δὲ ἀγαθόν τι, τὴν δ' ἀνάπαυσιν παντὶ τῷ πεφυκότι κινεῖσθαι, μὴ δυναμένῳ<sup>28</sup> δ' ἀεὶ καὶ συνεχῶς κινεῖσθαι μεθ' ἡδονῆς, ἀναγκαῖον εἶναι καὶ ὠφέλιμον, τῷ δὲ ὕπνῳ αὐτῇ τῇ ἀληθείᾳ προσάπτουσι τὴν μεταφορὰν ταύτην ὡς ἀναπαύσει ὄντι ὅστε σωτηρίας ἕνεκα τῶν ζώων ὑπάρχει. Ἡ δ' ἐγρήγορσις τέλος· τὸ γὰρ αἰσθάνεσθαι καὶ τὸ φρονεῖν πᾶσι τέλος οἷς ὑπάρχει θάτερον αὐτῶν· βέλτιστα γὰρ ταῦτα, τὸ δὲ τέλος  
 25 βέλτιστον. Ἔτι δὲ ἀναγκαῖον ἐκάστῳ τῶν ζώων ὑπάρχειν τὸν ὕπνον. Λέγω δ' ἐξ ὑποθέσεως τὴν ἀνάγκην, ὅτι εἰ ζῶον ἔσται ἔχον τὴν αὐτοῦ φύσιν, ἐξ ἀνάγκης τινὰ ὑπάρχειν αὐτῷ δεῖ, καὶ τούτων ὑπαρχόντων ἕτερα ὑπάρχειν. Ἔτι δὲ ποίας κινήσεως καὶ πράξεως ἐν τοῖς σώμασι γιγνομένης συμβαίνει τό

<sup>26</sup> Na versão de Siwek está faltando fechar o parêntese.

<sup>27</sup> Siwek: πρόποι (*sic*).

<sup>28</sup> Ross: δυναμένῳ (não há indicação da variação no aparato crítico). Siwek adota δυναμένῳ e indica: 19. δυναμένων *E*. Aqui seguiremos Ross.

## SOBRE O SONO E A VIGÍLIA

II. 455<sup>b</sup> 8 – 455<sup>b</sup> 29

fortuitamente ocorra devido a uma causa, mas, conforme se mencionou agora, <quando a impotência está> no primeiro <órgão sensorial> por meio do qual se sente  
 10 tudo; pois, por um lado, quando quer que este se torne impotente, há necessidade de também todos os órgãos sensoriais se tornarem impotentes para sentir; por outro lado, quando quer que algum daqueles <se torne impotente>, não há necessidade de este <se tornar> por meio disso.  
 13

13 É preciso dizer devido a que causa ocorre o dormir e de que tipo é o afeto. Visto que existem mais modos da causa  
 15 (pois afirmamos ser causa: *o em vista de que; de onde parte o princípio do movimento; a matéria; e o conceito*), então, em primeiro lugar, por um lado, uma vez que dizemos que a natureza produz *em vista de* algo, e isso é um certo bem; e que o repouso do mover-se, para todo aquele que por natureza não pode sempre nem continuamente mover-se com prazer, é necessário  
 20 e útil, verdadeiramente atribuem ao sono esta metáfora de ser um repouso; deste modo, ele subsiste *em vista da* preservação dos animais. A vigília, por outro lado, é um fim, pois o sentir e o ponderar são um fim em todos aqueles nos quais subsiste um desses dois; com efeito, estes são os melhores e o fim é o  
 25 melhor. Ademais, é necessário subsistir o sono em cada um dos animais. Porém, menciono a necessidade por hipótese, porque, se houver um animal que possua a natureza que lhe é própria, por necessidade algo deve subsistir nele, e, uma vez subsistindo essas coisas, outras subsistem. Ademais, é preciso em seguida dizer a partir de quais movimentos e ações, os quais surgem nos corpos, ocorrem

## ΠΕΡΙ ΥΠΙΝΟΥ ΚΑΙ ΕΓΡΗΓΟΡΣΕΩΣ

Π. 455<sup>b</sup> 30 – 456<sup>a</sup> 17

30 τε ἐγρηγορέναι καὶ τὸ καθεύδειν τοῖς ζώοις, μετὰ ταῦτα  
λεκτέον. Τοῖς μὲν οὖν ἄλλοις ζώοις καθάπερ τοῖς ἐναίμοις  
ὑποληπτέον εἶναι τὰ αἷτια τοῦ πάθους ἢ ταῦτα ἢ τὰ ἀνά-  
λογον, τοῖς δ' ἐναίμοις ἄπερ τοῖς ἀνθρώποις· ὥστε ἐκ τούτων  
34 πάντα θεωρητέον.

34 Ὅτι μὲν οὖν ἡ τῆς αἰσθήσεως ἀρχὴ γίνετα  
456<sup>a</sup> ἀπὸ τοῦ αὐτοῦ μέρους τοῖς ζώοις ἀφ' οὗπερ καὶ ἡ τῆς κινήσεως,  
διώρισταί πρότερον ἐν ἑτέροις. Αὕτη δέ ἐστι τριῶν διωρισμένων  
τόπων ὁ μέσος κεφαλῆς καὶ τῆς κάτω κοιλίας. Τοῖς μὲν  
οὖν ἐναίμοις τοῦτ' ἐστὶ τὸ περὶ τὴν καρδίαν μέρος· ἅπαντα γὰρ  
5 τὰ ἔναιμα καρδίαν ἔχει, καὶ ἡ ἀρχὴ τῆς κινήσεως καὶ τῆς  
αἰσθήσεως τῆς κυρίας ἐντεῦθεν ἐστίν. Τῆς μὲν οὖν κινήσεως  
φανερὸν ὅτι καὶ ἡ τοῦ πνεύματος ἀρχὴ καὶ ὅλως ἡ τῆς κατα-  
ψύξεώς ἐστὶν ἐνταῦθα, καὶ τὸ ἀναπνεῖν τε καὶ τὸ τῷ ὑγρῷ  
καταψύχεσθαι πρὸς γε τὴν σωτηρίαν τοῦ ἐν τούτῳ μορίῳ θερ-  
10 μοῦ ἢ φύσις πεπόρικεν· ῥηθήσεται δὲ περὶ αὐτῆς ὕστερον καθ'  
αὐτήν. Τοῖς δὲ ἀναίμοις καὶ τοῖς ἐντόμοις καὶ μὴ δεχομέ-  
νοις πνεῦμα ἐν τῷ ἀνάλογον τὸ σύμφυτον πνεῦμα ἀνα-  
φυσώμενον καὶ συνιζάνον φαίνεται. Δῆλον δὲ τοῦτο ἐπὶ τῶν  
ὀλοπτέρων, οἷον σφηκῶν καὶ μελιττῶν, καὶ ἐν ταῖς μυῖαις  
15 καὶ ὅσα τοιαῦτα. Ἐπεὶ δὲ κινεῖν μὲν τι ἢ ποιεῖν ἄνευ ἰσχύος  
ἀδύνατον, ἰσχὸν δὲ ποιεῖ ἡ τοῦ πνεύματος κάθεξις, τοῖς μὲν  
εἰσφερομένοις ἢ θύραθεν, τοῖς δὲ μὴ ἀναπνέουσιν ἢ σύμ-

## SOBRE O SONO E A VIGÍLIA

II. 455<sup>b</sup> 30 – 456<sup>a</sup> 17

30 aos animais tanto o estar desperto quanto o dormir. Então, é preciso depreender que, por um lado, as causas do afeto nos outros animais existem conforme <as que existem> nos sanguíneos, sendo as mesmas ou análogas, e, por outro lado, nos sanguíneos são precisamente as que existem nos humanos; deste modo, a partir dessas coisas, é preciso teorizar sobre tudo.

34 Então, foi delimitado anteriormente, nas outras <teorizações>, que o princípio da sensação surge a partir da mesma parte nos animais precisamente a partir da qual também <surge o princípio> do movimento. E dado que estão delimitados três lugares, esse <princípio> está no meio, entre a cabeça e o baixo ventre. Então, por um lado, nos <animais> sanguíneos, é aquilo que está na parte ao redor do coração; pois todos os <animais> sanguíneos têm coração, e é dali <que surge> o princípio do movimento e da sensação dominante. Então, é manifesto que certamente o princípio do movimento, do fôlego e do resfriamento em geral está aí, e a natureza concebeu tanto o respirar quanto o resfriar-se pelo úmido decerto para a preservação do calor nessa parte; e posteriormente se discorrerá acerca dele, segundo ele próprio. Por sua vez, nos que não têm sangue, nos insetos e nos que não recebem ar, em uma <parte> análoga o ar conatural manifesta-se expandindo-se e retraindo. Isso é evidente no caso dos que têm asas inteiriças, por exemplo, as vespas e as abelhas, e também nas moscas e em quantos forem desse tipo. E, visto que certamente é impossível mover algo ou produzir sem força, e a retenção do fôlego produz força, por um lado, a <retenção> nos que introduzem <o ar> a partir de fora, por outro, a <retenção>

## ΠΕΡΙ ΥΠΝΟΥ ΚΑΙ ΕΓΡΗΓΟΡΣΕΩΣ

Π. 456<sup>a</sup> 18 – ΙΙΙ 456<sup>b</sup> 1

φυτος (διὸ καὶ βομβοῦντα φαίνεται τὰ περωτά, ὅταν κινῆται, τῆ τρίψει τοῦ πνεύματος προσπίπτοντος πρὸς τὸ ὑπόζωμα τῶν ὀλοπτέρων), κινεῖται δὲ πᾶν αἰσθήσεώς τινος γενομένης, ἢ οἰκείας ἢ ἀλλοτρίας, ἐν τῷ πρώτῳ αἰσθητηρίῳ· εἰ δὲ ἐστὶν ὁ ὕπνος καὶ ἡ ἐγρήγορσις πάθη τοῦ μορίου τούτου, ἐν ᾧ μὲν τόπῳ καὶ ἐν ᾧ μορίῳ πρώτῳ γίγνεται ὁ ὕπνος καὶ ἡ ἐγρήγορσις, φανερόν.

Κινοῦνται δ' ἔνιοι καθεύδοντες καὶ ποιοῦσι πολλὰ ἐγρηγορικά, οὐ μέντοι ἄνευ φαντάσματος καὶ αἰσθήσεώς τινος· τὸ γὰρ ἐνύπνιον ἐστὶν αἴσθημα τρόπον τινά· λεκτέον δὲ περὶ αὐτῶν ὕστερον. Διότι δὲ τὰ μὲν ἐνύπνια μνημονεύουσιν ἐγερθέντες, τὰς δ' ἐγρηγορικάς πράξεις οὐ μνημονοῦσιν ἐν τοῖς Προβληματικοῖς εἴρηται.

## ΙΙΙ

Ἐχόμενον δὲ τῶν εἰρημένων ἐστὶν ἐπελθεῖν τίνων γιγνομένων καὶ πόθεν ἢ ἀρχὴ τοῦ πάθους γίγνεται, τοῦ τ' ἐγρηγορέναι καὶ τοῦ καθεύδειν. Φανερόν δὴ ὅτι ἐπεὶ ἀναγκαῖον τῷ ζῳῳ, ὅταν αἴσθησιν ἔχη, τότε πρῶτον τροφήν τε λαμβάνειν καὶ αὐξήσιν, τροφή δ' ἐστὶ πᾶσιν ἢ ἐσχάτη τοῖς μὲν ἐναίμοις ἢ τοῦ αἵματος φύσις, τοῖς δ' ἀναίμοις τὸ ἀνάλογον, 456<sup>b</sup> τόπος δὲ τοῦ αἵματος αἱ φλέβες, τούτων δ' ἀρχὴ ἢ καρδία

## SOBRE O SONO E A VIGÍLIA

II. 456<sup>a</sup> 18 – III 456<sup>b</sup> 1

conatural nos que não respiram (por isso, também os alados manifestam-se zumbindo, quando quer que se movam, devido à precipitação do ar contra a divisão entre o tórax e o abdome dos que têm asas inteiriças); e <visto que> tudo se move devido ao surgimento, no primeiro órgão sensorial, de alguma sensação do que <lhe> é peculiar ou do que <lhe> é alheio; se, de fato, o sono e a vigília são afetos dessa parte, é manifesto *o lugar certamente em quê e a primeira parte na qual* surgem o sono e a vigília.

Alguns que estão dormindo, porém, se movem e fazem muitas coisas que são próprias do estado de vigília, por certo não sem representação e uma certa sensação; pois o sonho é, de certo modo, uma sensação; é preciso discorrer acerca deles posteriormente. E por que, por um lado, tendo-se despertado, lembram-se dos sonhos e, por outro, não se lembram das ações próprias do estado de vigília, está dito nos *Problemas*.

### III

Subsequentemente ao que foi mencionado há de se expor as conjunturas para o surgimento tanto do estar desperto quanto do dormir, e de onde surge o princípio do afeto. É de fato manifesto que – visto que é necessário ao animal, quando quer que tenha uma sensação, neste caso primeiramente receber alimento e ganhar desenvolvimento; e o alimento final, por um lado, para todos os <animais> sanguíneos é a natureza do sangue, por outro lado, para os que não têm sangue é o análogo <ao sangue>; e o lugar do sangue é as veias, e dessas o coração é o



## ΠΕΡΙ ΥΠΝΟΥ ΚΑΙ ΕΓΡΗΓΟΡΣΕΩΣ

III. 456<sup>b</sup> 2 – 456<sup>b</sup> 23

(φανερὸν δὲ τὸ λεχθὲν ἐκ τῶν ἀνατομῶν) – τῆς μὲν οὖν θύραθεν τροφῆς εισιούσης εἰς τοὺς δεκτικούς τόπους γίνεται ἢ ἀναθυμιάσις εἰς τὰς φλέβας, ἐκεῖ δὲ μεταβάλλουσα ἐξαιματοῦται καὶ πορεύεται ἐπὶ τὴν ἀρχήν. Εἴρηται δὲ περὶ τούτων ἐν τοῖς Περὶ τροφῆς· νῦν δὲ ἀναληπτέον ὑπὲρ αὐτῶν τούτου χάριν, ὅπως τὰς ἀρχὰς τῆς κινήσεως θεωρήσωμεν, καὶ τί πάσχοντος τοῦ μορίου τοῦ αἰσθητικοῦ συμβαίνει ἢ ἐγρήγορσις καὶ ὁ ὕπνος. Οὐ γάρ ἐστιν ὁ ὕπνος ἡτισοῦν ἀδυναμία τοῦ αἰσθητικοῦ, καθάπερ εἴρηται· καὶ γὰρ ἔκνοια καὶ πνιγμός τις καὶ λειποψυχία ποιεῖ τὴν τοιαύτην ἀδυναμίαν. Ἦδη δὲ γεγένηται τισὶ καὶ φαντασία λειποψυχήσασιν ἰσχυρῶς.

12  
12  
15  
20  
Τοῦτο μὲν οὖν ἔχει τινὰ ἀπορίαν· εἰ γὰρ ἐνδέχεται καταδαρθεῖν τὸν λειποψυχήσαντα, ἐνδέχοιτ' ἂν ἐνύπνιον εἶναι καὶ τὸ φάντασμα. Πολλὰ δ' ἐστὶν ἃ λέγουσιν οἱ σφόδρα λειποψυχήσαντες καὶ δόξαντες τεθνάναι· περὶ ὧν τὸν αὐτὸν λόγον ὑποληπτέον εἶναι πάντων. Ἀλλὰ γάρ, ὥσπερ εἶομεν, οὐκ ἐστὶν ὁ ὕπνος ἀδυναμία πᾶσα τοῦ αἰσθητικοῦ, ἀλλ' ἐκ τῆς περὶ τὴν τροφήν ἀναθυμιάσεως γίνεται τὸ πάθος τοῦτο· ἀνάγκη γὰρ τὸ ἀναθυμιώμενον μέχρι πού ὠθεῖσθαι, εἴτ' ἀντιστρέφειν καὶ μεταβάλλειν καθάπερ εὐριπον. Τὸ δὲ θερμὸν ἐκάστου τῶν ζώων πρὸς τὸ ἄνω πέφυκε φέρεσθαι· ὅταν δ' ἐν τοῖς ἄνω τόποις γένηται, ἀθρόον πάλιν ἀντιστρέφει

## SOBRE O SONO E A VIGÍLIA

### III. 456<sup>b</sup> 2 – 456<sup>b</sup> 23

princípio (o que é dito é manifesto a partir das dissecações) – quando, então, por um lado, o alimento, a partir de fora, entra nos lugares receptivos, <ele> torna-se a exalação em direção às veias, por outro lado, ali mudando, torna-se sangue e dirige-se até o princípio. Discorreu-se sobre isso nas <teorizações> acerca da alimentação, e agora é preciso retomar o que concerne a essas coisas em proveito disto: a fim de teorizarmos sobre os princípios do movimento e sobre o que afeta a parte sensitiva de modo a ocorrer a vigília e o sono. Com efeito, o sono não é qualquer impotência da <parte> sensitiva, conforme se mencionou, pois também uma inconsciência, um certo estrangulamento e um desmaio produzem tal impotência. Porém, também já surgiu representação em alguns que desmaiaram profundamente.

Então, isso certamente apresenta certa aporia: se, com efeito, é possível que caia adormecido o que desmaiou, seria possível que também a representação fosse um sonho. E muitas são as coisas as quais dizem os que desmaiaram por demasiado tempo e pareciam estar mortos; acerca delas é preciso depreender que tenham todas a mesma razão. Mas, com efeito, precisamente como dissemos, o sono não é uma impotência total da <parte> sensitiva, mas este afeto surge a partir da exalação relativa à refeição; pois há necessidade de o que é exalado <exalar-se> até onde for repellido, depois retornar e mudar, conforme <ocorre em> um estreito de fluxo instável<sup>29</sup>. O calor de cada um dos animais é naturalmente impelido para cima e, quando quer que nas partes superiores se torne acumulado,<sup>30</sup> de novo retorna e descende.

<sup>29</sup> Provavelmente, como o próprio termo grego indica, εὐριπός refere-se em especial ao estreito de Euripo, que separa a Eubeia da Beócia. Este estreito é renomado por apresentar correntes de fortes marés que invertem a direção várias vezes ao dia.

<sup>30</sup> Aqui optamos por mudar a vírgula de Siwed de lugar, para que ἄθρόον seja o predicativo de γένηται.

## ΠΕΡΙ ΥΠΝΟΥ ΚΑΙ ΕΓΡΗΓΟΡΣΕΩΣ

III. 456<sup>b</sup> 24 – 457<sup>a</sup> 11

καὶ καταφέρεται. Διὸ μάλιστα γίνονται ὕπνοι ἀπὸ τῆς τρο-  
 25 φῆς· ἀθρόον γὰρ πολὺ τὸ τε ὑγρὸν καὶ τὸ σωματῶδες ἀνα-  
 φέρεται. Ἰστάμενον μὲν οὖν βαρύνει καὶ ποιεῖ νυστάζειν· ὅταν  
 δὲ ῥέψη κάτω καὶ ἀντιστρέψαν ἀπόση τὸ θερμόν, τότε γί-  
 γνεται ὁ ὕπνος καὶ τὸ ζῶον καθεύδει. Σημεῖον δὲ τούτων καὶ  
 τὰ ὑπνωτικά· πάντα γὰρ καρηβαρίαν ποιεῖ, καὶ τὰ ποτὰ  
 30 καὶ τὰ βρωτά, μήκων, μανδραγόρας, οἶνος, αἶραι. Καὶ  
 καταφερόμενοι καὶ νυστάζοντες τοῦτο δοκοῦσι πάσχειν, καὶ  
 ἀδυνατοῦσιν αἶρειν τὴν κεφαλὴν καὶ τὰ βλέφαρα. Καὶ μετὰ  
 τὰ σιτία μάλιστα τοιοῦτος ὁ ὕπνος· πολλὴ γὰρ ἢ ἀπὸ τῶν  
 σιτίων ἀναθυμίασις. Ἔτι δ' ἐκ κόπων ἐνίων· ὁ μὲν γὰρ κόπος  
 35 συντηκτικόν, τὸ δὲ σύντηγμα γίνεται ὡσπερ τροφή ἄ-  
 457<sup>a</sup> πεπτος, ἂν μὴ ψυχρὸν ᾖ. Καὶ νόσοι δέ τινες τὸ αὐτὸ τοῦτο ποι-  
 οῦσιν, ὅσαι ἀπὸ περιττώματος ὑγροῦ καὶ θερμοῦ, οἶον συμ-  
 βαίνει τοῖς πυρέττουσι καὶ ἐν τοῖς ληθάργοις. Ἔτι δ' ἡ πρώ-  
 τη ἡλικία· τὰ γὰρ παιδιά καθεύδει σφόδρα διὰ τὸ τὴν  
 5 τροφήν ἄνω φέρεσθαι πᾶσαν. Σημεῖον δὲ τὸ ὑπερβάλλειν  
 τὸ μέγεθος τῶν ἄνω πρὸς τὰ κάτω κατὰ τὴν πρώτην ἡλι-  
 κίαν, διὰ τὸ ἐπὶ ταῦτα γίνεσθαι τὴν αὔξησιν. Διὰ ταύτην  
 δὲ τὴν αἰτίαν καὶ ἐπιληπτικὰ γίνονται· ὅμοιον γὰρ ὁ ὕπνος  
 ἐπιλήψει, καὶ ἔστιν τρόπον τινὰ ὁ ὕπνος ἐπίληψις. Διὸ καὶ  
 10 συμβαίνει πολλοῖς ἢ ἀρχὴ τούτου τοῦ πάθους καθεύδουσιν,  
 καὶ καθεύδοντες μὲν ἀλίσκονται, ἐγρηγορότες δ' οὐ· ὅταν

## SOBRE O SONO E A VIGÍLIA

III. 456<sup>b</sup> 24 – 457<sup>a</sup> 11

Por isso, os <estados de> sono surgem sobretudo após a refeição,  
 25 pois tanto o líquido quanto a massa corpórea acumulados ascendem.  
 Certamente, então, estancando-se pesam e produzem um estado ensonado; e,  
 quando quer que se inclinem para baixo e retornando expilam o calor, neste momento  
 surge o sono e o animal dorme. Sinal dessas coisas são também  
 os soníferos, pois todos produzem um peso na cabeça, tanto os bebíveis  
 30 quanto os comestíveis: papoula, mandrágora, vinho e joio. Tanto por adormecerem  
 quanto por se tornarem ensonadas, <os que os ingerem> parecem se afetar desta maneira, e  
 tornam-se impotentes para levantar a cabeça e as pálpebras. Tal sono também <ocorre>  
 sobretudo após as refeições de grãos, pois há muita exalação oriunda destas  
 refeições. Ademais, <um sono desse tipo também> é proveniente de algumas fadigas, pois,  
 35 por um lado, a fadiga é deteriorante, por outro, a matéria deteriorada torna-se  
 457<sup>a</sup> precisamente como um alimento indigesto, se porventura não for fria. E também  
 algumas doenças produzem o mesmo efeito, quantas <delas> ocorrem por meio de  
 secreção líquida e quente, tal como <ocorre> aos que estão febris e aos letárgicos.  
 Ademais, a primeira infância <também o produz>, com efeito, as crianças dormem  
 5 demasiadamente, porque todo o alimento é impelido para cima. Sinal disso é <o fato  
 de> a grandeza das <partes> superiores exceder <a> das inferiores durante a primeira  
 infância, devido ao fato de o desenvolvimento surgir sobre estas. E devido à mesma  
 causa <as crianças> também se tornam epiléticas, pois o sono é similar  
 à epilepsia, e o sono é, de certo modo, uma epilepsia. Por isso, o princípio  
 10 deste afeto também ocorre a muitos que estão dormindo,  
 e ao estarem dormindo são tomados <pela crise>, tendo-se despertado, porém, não

## ΠΕΡΙ ΥΠΝΟΥ ΚΑΙ ΕΓΡΗΓΟΡΣΕΩΣ

III. 457<sup>a</sup> 12 – 457<sup>b</sup> 1

γὰρ πολὺ φέρηται τὸ πνεῦμα ἄνω, καταβαῖνον πάλιν τὰς  
 φλέβας ὀγκοῖ, καὶ συνθλίβει τὸν πόρον δι' οὗ ἢ ἀναπνοὴ  
 γίγνεται. Διὸ τοῖς παιδίοις οὐ συμφέρουσιν οἱ οἴνοι, οὐδὲ ταῖς  
 15 τίτθαις (διαφέρει γὰρ ἴσως οὐδὲν αὐτὰ πίνειν ἢ τὰς τίτθας),  
 ἀλλὰ δεῖ πίνειν ὕδαρῃ καὶ ὀλίγον· πνευματώδες γὰρ ὁ οἴ-  
 νος καὶ τούτου μᾶλλον ὁ μέλας. Οὕτω δὲ τὰ ἄνω πλήρη  
 τῆς τροφῆς τοῖς παιδίοις, ὥστε πέντε μηνῶν οὐδὲ στρέφουσι  
 τὸν αὐχένα· ὥσπερ γὰρ τοῖς σφόδρα μεθύουσιν, ὑγρότης  
 20 ἀναφέρεται πολλή. Εὐλόγον δὲ τοῦτ' εἶναι τὸ πάθος αἴτιον  
 καὶ τοῦ ἠρεμεῖν ἐν ταῖς μήτραις τὰ ἔμβρυα τὸ πρῶτον. Καὶ  
 τὸ ὅλον δὲ φίλυπνοι οἱ ἀδηλόφλεβοι καὶ οἱ νανώδεις καὶ  
 οἱ μεγαλοκέφαλοι· τῶν μὲν γὰρ αἱ φλέβες στεναί, ὥστ' οὐ  
 ῥάδιον διαρρεῖν κατιὸν τὸ ὑγρόν, τοῖς δὲ νανώδεσι καὶ με-  
 25 γαλοκεφάλοις ἢ ἄνω ὀρμὴ πολλή καὶ ἀναθυμίασις. Οἱ δὲ  
 φλεβώδεις οὐχ ὑπνωτικοὶ δι' εὔροισιν τῶν πόρων, ἂν μὴ τι  
 ἄλλο πάθος ἔχωσιν ὑπεναντίον. Οὐδ' οἱ μελαγχολικοί· κατ-  
 ἐψυκται γὰρ ὁ εἶσω τόπος, ὥστ' οὐ γίγνεται πλῆθος αὐτοῖς  
 ἀναθυμιάσεως. Διὰ τοῦτο γὰρ καὶ βρωτικοί, σκληροὶ ὄντες·  
 30 ὥσπερ γὰρ οὐδὲν ἀπολελαυκότα διάκειται τὰ σώματα αὐ-  
 τοῖς. Ἡ δὲ μέλαινα χολὴ φύσει ψυχρὰ οὔσα καὶ τὸν  
 θρεπτικὸν τόπον ψυχρὸν ποιεῖ καὶ τὰ ἄλλα μόρια, ὅπου ἂν  
 ὑπάρχη δυνάμει τὸ τοιοῦτον περίττωμα· ὥστε φανερὸν ἐκ  
 457<sup>b</sup> τῶν εἰρημένων ὅτι ὁ ὕπνος ἐστὶ σύννοδός τις τοῦ θερμοῦ εἶσω

## SOBRE O SONO E A VIGÍLIA

### III. 457<sup>a</sup> 12 – 457<sup>b</sup> 1

<mais>; com efeito, quando quer que muito ar seja impelido para cima, de novo descendo, dilata as veias e comprime a passagem através da qual a respiração acontece. Por isso, os vinhos não beneficiam as crianças nem as  
 15 amas de leite (pois igualmente em nada difere as próprias <crianças> ou as amas de leite <o> beberem), mas se deve bebê<-lo> aguado e em pouca quantidade, pois o vinho é flatulento, e ainda mais o tinto. E nas crianças as <partes> superiores são de tal forma cheias de alimento, de modo que aos cinco meses <elas> nem viram o pescoço; pois, precisamente como nos que se embriagam  
 20 demasiadamente, muita umidade ascende. E é razoável que este afeto também seja causa de os embriões no útero primeiramente se inertizarem. Em geral, também aqueles cujas veias não são evidentes, os anões e os cabeçudos, são dorminhocos, pois, naqueles, suas veias são estreitas, de modo que não é fácil que o líquido esorra recaindo, e nestes, nos anões e  
 25 nos cabeçudos, há muito impulso para cima e exalação. Os que são cheios de veias, por sua vez, não são sonolentos devido ao fluxo das veias, caso não tenham algum outro afeto sobreposto. Nem os melancólicos <são sonolentos>, pois a região interna é resfriada, de modo que não surge neles uma abundância de exalação. Com efeito, por isso, embora sejam magros, também são vorazes,  
 30 pois seus corpos permanecem precisamente como se <não> tivessem aproveitado nada <do alimento>. E a bile negra, sendo naturalmente fria, faz com que tanto o lugar da nutrição seja frio quanto as outras partes onde porventura subsistir em potência tal secreção. Deste modo, é manifesto, a partir  
 457<sup>b</sup> do que foi mencionado, que o sono é uma certa aglomeração do calor interno

## ΠΕΡΙ ΥΠΝΟΥ ΚΑΙ ΕΓΡΗΓΟΡΣΕΩΣ

III. 457<sup>b</sup> 2 – 457<sup>b</sup> 23

καὶ ἀντιπερίστασις φυσικὴ διὰ τὴν εἰρημένην αἰτίαν. Διὸ πολλὴ ἢ κίνησις τοῦ ὑπνοῦντος. Ὅθεν δ' ἐκλείπει, καταψύχεται καὶ διὰ ψῦξιν καταπίπτει τὰ βλέφαρα. Καὶ τὰ μὲν  
5 ἄνω κατέψυκται καὶ τὰ ἔξω, τὰ δ' ἔντος καὶ τὰ κάτω θερμά, οἷον τὰ περὶ τοὺς πόδας καὶ τὰ εἴσω.  
6 Καίτοι [τοῦτό]<sup>31</sup> τις ἀπορήσειεν ἄν, ὅτι μετὰ τὰ σιτία ἰσχυρότατος ὁ ὕπνος γίγνεται, καὶ ἔστιν ὑπνωτικὰ οἶνος καὶ ἄλλα θερμότητα ἔχοντα τοιαῦτα. Ἔστι δ' οὐκ εὐλογον τὸν μὲν ὕπνον εἶναι κατάψυξιν, τὰ δ' αἰτία τοῦ καθεύδειν θερμά. Πότερον οὖν τοῦτο συμβαίνει ὅτι ὥσπερ ἢ κοιλία κενὴ μὲν οὔσα θερμὴ ἐστίν, ἢ δὲ πλήρωσις αὐτὴν καταψύχει διὰ τὴν κίνησιν, οὕτω καὶ οἱ ἐν τῇ κεφαλῇ πόροι καὶ τόποι καταψύχονται ἀναφερομένης τῆς ἀναθυμιάσεως; ἢ ὥσπερ τοῖς προσχεομένοις τὸ  
10 θερμὸν ἐξαίφνης φρίκη γίγνεται, κάκεῖ ἀνιόντος τοῦ θερμοῦ ἀθροιζόμενον τὸ ψυχρὸν καταψύχει, καὶ τὸ κατὰ φύσιν θερμὸν ποιεῖ ἐξαδυνατεῖν καὶ ὑποχωρεῖν; ἔτι δὲ πολλῆς ἐμπιπούσης τροφῆς, ἣν ἀνάγει τὸ θερμὸν, ὥσπερ τὸ πῦρ ἐπιτιθεμένων τῶν ξύλων, καταψύχεται, ἕως ἂν καταπεφθῇ.  
20 Γίγνεται γὰρ ὁ ὕπνος, ὥσπερ εἴρηται, τοῦ σωματώδους ἀναφερομένου ὑπὸ τοῦ θερμοῦ διὰ τῶν φλεβῶν πρὸς τὴν κεφαλὴν· ὅταν δὲ μηκέτι δύνηται, ἀλλὰ τῷ πλήθει ὑπερβάλλῃ τὸ ἀναχθέν, πάλιν ἀνταποθεῖ<sup>32</sup> καὶ κάτω ῥεῖ. Διὸ καὶ

<sup>31</sup> Omitido em alguns manuscritos, motivo pelo qual se encontra entre colchetes.<sup>32</sup> Ross: ἀνταποθεῖται

## SOBRE O SONO E A VIGÍLIA

### III. 457<sup>b</sup> 2 – 457<sup>b</sup> 23

e uma conversão natural devido à causa mencionada. Por isso, é <intenso> o movimento do que está dormindo. E se resfria <o local> de onde parte <o calor>, e, através do resfriamento, caem as pálpebras. Por um lado, tanto as partes superiores quanto as exteriores são resfriadas, por outro, as de dentro e inferiores <permanecem> 5 quentes, por exemplo, em torno dos pés e no interior <dos corpos>.

6 E ainda alguém poderia levantar uma aporia, por que, após as refeições de grãos, o sono se torna mais forte, e os soníferos, o vinho e outros tais, possuem calor. E não é razoável que, por um lado, o sono seja um resfriamento, por outro, que as causas do dormir sejam 10 quentes. Então, <segundo> qual das duas <hipóteses> isso ocorre: porque, precisamente como o ventre vazio, por um lado, é quente, e a saciedade, por outro lado, o resfria através do movimento, assim também as passagens e regiões na cabeça são resfriadas quando a exalação ascende; ou, precisamente como subitamente surge 15 um tremor nos que se derramam <algo> quente, quando também de lá sobe o calor, o frio acumulado <o> resfria e faz com que o calor segundo a natureza se torne impotente e recue? Ademais, quando muito alimento é introduzido, o qual o calor eleva, precisamente como o fogo quando a lenha é atirada, <ele> é resfriado até que seja consumido. 20 Com efeito, surge o sono, precisamente como se discorreu, quando a massa corpórea ascende-se pelo calor, através das veias, na direção da cabeça; porém, quando quer que não possa mais <ascender-se>, mas o que é elevado excede em abundância, de novo retrocede e flui para baixo. Por isso, os seres humanos



## ΠΕΡΙ ΥΠΙΝΟΥ ΚΑΙ ΕΓΡΗΓΟΡΣΕΩΣ

III. 457<sup>b</sup> 24 – 458<sup>a</sup> 11

25 πίπτουσί γε ὑποσπωμένου τοῦ θερμοῦ τοῦ ἀνάγοντος οἱ ἄνθρω-  
 26 ποι (μόνον γὰρ ὀρθὸν τῶν ζώων), καὶ ἐπιπεσὸν μὲν ἔκνοιαν  
 26 ποιεῖ, ὕστερον δὲ φαντασίαν.  
 26 Ἦ αἱ μὲν νῦν λεγόμεναι λύ-  
 σεις ἐνδεχόμεναι μὲν εἰσι τοῦ γίγνεσθαι τὴν κατάψυξιν, οὐ  
 μὴν ἀλλὰ<sup>33</sup> κύριός γ' ἐστὶν ὁ τόπος ὁ περὶ τὸν ἐγκέφαλον,  
 ὥσπερ ἐν ἄλλοις εἴρηται. Πάντων δ' ἐστὶ τῶν ἐν τῷ σώματι  
 30 ψυχρότατον ὁ ἐγκέφαλος, τοῖς δὲ μὴ ἔχουσι τὸ ἀνάλογον  
 τούτῳ [μόριον]<sup>34</sup>. Ὡσπερ οὖν τὸ ἀπατμίζον ὑγρὸν ὑπὸ τῆς τοῦ  
 ἡλίου θερμότητος, ὅταν ἔλθῃ εἰς τὸν ἄνω τόπον, διὰ τὴν  
 ψυχρότητα αὐτοῦ καταψύχεται καὶ συστὰν καταφέρεται  
 458<sup>a</sup> γενόμενον πάλιν ὕδωρ, οὕτως ἐν τῇ ἀναφορᾷ τοῦ θερμοῦ τῇ  
 πρὸς τὸν ἐγκέφαλον ἢ μὲν περιττωματικῇ ἀναθυμίασις εἰς  
 φλέγμα συνίσταται (διὸ καὶ οἱ κατάρροι φαίνονται γιγνό-  
 μενοι ἐκ τῆς κεφαλῆς), ἢ δὲ τρόφιμος καὶ μὴ νοσώδης  
 5 καταφέρεται συνισταμένη καὶ καταψύχει τὸ θερμόν. Πρὸς  
 δὲ τὸ καταψύχεσθαι καὶ μὴ δέχεσθαι ῥαδίως τὴν ἀνα-  
 θυμίασιν συμβάλλεται καὶ ἡ λεπτότης καὶ ἡ στενότης τῶν  
 περὶ τὸν ἐγκέφαλον φλεβῶν. Τῆς μὲν οὖν καταψύξεως τοῦτ'  
 ἐστὶν αἴτιον, καίπερ τῆς ἀναθυμιάσεως ὑπερβαλλούσης τῇ  
 10 θερμότητι.  
 10 Ἐγείρεται δ' ὅταν πεφθῇ καὶ κρατήσῃ ἢ συν-  
 εωσμένη θερμότης ἐν ὀλίγῳ πολλῇ ἐκ τοῦ περιστῶτος, καὶ

<sup>33</sup> Segundo Denniston (1950, p. 28-29), a junção de οὐ μὴν ἀλλὰ “normalmente denota que o que foi dito não pode ser contradito, não importa quão fortes sejam os argumentos contrários: marcando, de fato, a deliberada superação de um obstáculo reconhecido como considerável. [...] (ii) Em Demóstenes e em Aristóteles, οὐ μὴν ἀλλὰ algumas vezes introduz um argumento suplementar que obtém uma precedência tão marcada sobre o argumento anterior de modo a ser representado como contrastado a este, ao invés de reforçá-lo”. Tradução nossa, no original: “(5) Οὐ μὴν ἀλλὰ. [...] It normally denotes that what is being said cannot be gainsaid, however strong the arguments to the contrary: marking, in fact, the deliberate surmounting of an obstacle recognized as considerable. [...] (ii) In Demosthenes and Aristotle οὐ μὴν ἀλλὰ sometimes introduces a supplementary argument which takes such marked precedence over the previous argument that it is represented as contrasted with it, rather than as reinforcing it.” (DENNISTON, 1950, p. 28-29).

<sup>34</sup> Siwek: τούτῳ μόριον om. α γ δ ε Ant. Na edição de Ross consta μόριον sem colchetes.

**SOBRE O SONO E A VIGÍLIA**III. 457<sup>b</sup> 24 – 458<sup>a</sup> 11

25 também se reclinam decerto quando o calor que é elevado se retira de baixo (pois  
dos animais somente <eles> têm postura ereta); e <o calor> decaindo produz  
26 inconsciência, e, posteriormente, representação.

26 Ou certamente as soluções agora mencionadas  
são possíveis <soluções> para o surgimento do resfriamento,  
ainda que a região ao redor do cérebro seja decerto dominante, precisamente como  
se discorreu em outras <teorizações>. De todas as <partes> do corpo  
30 a mais fria é o cérebro, e naqueles que não <o> possuem é o análogo  
a esta parte. Então, precisamente como o líquido que é evaporado pelo calor  
do sol, quando quer que chegue à região superior, devido à  
frieza desta, é resfriado, e condensado descende  
458<sup>a</sup> tornando-se novamente água, assim, na ascendência do calor em direção  
ao cérebro, por um lado, a exalação relativa à secreção  
condensa-se na fleuma (por isso também os catarros se manifestam surgindo  
a partir da cabeça), e, por outro lado, a <exalação> alimentícia e não nociva  
5 descende condensada e resfria o calor. Por sua vez, contribuem para  
o resfriamento e para que a exalação não seja facilmente recebida  
tanto a tenuidade quanto a estreiteza das veias  
em torno do cérebro. Então, certamente esta é  
a causa do resfriamento, apesar do excessivo calor da  
10 exalação.

10 Desperta-se quando quer que <o alimento> seja digerido e prevaleça  
o calor que, em grande quantidade proveniente do que <o> circunda, foi concentrado

## ΠΕΡΙ ΥΠΝΟΥ ΚΑΙ ΕΓΡΗΓΟΡΣΕΩΣ

III. 458<sup>a</sup> 12 – 458<sup>a</sup> 32

διακριθῆ τό τε σωματωδέστερον αἷμα καί τὸ καθαρώτερον.  
Ἔστι δὲ λεπτότατον μὲν αἷμα καὶ καθαρώτατον τὸ ἐν τῇ κε-  
φαλῇ, παχύτατον δὲ καὶ θολερώτατον τὸ ἐν τοῖς κάτω  
15 μέρεσιν. Παντὸς δὲ τοῦ αἵματος ἀρχή, ὥσπερ εἴρηται καὶ  
16 ἐνταῦθα καὶ ἐν ἄλλοις, ἢ καρδία.

16 Τῶν δ' ἐν τῇ καρδίᾳ  
ἐκατέρας τῆς θαλάμης κοινῇ ἢ μέση· ἐκείνων δ' ἐκατέρα  
δέχεται ἐξ ἐκατέρας τῆς φλεβός, τῆς τε μεγάλης καλου-  
μένης καὶ τῆς ἀορτῆς· ἐν δὲ τῇ μέσῃ γίνεταί ἢ διάκρισις.  
20 Ἀλλὰ τὸ μὲν διορίζειν περὶ τούτων ἐτέρων ἐστὶ λόγων οἰκειό-  
τερον· διὰ δὲ τὸ γίνεσθαι ἀδιακριτώτερον τὸ αἷμα μετὰ τὴν  
τῆς τροφῆς προσφορὰν ὁ ὕπνος γίνεταί, ἕως ἂν διακριθῆ  
τοῦ αἵματος τὸ μὲν καθαρώτερον εἰς τὰ ἄνω, τὸ δὲ θολερώ-  
τερον εἰς τὰ κάτω· ὅταν δὲ τοῦτο συμβῆ, ἐγείρονται ἀπο-  
25 λυθέντα τοῦ ἐκ τῆς τροφῆς βάρους.

25 Τί μὲν οὖν τὸ αἴτιον τοῦ  
καθεύδειν εἴρηται, ὅτι ἢ ὑπὸ τοῦ σωματώδους τοῦ ἀναφερο-  
μένου ὑπὸ τοῦ συμφύτου θερμοῦ ἀντιπερίστασις ἀθρόως ἐπὶ  
τὸ πρῶτον αἰσθητήριον· καὶ τί ἐστὶν ὁ ὕπνος, ὅτι τοῦ πρώτου  
αἰσθητηρίου κατάληψις πρὸς τὸ μὴ δύνασθαι ἐνεργεῖν, ἐξ  
30 ἀνάγκης μὲν γινόμενος (οὐ γὰρ ἐνδέχεται ζῶον εἶναι μὴ  
συμβαινόντων τῶν ἀπεργαζομένων αὐτό), ἔνεκα δὲ σωτη-  
ρίας· σφάζει γὰρ ἢ ἀνάπαυσις.

**SOBRE O SONO E A VIGÍLIA**III. 458<sup>a</sup> 12 – 458<sup>a</sup> 32

em pouca <quantidade>, e <quando> foram separados tanto o sangue mais espesso quanto o puríssimo. O sangue no cérebro, por um lado, é tenuíssimo e puríssimo, nas partes inferiores, por outro lado, é mais espesso e turvo. E o princípio de todo o sangue, precisamente como se mencionou tanto  
15 nesta quanto em outras <teorizações>, é o coração.

16 De cada uma das cavidades no coração a do meio é a comum; cada uma delas recebe <o sangue> a partir de uma das duas veias, quer da <assim> chamada *grande*, quer da aorta; e na <cavidade> do meio ocorre a separação <do sangue>.

20 Mas delimitar o referente a isso é mais apropriado a outras reflexões. E, devido ao fato de o sangue se tornar mais inseparável após a ingestão de alimento, surge o sono, até que o sangue seja separado, por um lado, o mais puro para cima, por outro, o mais turvo para baixo; e, quando quer que isso ocorra, <os animais> despertam-se  
25 libertos do peso do alimento.

25 Mencionou-se, então, qual é a causa do dormir: a conversão até o primeiro órgão sensorial pela massa corpórea que acumuladamente é ascendida pelo calor conatural; <mencionou-se> também o que é o sono: uma ocupação do primeiro órgão sensorial, ao ponto de não poder atuar, acontecendo, por um lado,  
30 por necessidade (pois não é possível que o animal exista, caso não ocorra o que o integraliza), por outro lado, em vista da preservação, pois o repouso preserva.

2.3 *De Insomniis*

## ΠΕΡΙ ΕΝΥΠΝΙΩΝ

## I

33 Μετὰ δὲ ταῦτα περὶ ἐνυπνίου ἐπιζητητέον, καὶ πρῶτον  
 458<sup>b</sup> τίνι τῶν τῆς ψυχῆς φαίνεται, καὶ πότερον τοῦ νοητικοῦ τὸ  
 πάθος ἐστὶ τοῦτο ἢ τοῦ αἰσθητικοῦ· τούτοις γὰρ μόνοις τῶν ἐν  
 ἡμῖν γνωρίζομεν τι. Εἰ δὴ χρῆσις ὄψεως ὄρασις, καὶ ἀκοῆς  
 τὸ ἀκούειν, καὶ ὅλως αἰσθήσεως τὸ αἰσθάνεσθαι, κοινὰ δ' ἐστὶ  
 5 τῶν αἰσθήσεων οἷον σχῆμα καὶ μέγεθος καὶ κίνησις καὶ  
 τᾶλλα τὰ τοιαῦτα, ἴδια δ' οἷον χρῶμα ψόφος χυμός,  
 ἀδυνατεῖ δὲ πάντα μόντα καὶ καθεύδοντα ὄραν, ὁμοίως δὲ  
 καὶ ἐπὶ τῶν λοιπῶν· ὥστε δῆλον ὅτι οὐκ αἰσθανόμεθα οὐδὲν ἐν τοῖς  
 ὕπνοις· οὐκ ἄρα γε τῇ αἰσθήσει τὸ ἐνύπνιον αἰσθανόμεθα.

10 Ἀλλὰ μὴν οὐδὲ τῇ δόξῃ· οὐ γὰρ μόνον τὸ προσιόν φαμεν  
 ἄνθρωπον ἢ ἵππον εἶναι, ἀλλὰ καὶ λευκὸν ἢ καλόν· ὧν ἢ  
 δόξα ἄνευ αἰσθήσεως οὐδὲν ἂν φήσειεν, οὔτ' ἀληθῶς οὔτε ψευ-  
 δῶς. Ἐν δὲ τοῖς ὕπνοις συμβαίνει τὴν ψυχὴν τοῦτο ποιεῖν·  
 ὁμοίως γὰρ ὅτι ἄνθρωπος καὶ ὅτι λευκὸς ὁ προσιὼν δοκοῦ-  
 15 μεν ὄραν. Ἔτι παρὰ τὸ ἐνύπνιον ἐννοοῦμεν τι ἄλλο, καθάπερ  
 ἐν τῷ ἐγρηγορέναι αἰσθανόμενοί τι· περὶ οὗ γὰρ αἰσθανό-  
 μεθα, πολλάκις καὶ διανοοῦμεθά τι· οὕτω καὶ ἐν τοῖς ὕπνοις  
 παρὰ τὰ φαντάσματα ἐνίοτε ἄλλα ἐννοοῦμεν. Φανείη δ' ἂν  
 τῷ τοῦτο, εἴ τις προσέχοι τὸν νοῦν καὶ πειρῶτο μνημονεύειν  
 20 ἀναστάς. Ἦδη δὲ τινες καὶ ἐωράκασιν ἐνύπνια τοιαῦτα, οἷον

## SOBRE OS SONHOS

### I

33 E depois disso é preciso inquirir sobre o sonho e primeiramente a qual das  
 458<sup>b</sup> <partes> da alma se manifesta, inclusive, se esse é um afeto da <parte> intelectual ou  
 da sensitiva, pois é só por meio dessas <partes>, dentre as que existem em nós, que  
 conhecemos algo. Se, de fato, o uso do olho é a visão; e o da audição, o ouvir;  
 e, em geral, o da sensação, o sentir; e <se> há o que é comum aos sentidos, tal como a  
 5 figura, a magnitude, o movimento e os outros desse tipo, e <se> há o que é particular <a  
 cada um dos sentidos>, tal como a cor, o som e o sabor, daí é impossível que todos os que  
 estejam com os olhos fechados e dormindo vejam; e similarmente também <será> com  
 relação às <sensações> restantes; deste modo, é evidente que não sentimos nada durante os  
 períodos de sono; logo, decerto não é por meio da sensação que sentimos o sonho.

10 Mas nem mesmo é por meio do juízo, pois não afirmamos somente ser um  
 homem ou um cavalo aquilo que se aproxima, mas também branco ou belo, coisas  
 sobre as quais o juízo, sem a sensação, nada poderia nem verdadeiramente nem  
 falsamente afirmar. E, durante os períodos de sono, ocorre à alma fazer isso; com  
 efeito, similarmente nos julgamos ver que aquele que se aproxima seja um homem e  
 15 que seja branco. Ademais, para além do sonho, pensamos em algo diferente,  
 conforme sentimos algo no período em que estamos despertos; pois, sobre  
 aquilo que sentimos muitas vezes também cogitamos algo; e assim também <ocorre>  
 nos <períodos> de sono <nos quais>, para além das representações, por vezes pensamos  
 em outras coisas. E isso seria manifestado a alguém, se alguém empenhasse o <seu>  
 20 intelecto e experimentasse recordar ao se levantar. E alguns também já viram sonhos

## ΠΕΡΙ ΕΝΥΠΝΙΩΝ

I. 458<sup>b</sup> 21 – 459<sup>a</sup> 8

οἱ δοκοῦντες κατὰ τὸ μνημονικὸν παράγγελμα τίθεσθαι τὰ  
προβαλλόμενα· συμβαίνει γὰρ αὐτοῖς πολλάκις ἄλλο τι  
παρὰ τὸ ἐνύπνιον τίθεσθαι πρὸ ὀμμάτων εἰς τὸν τόπον φάν-  
τασμα· ὥστε δῆλον ὅτι οὔτε ἐνύπνιον πᾶν τὸ ἐν ὕπνῳ φάν-  
25 τασμα, καὶ ὅτι ὁ ἐννοοῦμεν τῇ δόξῃ δοξάζομεν.

25 Δῆλον δὲ  
περὶ τούτων ἀπάντων τό γε τοσοῦτον, ὅτι τὸ αὐτὸ ᾧ καὶ  
ἐγρηγορότες ἐν ταῖς νόσοις ἀπατώμεθα, τοῦτ' αὐτὸ καὶ  
ἐν τῷ ὕπνῳ ποιεῖ τὸ πάθος. Καὶ ὑγιαίνουσι δὲ καὶ εἰδόσιν  
ὁμῶς ὁ ἥλιος ποδιαῖος εἶναι δοκεῖ. Ἀλλ' εἴτε δὴ ταῦτόν εἴθ'  
30 ἕτερον τὸ φανταστικὸν τῆς ψυχῆς καὶ τὸ αἰσθητικόν, οὐδὲν  
ἦττον οὐ γίνεται ἄνευ τοῦ ὀράν καὶ αἰσθάνεσθαι τι· τὸ γὰρ  
παρορᾶν καὶ παρακούειν ὀρῶντος ἀληθές τι καὶ ἀκούοντος, οὐ  
μέντοι τοῦτο ὁ οἶεται. Ἐν δὲ τῷ ὕπνῳ ὑπόκειται μηδὲν ὀρᾶν  
459<sup>a</sup> μηδ' ἀκούειν μηδ' ὅλως αἰσθάνεσθαι. Ἄρ' οὖν τὸ μὲν μὴ ὀρᾶν  
μηδὲν ἀληθές, τὸ δὲ μηδὲν πάσχειν τὴν αἴσθησιν οὐκ ἀληθές,  
ἀλλ' ἐνδέχεται καὶ τὴν ὄψιν πάσχειν τι καὶ τὰς ἄλλας  
αἰσθήσεις, ἕκαστον δὲ τούτων ὥσπερ ἐγρηγορότος προς-  
5 βάλλει μὲν πως τῇ αἰσθήσει, οὐχ οὕτω δὲ ὥσπερ ἐγρηγορότος·  
καὶ ὅτε μὲν ἡ δόξα λέγει ὅτι ψεῦδος τὸ ὀρώμενον, ὥσπερ  
ἐγρηγορόσιν, ὅτε δὲ κατέχεται καὶ ἀκολουθεῖ τῷ φαντά-  
8 σματι,<sup>35</sup>

8 Ὅτι μὲν οὖν οὐκ ἔστι τοῦ δοξάζοντος οὐδὲ τοῦ διανοουμένου

<sup>35</sup> Aqui vamos seguir a edição de Ross e adotar o ponto e vírgula, devido à presença de ἄρα. Nem Siwek, nem Lulofs, nem Mugnier adotam o ponto de interrogação para esta passagem, sem o qual, a nosso ver, fica de difícil compreensão.

## SOBRE OS SONHOS

I. 458<sup>b</sup> 21 – 459<sup>a</sup> 8

desse tipo, por exemplo, os que se julgam dispor, segundo o preceito mnemônico, as coisas que se apresentam; pois lhes ocorre muitas vezes, para além do sonho, dispor espacialmente diante das vistas alguma outra representação; deste modo, é evidente que nem toda representação no sono é um sonho,  
25 e que o que pensamos <o> ajuizamos com o juízo.

25 E sobre todas essas coisas decerto este tanto é evidente: que o mesmo é tanto aquilo pelo que, estando despertos, somos enganados nos períodos de doenças, quanto aquilo que produz o afeto no período do sono. Inclusive, a <alguns>, mesmo estando tanto sãos quanto cientes, o sol parece ser do tamanho de um pé.

30 Mas, seja de fato a mesma, seja distinta <a parte> representativa da alma da sensitiva, em nada é menos <certo que o afeto> não surja sem o ver e o sentir algo, pois o ver mal e o ouvir mal é <próprio> de quem vê ou escuta algo verdadeiro, embora não seja o que se supõe. No período do sono, por sua vez, pressupõe-se nada ver  
459<sup>a</sup> nem ouvir nem sentir em geral. Porventura, então, por um lado, é verdadeiro o não ver nada, por outro lado, não é verdadeiro que a sensação não se afete por nada; mas é possível que tanto a visão quanto os outros sentidos se afetem por algo e que cada um destes, precisamente como é <próprio> de quem está desperto, por um  
5 lado, de qualquer maneira, atinja a sensação, por outro lado, não é assim precisamente como é <próprio> de quem está desperto: por um lado, algumas vezes o juízo diz que o que é visto é uma falsidade, precisamente como <o diz> aos que estão despertos, por  
8 outro lado, algumas vezes <o juízo> é retido e acompanha a representação?

8 Certamente, então, é manifesto que este afeto que chamamos *sonhar*



## ΠΕΡΙ ΕΝΥΠΝΙΩΝ

I. 459<sup>a</sup> 9 – II. 459<sup>a</sup> 27

τὸ πάθος τοῦτο ὃ καλοῦμεν ἐνυπνιάζειν, φανερόν. Ἄλλ' οὐδὲ τοῦ  
 10 αἰσθανομένου ἀπλῶς· ὁρᾶν γὰρ ἂν ἦν καὶ ἀκούειν ἀπλῶς.  
 11 Ἀλλὰ πῶς δὴ καὶ τίνα τρόπον, ἐπισκεπτέον.  
 11 Ἐποκείσθω μὲν  
 οὖν, ὅπερ ἐστὶ καὶ φανερόν, ὅτι τοῦ αἰσθητικοῦ τὸ πάθος, εἴπερ  
 καὶ ὁ ὕπνος· οὐ γὰρ ἄλλω μὲν τινι τῶν ζώων ὑπάρχει ὁ  
 ὕπνος, ἄλλω δὲ τὸ ἐνυπνιάζειν, ἀλλὰ τῷ αὐτῷ. Ἐπεὶ δὲ  
 15 περὶ φαντασίας ἐν τοῖς Περὶ ψυχῆς εἴρηται, καὶ ἔστι μὲν  
 τὸ αὐτὸ τῷ αἰσθητικῷ τὸ φανταστικόν, τὸ δ' εἶναι φαντα-  
 στικῷ καὶ αἰσθητικῷ ἕτερον, ἔστι δὲ<sup>36</sup> φαντασία ἢ ὑπὸ τῆς  
 κατ' ἐνέργειαν αἰσθήσεως γινομένη κίνησις, τὸ δ' ἐνύπνιον  
 φάντασμα τι φαίνεται εἶναι (τὸ γὰρ ἐν ὕπνῳ φάντασμα  
 20 ἐνύπνιον λέγομεν, εἴθ' ἀπλῶς εἶτε τρόπον τινὰ γινόμενον),  
 φανερόν ὅτι τοῦ αἰσθητικοῦ μὲν ἐστὶ τὸ ἐνυπνιάζειν, τούτου δ' ἢ  
 φανταστικόν.

## II

Τί δ' ἐστὶ τὸ ἐνύπνιον, καὶ πῶς γίνεται, ἐκ τῶν περὶ  
 τὸν ὕπνον συμβαινόντων μάλιστα· ἂν θεωρήσασιν. Τὰ γὰρ αἰ-  
 25 σθητὰ καθ' ἕκαστον αἰσθητήριον ἡμῖν ἐμποιοῦσιν αἰσθησιν,  
 καὶ τὸ γινόμενον ὑπ' αὐτῶν πάθος οὐ μόνον ἐνυπάρχει ἐν  
 τοῖς αἰσθητηρίοις ἐνεργουσῶν τῶν αἰσθήσεων, ἀλλὰ καὶ ἀπελ-

<sup>36</sup> Neste passo também seguiremos a edição de Ross e adotaremos δέ, ao invés de δή, para, assim, dar continuidade no argumento ao ἐπεὶ δέ de 459<sup>a</sup> 14.

## SOBRE OS SONHOS

I. 459<sup>a</sup> 9 – II. 459<sup>a</sup> 27

10 não é <próprio> da <parte da alma> que ajuíza nem da que cogita. Mas nem é  
 11 simplesmente <próprio> da <parte> que sente; pois <, se assim fosse,> seria um ver e um  
 11 ouvir simplesmente. Mas de fato como e de que modo <ocorre> é preciso investigar.

11 Certamente, então, esteja pressuposto, o que precisamente  
 também é manifesto, que o afeto é <próprio> da <parte> sensitiva, se  
 precisamente também <o é> o sono; pois o sono não subsiste em uma <parte> dos seres  
 vivos, por um lado, <e> o sonhar, por outro lado, em outra, mas <ambos>, na mesma.  
 15 E visto que se discorreu sobre a representação nas <teorizações> sobre a alma; e,  
 por um lado, a <parte> representativa é a mesma que a sensitiva, por outro lado, o ser  
 para a <parte> representativa e para a sensitiva é distinto; e a representação é  
 o movimento que surge pela sensação em ato; e o sonho  
 manifesta-se ser uma certa representação (pois dizemos ser um sonho a representação  
 20 que surge, seja simplesmente, seja de um certo modo),  
 é manifesto que, por um lado, o sonhar é <próprio> da <parte> sensitiva, por outro lado,  
 é <próprio> desta enquanto representativa.

## II

25 O que é o sonho e como surge poderíamos teorizar sobretudo a partir das  
 coisas que ocorrem circunstanciais ao sono. Com efeito, os <objetos>  
 sensíveis referentes a cada órgão sensorial engendram em nós uma sensação,  
 e o afeto que surge por meio desses <objetos> inere aos  
 órgãos sensoriais não só ao atuarem os sentidos mas também ao se

## ΠΕΡΙ ΕΝΥΠΝΙΩΝ

Π. 459<sup>a</sup> 28 – 459<sup>b</sup> 17

28 θουσῶν.

28 Παραπλήσιον γὰρ τὸ πάθος ἐπὶ τε τούτων καὶ ἐπὶ  
τῶν φερομένων ἔοικεν εἶναι. Καὶ γὰρ ἐπὶ τῶν φερομένων τοῦ  
30 κινήσαντος οὐκέτι θιγγάνοντος κινεῖται· τὸ γὰρ κινήσαν ἐκί-  
νησεν ἀέρα τινά, καὶ πάλιν οὗτος κινούμενος ἕτερον· καὶ τοῦ-  
τον δὴ τὸν τρόπον, μέχρι περ ἂν οὐ στή, ποιεῖται τὴν κίνησιν  
459<sup>b</sup> καὶ ἐν ἀέρι καὶ ἐν τοῖς ὑγροῖς. Ὁμοίως δὲ ὑπολαβεῖν τοῦτο δεῖ  
καὶ ἐπ' ἀλλοιώσεως· τὸ γὰρ θερμανθέν ὑπὸ τοῦ θερμοῦ τὸ πλη-  
σίον θερμαίνει, καὶ τοῦτο διαδίδωσιν ἕως τῆς ἀρχῆς. Ὡστε  
καὶ ἐν τῷ αἰσθάνεσθαι, ἐπειδὴ ἐστὶν ἀλλοιώσις τις ἢ κατ'  
5 ἐνέργειαν αἴσθησις, ἀνάγκη τοῦτο συμβαίνειν. Διὸ τὸ πάθος  
ἐστὶν οὐ μόνον ἐν αἰσθανομένοις τοῖς αἰσθητηρίοις, ἀλλὰ καὶ  
ἐν πεπαυμένοις, καὶ ἐν βάθει καὶ ἐπιπολῆς. Φανερόν δὲ  
ὅταν συνεχῶς αἰσθανώμεθά τι μεταφερόντων γὰρ τὴν αἰ-  
σθησιν ἀκολουθεῖ τὸ πάθος, οἷον ἐκ τοῦ ἡλίου εἰς τὸ σκότος  
10 συμβαίνει γὰρ μηδὲν ὄραν διὰ τὴν ἔτι ὑποῦσαν κίνησιν ἐν  
τοῖς ὄμμασιν ὑπὸ τοῦ φωτός. Κἂν πρὸς ἐν χρῶμα πολὺν  
χρόνον βλέψωμεν ἢ λευκὸν ἢ χλωρόν, τοιοῦτον φαίνεται  
ἐφ' ὅπερ ἂν τὴν ὄψιν μεταβάλωμεν. Κἂν πρὸς τὸν ἥλιον  
βλέψαντες ἢ ἄλλο τι λαμπρὸν μύσωμεν, παρατηρήσασι  
15 φαίνεται κατ' εὐθυωρίαν, ἢ συμβαίνει τὴν ὄψιν ὄραν, πρῶ-  
τον μὲν τοιοῦτον τὴν χροάν, εἶτα μεταβάλλει εἰς φοινικοῦν  
κάπειτα πορφυροῦν, ἕως ἂν εἰς τὴν μέλαιναν ἔλθῃ χροάν

## SOBRE OS SONHOS

II. 459<sup>a</sup> 28 – 459<sup>b</sup> 17

28 apartarem.

28 Com efeito, o afeto, tanto no caso desses quanto no caso dos <objetos> que  
 são impelidos, aparenta ser aproximável. Pois, também no caso dos que são impelidos,  
 30 <o que é movido> é movido, embora não mais esteja em contato com o que <o> moveu;  
 pois o que <o> moveu moveu certa <porção> de ar, e esta, por seu turno, sendo movida,  
 move outra; e, de fato, desse modo – precisamente até onde estacar – é produzido o  
 459<sup>b</sup> movimento tanto no ar quanto nos líquidos. Similarmente se deve depreender isso  
 também no caso das alterações; pois o que foi aquecido pelo calor aquece <seu>  
 próximo, e este transmite <o calor> até o princípio. Deste modo,  
 também naquele que <surge> o sentir – uma vez que a sensação em ato é uma certa  
 5 alteração – há necessidade de ocorrer isso. Por isso, o afeto  
 existe nos órgãos sensoriais, tanto em profundidade quanto superficialmente,  
 não só quando estão sentindo, mas também quando estão parados. E é manifesto,  
 quando quer que sintamos algo continuamente, pois o afeto das coisas que modificam a  
 sensação <a> acompanha, tal como <quando a vista passa> da luz solar para a escuridão:  
 10 com efeito, ocorre que nada se veja devido ao movimento que  
 ainda subjaz nas vistas provocado pela luz. E se porventura olharmos por muito tempo  
 para uma <única> cor, branco ou esverdeado, tal <cor> se manifesta  
 sobre precisamente aquilo a que mudarmos a visão. E se porventura, depois de termos  
 olhado para o sol ou para alguma outra coisa radiante, fecharmos os olhos,  
 15 aos que miram <a vista> longitudinalmente, enquanto ocorre que a visão veja,  
 primeiramente <o sol> se manifesta certamente tal qual <ele é> com relação à  
 tonalidade, depois muda para avermelhado, e, posteriormente, purpúreo, até ir para a

## ΠΕΡΙ ΕΝΥΠΝΙΩΝ

Π. 459<sup>b</sup> 18 – 460<sup>a</sup> 7

καὶ ἀφανισθῆ. Καὶ ἀπὸ τῶν κινουμένων δὲ μεταβάλλου-  
 σιν, οἷον ἀπὸ τῶν ποταμῶν, μάλιστα δὲ ἀπὸ τῶν τάχιστα  
 20 ῥεόντων, φαίνεται [γὰρ] τὰ ἡρεμοῦντα κινούμενα. Γίνονται δὲ  
 καὶ ἀπὸ τῶν μεγάλων ψόφων δύσκωφοι καὶ ἀπὸ τῶν ἰσχυρῶν  
 ὀσμῶν δύσοσμοι<sup>37</sup>, καὶ ἐπὶ τῶν ὁμοίων. Ταῦτά γε  
 23 δὴ φανερώς συμβαίνει τοῦτον τὸν τρόπον.

23 Ὅτι δὲ ταχὺ τὰ  
 αἰσθητήρια καὶ μικρᾶς διαφορᾶς αἰσθάνεται, σημεῖον τὸ  
 25 ἐπὶ τῶν ἐνόπτρων γινόμενον· περὶ οὗ καὶ αὐτοῦ ἐπιστήσας  
 σκέψαιτό τις ἂν καὶ διαπορήσειεν. Ἄμα δ' ἐξ αὐτοῦ δῆλον  
 ὅτι ὥσπερ καὶ ἡ ὄψις πάσχει, οὕτω καὶ ποιεῖ τι. Ἐν γὰρ  
 τοῖς ἐνόπτροις τοῖς σφόδρα καθαροῖς, ὅταν τῶν κατα-  
 μνηνίων ταῖς γυναιξὶ γινομένων ἐμβλέψωσιν εἰς τὸ κάτοπτρον,  
 30 γίνεται τὸ ἐπιπολῆς τοῦ ἐνόπτρου οἷον νεφέλη αἱματώδης·  
 κἂν μὲν καινὸν ᾗ τὸ κάτοπτρον, οὐ ῥάδιον ἐκμάξαι τὴν τοι-  
 αύτην κηλίδα, ἐὰν δὲ παλαιόν, ῥᾶον. Αἴτιον δέ, ὥσπερ εἰ-  
 460<sup>a</sup> πομεν, ὅτι οὐ μόνον πάσχει ἡ ὄψις ὑπὸ τοῦ ἀέρος, ἀλλὰ  
 καὶ ποιεῖ τι καὶ κινεῖ, ὥσπερ καὶ τὰ λαμπρά· καὶ γὰρ  
 ἡ ὄψις τῶν λαμπρῶν καὶ ἐχόντων χρῶμα. Τὰ μὲν οὖν  
 ὄμματα εὐλόγως, ὅταν ᾗ τὰ καταμνήνια, διακεῖται ὥσπερ  
 5 καὶ ἕτερον μέρος ὁτιοῦν· καὶ γὰρ φύσει τυγχάνουσι φλε-  
 βώδεις ὄντες. Διὸ γινομένων τῶν καταμνηνίων διὰ ταραχὴν καὶ  
 φλεγμασίαν αἱματικὴν ἡμῖν μὲν ἢ ἐν τοῖς ὄμμασι δια-

<sup>37</sup> Optamos na tradução por deslocar este ponto final para depois de δύσοσμοι, onde há uma vírgula na edição de Siwek. Julgamos tornar assim o texto mais fluido.

## SOBRE OS SONHOS

II. 459<sup>b</sup> 18 – 460<sup>a</sup> 7

tonalidade negra e apagar-se. Também aos que mudam <o olhar>, por sua vez, a partir das coisas que são movidas – tal como a partir dos rios, e sobretudo a partir

20 daqueles que fluem velocissimamente – as coisas inertes com efeito se manifestam em movimento. E <os que sentem continuamente> inclusive se tornam surdos após sons altos, e sem olfato após fortes odores. Também em casos similares

23 decerto essas coisas manifestadamente de fato ocorrem desse modo.

23 E é sinal de que os órgãos sensoriais rapidamente sentem também uma pequena diferença o que acontece no caso dos objetos

25 refletores: detendo-se nisso e no próprio <objeto refletor>, alguém poderia examinar e levantar uma aporia. E simultaneamente é evidente a partir disso <i. e., do objeto refletor> que a visão, precisamente como também se afeta, assim também produz algo. Com efeito, nos objetos refletores demasiadamente limpos, quando quer que surja a menstruação nas mulheres que encaram o espelho,

30 a superfície do objeto refletor torna-se tal como uma nuvem vermelho-sangue; e, por um lado, se porventura o espelho for novo, não é fácil polir tal mancha, por outro lado, se porventura for antigo, é mais fácil. E uma causa é que, precisamente

460<sup>a</sup> como dissemos, a visão não somente se afeta pelo ar mas também produz algo e move, precisamente como também <o fazem> as coisas radiantes, pois também a visão está dentre as coisas radiantes e que têm cor. Então, certamente as vistas, quando quer que haja menstruação, razoavelmente se dispõem precisamente como

5 também <se dispõem> qualquer outra parte <do corpo>, pois também por natureza calham de ser venosas. Por isso, ao surgir a menstruação devido a uma perturbação e a uma tumefação sanguínea, por um lado, para nós a diferença nas vistas é inevidente, por

## ΠΕΡΙ ΕΝΥΠΝΙΩΝ

Π. 460<sup>a</sup> 8 – 460<sup>a</sup> 29

φορὰ ἄδηλος, ἔνεστι δέ (ἢ γὰρ αὐτὴ φύσις σπέρματος καὶ  
 καταμηνίων), ὁ δ' ἀήρ κινεῖται ὑπ' αὐτῶν, καὶ τὸν ἐπὶ τῶν  
 10 κατόπτρων ἀέρα συνεχῆ ὄντα ποίον τινα ποιεῖ καὶ τοιοῦτον  
 οἶον αὐτὸς πάσχει· ὁ δὲ τοῦ κατόπτρου τὴν ἐπιφάνειαν.  
 Ὡσπερ δὲ τῶν ἱματίων, τὰ μάλιστα καθαρὰ τάχιστα κηλι-  
 δοῦται· τὸ γὰρ καθαρὸν ἀκριβῶς δηλοῖ ὃ τι ἂν δέξηται, καὶ  
 τὸ μάλιστα τὰς ἐλαχίστας κινήσεις. Ὁ δὲ χαλκὸς διὰ μὲν  
 15 τὸ λεῖος εἶναι ὁποιασοῦν ἀφῆς αἰσθάνεται μάλιστα (δεῖ δὲ  
 νοῆσαι οἶον τρίψιν οὔσαν τὴν τοῦ ἀέρος ἀφῆν καὶ ὥσπερ ἔκ-  
 μαξιν καὶ ἀνάπλυσιν), διὰ δὲ τὸ καθαρὸν ἔκδηλος γίνεται  
 ὀπηλικηοῦν οὔσα. Τοῦ δὲ μὴ ἐξιέναι ταχέως ἐκ τῶν και-  
 νῶν κατόπτρων αἴτιον τὸ καθαρὸν εἶναι καὶ λεῖον· δια-  
 20 δύεται γὰρ διὰ τῶν τοιούτων καὶ εἰς βάθος καὶ πάντη, διὰ  
 μὲν τὸ καθαρὸν εἰς βάθος, διὰ δὲ τὸ λεῖον πάντη. Ἐν δὲ  
 τοῖς παλαιοῖς οὐκ ἐμμένει, ὅτι οὐχ ὁμοίως ἐνδύεται ἢ κη-  
 23 λισ ἄλλ' ἐπιπολαιότερον.  
 23 Ὅτι μὲν οὖν καὶ ὑπὸ τῶν μικρῶν  
 διαφορῶν γίνεται κίνησις, καὶ ὅτι ταχεῖα ἢ αἰσθησις, ἔτι δὲ  
 25 καὶ ὅτι οὐ μόνον πάσχει, ἀλλὰ καὶ ἀντιποιεῖ τὸ τῶν χρωμά-  
 των αἰσθητήριον, φανερὸν ἐκ τούτων. Μαρτυρεῖ δὲ τοῖς εἰ-  
 ρημένοις καὶ τὰ περὶ τοὺς οἶνους καὶ τὴν μυρεψίαν συμ-  
 βαίνοντα. Τό τε γὰρ παρασκευασθὲν ἔλαιον ταχέως λαμβά-  
 νει τὰς τῶν πλησίον ὀσμάς, καὶ οἱ οἶνοι τὸ αὐτὸ τοῦτο πά-

## SOBRE OS SONHOS

II. 460<sup>a</sup> 8 – 460<sup>a</sup> 29

outro lado, está presente (com efeito a natureza do esperma e da menstruação é a  
 mesma); e o ar é movido por elas <i.e., pelas vistas>; e <elas> produzem uma certa  
 10 qualidade no ar sobre os espelhos, por ser contínuo; e tal <qualidade> é tal como  
 <aquilo pelo que> ele mesmo <i.e., o ar> se afeta; este, por sua vez, <produz> a  
 manifestação do espelho. E precisamente como é <próprio> das vestes: sobretudo as  
 limpas são mais rapidamente manchadas, pois a que está limpa acuradamente  
 evidencia o que porventura recebe, e sobretudo a <que está limpa recebe> os menores  
 15 movimentos. E o bronze, por um lado, devido <ao fato de> ser maleável, sobretudo  
 sente qualquer tipo de contato (e deve-se entender o contato do ar sendo tal como uma  
 fricção e precisamente como um polimento e uma lavagem), por outro lado, devido à  
 limpeza, <uma mancha> torna-se revelável por menor que seja. E <o fato de> estar  
 limpo e maleável é uma causa <de a mancha> não se retirar rapidamente dos espelhos  
 20 novos, pois escoa ao longo dos <espelhos> desse tipo tanto para a profundidade quanto por  
 todos os lados: por um lado, devido à limpeza, <escoa> para a profundidade, por outro  
 lado, devido à maleabilidade, para todos os lados. Nos <espelhos> antigos, porém,  
 23 não permanece, porque a mancha não penetra similarmente, mas é mais superficial.  
 23 Certamente, então, é manifesto, a partir dessas coisas, que também  
 surge um movimento ocasionado pelas pequenas diferenças; e que a sensação é rápida; e,  
 25 ademais, que também o órgão sensorial <próprio> das cores não somente se afeta  
 <pelo movimento> mas também <o> reproduz. E testemunham ao que  
 foi discorrido as coisas que ocorrem circunstanciais tanto aos vinhos quanto à  
 preparação de unguentos, pois tanto o azeite, tendo sido preparado, rapidamente  
 recebe os odores das coisas que estão próximas, quanto os vinhos pelo mesmo se



## ΠΕΡΙ ΕΝΥΠΝΙΩΝ

Π. 460<sup>a</sup> 30 – 460<sup>b</sup> 18

30 σχουσιν· οὐ γὰρ μόνον τῶν ἐμβαλλομένων ἢ ὑποκιρναμένων  
 ἀλλὰ καὶ τῶν πλησίον τοῖς ἀγγείοις τιθεμένων ἢ πεφυ-  
 32 κότων ἀναλαμβάνουσι τὰς ὀσμάς.

32 Πρὸς δὲ τὴν ἐξ ἀρχῆς  
 460<sup>b</sup> σκέψιν ὑποκείσθω ἐν μὲν, ὅπερ ἐκ τῶν εἰρημένων φανερόν,  
 ὅτι καὶ ἀπελθόντος τοῦ θύραθεν αἰσθητοῦ ἐμμένει τὰ αἰσθη-  
 ματα αἰσθητὰ ὄντα, πρὸς δὲ τούτοις ὅτι ραδίως ἀπατώ-  
 μεθα περὶ τὰς αἰσθήσεις ἐν τοῖς πάθεσιν ὄντες, ἄλλοι δὲ  
 5 ἐν ἄλλοις, οἷον ὁ δειλὸς ἐν φόβῳ, ὁ δ' ἐρωτικὸς ἐν ἔρωτι,  
 ὥστε δοκεῖν ἀπὸ μικρᾶς ὁμοιότητος τὸν μὲν τοῦς πολεμίους  
 ὄρᾶν, τὸν δὲ τὸν ἐρώμενον· καὶ ταῦτα ὅσῳ ἂν ἐμπαθέστε-  
 ρος ἦ, τοσοῦτῳ ἀπ' ἐλάσσονος ὁμοιότητος φαίνεται. Τὸν αὐ-  
 τὸν δὲ τρόπον καὶ ἐν ὀργαῖς καὶ ἐν πάσαις ἐπιθυμίαις εὐ-  
 10 ἀπάτητοι γίνονται πάντες, καὶ μᾶλλον ὅσῳ ἂν μᾶλλον ἐν  
 τοῖς πάθεσιν ὦσιν. Διὸ καὶ τοῖς πυρέττουσιν ἐνίοτε φαίνεται  
 ζῶα ἐν τοῖς τοίχοις ἀπὸ μικρᾶς ὁμοιότητος τῶν γραμμῶν  
 συντιθεμένων. Καὶ ταῦτ' ἐνίοτε συνεπιτείνει τοῖς πάθεσιν οὐ-  
 τως, ὥστε, ἂν μὲν μὴ σφόδρα κάμνωσι, μὴ λανθάνειν ὅτι  
 15 ψεῦδος, εἰ δὲ μείζον ἦ τὸ πάθος, καὶ κινεῖσθαι πρὸς  
 16 αὐτά.

16 Αἴτιον δὲ τοῦ συμβαίνειν ταῦτα τὸ μὴ κατὰ τὴν αὐ-  
 τὴν δύναμιν κρίνειν τό τε κύριον καὶ ὅτι τὰ φαντάσματα  
 γίνεται. Τούτου δὲ σημεῖον ὅτι φαίνεται μὲν ὁ ἥλιος πο-

## SOBRE OS SONHOS

II. 460<sup>a</sup> 30 – 460<sup>b</sup> 18

30 afetam: com efeito, não somente adquirem os odores das coisas que foram inseridas  
ou misturadas mas também das que são dispostas ou  
32 vieram a crescer próximo aos vasos.

32 E, com relação ao exame do princípio, certamente esteja pressuposto uma  
460<sup>b</sup> <única> coisa, o que precisamente é manifesto a partir do que foi discorrido, que,  
mesmo tendo-se apartado o <objeto> sensível externo, as sensações permanecem sendo  
sensíveis, e, além disso, que facilmente somos enganados acerca das sensações quando  
estamos sob o efeito dos afetos, e diferentes <pessoas>, sob o efeito <de afetos>  
5 diferentes, por exemplo, o covarde, sob o efeito do medo, e o enamorado,  
sob o efeito do amor, de modo a julgar ver, a partir de pequenas similaridades,  
um, os inimigos, outro, o amado; e essas coisas, quanto mais alguém estiver afetado,  
mais se manifestam a partir das menores diferenças. Do mesmo modo todos  
se tornam facilmente enganáveis tanto sob o efeito de furores quanto sob o efeito  
10 de todos os apetites, e <tornam-se> mais, quanto mais estiverem sob o efeito dos  
afetos. Por isso, também aos que estão febris por vezes seres vivos se manifestam  
dentro das cercas, a partir de uma pequena similaridade das composições das linhas.  
E por vezes essas coisas coincidem com os afetos de tal forma, de modo que, por um  
lado, se porventura não estiverem demasiadamente adoentados, não <lhes> escapa que  
15 <trata-se de> uma falsidade, por outro lado, se porventura o afeto for maior, <as  
16 pessoas> também são movidas em conformidade com eles <i.e. com os afetos>.<sup>38</sup>

16 E é causa de ocorrerem essas coisas o não discernirem segundo a mesma  
potência tanto a <parte> dominante quanto aquela por meio da qual surgem as  
representações. Sinal disso é que, por um lado, o sol se manifesta do tamanho de um

---

<sup>38</sup> As explicações de Aristóteles, mesmo quando não nos satisfazem, servem para nos estimular, mas cabe aqui ressaltar a consonância, neste aspecto, com a psicologia contemporânea. Cf. CHENIAUX, Elie. *Manual de Psicopatologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005., p.31: “Na ilusão catatímica, a deformação do objeto tem origem em um afeto intenso, relacionado a desejo ou a temor. Um exemplo seria o de, à noite, passando por um lugar sabidamente perigoso, confundir-se uma árvore com a figura de um assaltante”.

## ΠΕΡΙ ΕΝΥΠΝΙΩΝ

Π. 460<sup>b</sup> 19 – ΠΙ. 461<sup>a</sup> 6

20 διαῖος, ἀντίφησι δὲ πολλάκις ἕτερόν τι πρὸς τὴν φαντα-  
 σίαν. Καὶ τῇ ἐπαλλάξει τῶν δακτύλων τὸ ἐν δύο φαίνε-  
 ται, ἀλλ' ὅμως οὐ φαμεν δύο· κυριώτερα γὰρ τῆς ἀφῆς  
 ἢ ὄψις. Εἰ δ' ἦν ἡ ἀφή μόνη, κἂν ἐκρίνομεν τὸ ἐν δύο. Τοῦ  
 δὲ διεψεῦσθαι αἴτιον ὅτι οὐ μόνον τοῦ αἰσθητοῦ κινουῦντος  
 φαίνεται ἀδήποτε, ἀλλὰ καὶ τῆς αἰσθήσεως κινουμένης αὐ-  
 25 τῆς, ἐὰν ὡσαύτως κινῆται ὥσπερ καὶ ὑπὸ τοῦ αἰσθητοῦ·  
 λέγω δ' οἷον ἢ γῆ δοκεῖ τοῖς πλέουσι κινεῖσθαι κινουμένης  
 τῆς ὄψεως ὑπ' ἄλλου.

## ΠΙ

Ἐκ δὴ τούτων φανερόν ὅτι οὐ μόνον ἐγρηγορότων αἱ κι-  
 νήσεις αἱ ἀπὸ τῶν αἰσθημάτων γινόμεναι τῶν τε θύραθεν  
 30 καὶ τῶν ἐκ τοῦ σώματος ἐνυπαρχουσῶν, ἀλλὰ καὶ ὅταν  
 γένηται τὸ πάθος τοῦτο ὃ καλεῖται ὕπνος, καὶ μᾶλλον τότε  
 φαίνονται. Μεθ' ἡμέραν μὲν γὰρ ἐκκρούονται ἐνεργουσῶν τῶν  
 461<sup>a</sup> αἰσθήσεων καὶ τῆς διανοίας, καὶ ἀφανίζονται ὥσπερ παρὰ  
 πολὺ πῦρ ἔλαττον καὶ λῦπαι καὶ ἡδοναὶ μικραὶ παρὰ  
 μεγάλας, παυσαμένων δὲ ἐπιπολάζει καὶ τὰ μικρά· νύ-  
 κτωρ δὲ δι' ἀργίαν τῶν κατὰ μόριον αἰσθήσεων καὶ ἀδυ-  
 5 ναμίαν τοῦ ἐνεργεῖν, διὰ τὸ ἐκ τῶν ἔξω εἰς τὸ ἐντὸς γίνε-  
 σθαι τὴν τοῦ θερμοῦ παλίρροιαν, ἐπὶ τὴν ἀρχὴν τῆς αἰσθή-

## SOBRE OS SONHOS

II. 460<sup>b</sup> 19 – III. 461<sup>a</sup> 6

pé, por outro lado, muitas vezes algo distinto contradiz a representação.  
 20 Inclusive, por meio do cruzamento dos dedos, uma <única> coisa manifesta-se <como>  
 duas, mas <isso ocorre> mesmo que não digamos que sejam duas, pois a visão é mais  
 dominante do que o tato. E se existisse só o tato, também discerniríamos uma <única>  
 coisa <como> duas. E é causa do iludir-se <o fato de> quaisquer <representações>  
 25 que sejam se manifestarem não somente quando o <objeto> sensível move mas também  
 quando a própria sensação é movida, se porventura for movida da mesma forma  
 precisamente como também <o é> pelo <objeto> sensível: e digo tal como a terra parece  
 ser movida aos navegantes, porque a visão é movida por outra coisa.

### III

A partir dessas coisas é manifesto que os movimentos que surgem  
 procedentes das sensações – tanto das externas quanto das inerentes  
 30 provenientes do corpo – <se manifestam> não somente quando estamos despertos  
 mas também quando quer que surja este afeto que é chamado *sono*, inclusive  
 se manifestam mais neste período pois, por um lado, no transcurso do dia, quando os  
 461<sup>a</sup> sentidos e o raciocínio estão atuando, <os movimentos> são suspensos e se apagam,  
 precisamente como um fogo menor junto a muito <fogo>, e dores e prazeres pequenos  
 junto a grandes; por outro lado, quando <os sentidos e o raciocínio> estão parados,  
 também as pequenas coisas vêm à superfície; e à noite, devido à inatividade dos  
 5 sentidos referentes a <cada> parte <do corpo> e à impotência para atuar – devido ao  
 surgimento do refluxo do calor das <partes> de fora para dentro – <os movimentos>

## ΠΕΡΙ ΕΝΥΠΝΙΩΝ

III. 461<sup>a</sup> 7 – 461<sup>a</sup> 28

σεως καταφέρονται καὶ γίνονται φανεραὶ καθισταμένης τῆς  
8 παραχῆς.  
8 Δεῖ δὲ ὑπολαβεῖν ὥσπερ τὰς μικρὰς δίνας τὰς  
ἐν τοῖς ποταμοῖς φερομένας, οὕτω τὴν κίνησιν ἐκάστην γί-  
10 νεσθαι συνεχῶς, πολλάκις μὲν ὁμοίως, πολλάκις δὲ δια-  
λυομένας εἰς ἄλλα σχήματα διὰ τὴν ἀντίκρουσιν. Διὸ καὶ  
μετὰ τὴν τροφήν καὶ πάμπαν νέοις οὔσιν, οἷον τοῖς παι-  
δίοις, οὐ γίνεται ἐνύπνια· πολλὴ γὰρ ἡ κίνησις διὰ τὴν ἀπὸ  
τῆς τροφῆς θερμότητα. Ὡστε καθάπερ ἐν ὑγρῷ, ἐὰν σφό-  
15 δρα κινή τις, ὅτε μὲν οὐδὲν φαίνεται εἶδωλον, ὅτε δὲ φαίνε-  
ται μὲν, διεστραμμένον δὲ πάμπαν, ὥστε φαίνεσθαι ἄλλοιον  
ἢ οἷόν ἐστιν, ἡρεμήσαντος δὲ καθαρὰ καὶ φανερά, οὕτω καὶ  
ἐν τῷ καθεύδειν τὰ φαντάσματα καὶ αἱ ὑπόλοιποι κινή-  
σεις αἱ συμβαίνουσαι ἀπὸ τῶν αἰσθημάτων ὅτε μὲν ὑπὸ  
20 μείζονος οὔσης τῆς εἰρημένης κινήσεως ἀφανίζονται πάμ-  
παν, ὅτε δὲ τεταραγμένοι φαίνονται αἱ ὄψεις καὶ τερα-  
τώδεις, καὶ οὐκ ἐρρωμένα<sup>39</sup> τὰ ἐνύπνια, οἷον τοῖς μελαγχολι-  
κοῖς καὶ πυρέττουσι καὶ οἰνωμένοις· πάντα γὰρ τὰ τοιαῦ-  
τα πάθη πνευματώδη ὄντα πολλὴν ποιεῖ κίνησιν καὶ ταρα-  
25 χήν. Καθισταμένου δὲ καὶ διακρινομένου τοῦ αἵματος ἐν τοῖς  
ἐναίμοις, σφριζομένη τῶν αἰσθημάτων ἡ κίνησις ἀφ' ἐκάστου  
τῶν αἰσθητηρίων ἐρρωμένα<sup>40</sup> τε ποιεῖ τὰ ἐνύπνια, καὶ φαίνε-  
σθαί τι καὶ δοκεῖν διὰ μὲν τὰ ἀπὸ τῆς ὄψεως καταφερόμε-

<sup>39</sup> Ross: οὐκ εἰρόμενα

<sup>40</sup> Ross: εἰρόμενα. Nas duas passagens optamos por seguir a edição de Siwek e adotar ἐρρωμένα, que, na primeira ocorrência no texto, aparece na maior parte dos manuscritos. Não nos deixa de chamar à atenção o fato de o estagirida utilizar aqui este vocábulo – participio perfeito passivo de ῥώννυμι, formado a partir da mesma raiz de ῥώμη, “vigor físico”, termo mais antigo e tradicional na poesia – uma vez que o adjetivo ὑγιής, ἔς, amplamente utilizado no período clássico, parece ser muito mais caracteristicamente técnico e científico.

## SOBRE OS SONHOS

### III. 461<sup>a</sup> 7 – 461<sup>a</sup> 28

descendem-se para o princípio das sensações e tornam-se manifestos ao ser atenuada a perturbação.

8 E deve-se depreender que assim acontece continuamente cada movimento: precisamente como os pequenos turbilhões impelidos nos rios; 10 por um lado, muitas vezes, similares, por outro lado, muitas vezes são decompostos em diferentes figuras devido à obstrução. Por isso, tanto depois da refeição quanto nos que são inteiramente novos, tal como nos bebês, não surgem sonhos, pois há muito movimento devido ao calor procedente do alimento. Deste modo, conforme <o que ocorre> em um líquido – se porventura 15 alguém <o> mover demasiadamente, algumas vezes nenhuma imagem se manifesta, outras vezes certamente se manifesta, porém, inteiramente distorcida, de modo a se manifestar diferente de como é, ao passo que, estando <o líquido> inerte, <as imagens> são límpidas e manifestas – assim também durante o dormir as representações e os movimentos remanescentes que ocorrem a partir das sensações 20 algumas vezes são totalmente apagados pelo movimento, sobre o qual se discorreu, quando <ele> é maior, outras vezes as visões manifestam-se perturbadas e prodigiosas, e os sonhos não são salutareos, tal como <ocorre> aos melancólicos, aos febris e aos avinhados, pois tais afetos, sendo todos <eles> flatulentos, produzem muito movimento e perturbação. 25 Ao passo que, quando o sangue é atenuado e separado nos <animais> sanguíneos, o movimento preservado das sensações procedentes de cada um dos órgãos sensoriais produz sonhos salutareos e faz manifestar-se algo, e, por um lado, devido às coisas que se descenderam a partir da visão, <faz com que> se julgue ver, por outro lado, devido

## ΠΕΡΙ ΕΝΥΠΝΙΩΝ

III. 461<sup>a</sup> 29 – 461<sup>b</sup> 19

να ὀρᾶν, διὰ δὲ τὰ ἀπὸ τῆς ἀκοῆς ἀκούειν. Ὅμοιότρόπως  
 30 δὲ καὶ ἀπὸ τῶν ἄλλων αἰσθητηρίων· τῷ μὲν γὰρ ἐκεῖθεν  
 ἀφικνεῖσθαι τὴν κίνησιν πρὸς τὴν ἀρχὴν καὶ ἐγρηγορῶς δο-  
 461<sup>b</sup> κεῖ ὀρᾶν καὶ ἀκούειν καὶ αἰσθάνεσθαι, καὶ διὰ τὸ τὴν ὄψιν  
 ἐνίοτε κινεῖσθαι δοκεῖν, οὐ κινουμένην, ὀρᾶν φαμεν, καὶ τῷ  
 τὴν ἀφῆν δύο κινήσεις εἰσαγγέλλειν τὸ ἐν δύο δοκεῖ. Ὅλως  
 γὰρ τὸ ἀφ' ἐκάστης αἰσθήσεώς φησιν ἢ ἀρχή, ἐὰν μὴ ἐτέ-  
 5 ρα κυριωτέρα ἀντιφῆ. Φαίνεται μὲν οὖν πάντως, δοκεῖ δὲ οὐ  
 πάντως τὸ φαινόμενον, ἀλλ' ἂν τὸ ἐπικρῖνον κατέχηται ἢ  
 7 μὴ κινῆται τὴν οἰκείαν κίνησιν.

7 Ὡσπερ δ' εἶπομεν ὅτι ἄλλοι  
 δι' ἄλλο πάθος εὐαπάτητοι, οὕτως ὁ καθεύδων διὰ τὸν ὕπνον  
 καὶ τὸ κινεῖσθαι τὰ αἰσθητήρια καὶ τᾶλλα τὰ συμβαίοντα  
 10 περὶ τὴν αἴσθησιν, ὥστε τὸ μικρὰν ἔχον ὁμοιότητα φαίνεται  
 ἐκεῖνο. Ὅταν γὰρ καθεύδῃ, κατιόντος τοῦ πλείστου αἵματος  
 ἐπὶ τὴν ἀρχὴν συγκατέρχονται αἱ ἐνοῦσαι κινήσεις, αἱ μὲν  
 δυνάμει αἱ δὲ ἐνεργείᾳ. Οὕτω δ' ἔχουσιν ὥστε ἐν τῇ κινήσει  
 τηδὶ ἢδε ἐπιπολάσει ἐξ αὐτοῦ ἢ κινήσεις, ἂν δ' αὕτη φθαρῆ,  
 15 ἢδε. Καὶ πρὸς ἀλλήλας δὴ ἔχουσιν ὥσπερ οἱ πεπλασμένοι  
 βάτραχοι οἱ ἀνιόντες ἐν τῷ ὕδατι τηκομένου τοῦ ἀλός. Οὕτως  
 ἔνεισι δυνάμει, ἀνειμένου δὲ τοῦ κωλύοντος ἐνεργοῦσιν, καὶ  
 λυόμεναι ἐν ὀλίγῳ τῷ λοιπῷ αἵματι τῷ ἐν τοῖς αἰσθητηρίοις  
 κινουῦνται, ἔχουσιν ὁμοιώματα ὥσπερ τὰ ἐν τοῖς νέφεσιν, ἃ

## SOBRE OS SONHOS

### III. 461<sup>a</sup> 29 – 461<sup>b</sup> 19

às oriundas da audição, <faz com que se julgue> ouvir. E de modo similar <ocorre>  
 30 também a partir dos outros órgãos sensoriais; certamente pelo fato de o movimento,  
 com efeito, a partir daí, alcançar o princípio, também o que está desperto  
 461<sup>b</sup> julga ver, ouvir e sentir, inclusive, devido ao fato de a visão por vezes  
 parecer se mover, não sendo movida, afirmamos ver, e pelo fato de o tato transmitir  
 dois movimentos, o <que é> um parece ser dois. Pois, em geral, o princípio afirma  
 o que é procedente de cada sensação, se porventura outra <sensação> mais dominante  
 5 não <o> contradisser. Então, certamente <algo> se manifesta absolutamente, porém,  
 o fenômeno parece não <se manifestar> absolutamente, mas o discernimento pode ser  
 7 retido ou não se mover com seu movimento peculiar.

7 E precisamente como dissemos que <pessoas> diferentes são facilmente  
 enganáveis por meio de um afeto diferente, o que dorme assim <o é> por meio tanto do  
 sono quanto do <fato de> se moverem os órgãos sensoriais quanto das outras coisas  
 10 que ocorrem circunstanciais à sensação, de modo que o que possui uma pequena  
 similaridade <com algo> se manifesta <sendo> aquilo. Pois, quando quer que se durma,  
 uma vez que a maior parte do sangue recai rumo ao princípio, os movimentos que  
 estão presentes – uns, em potência, outros, em ato – submergem conjuntamente. E  
 assim se mantêm, de modo que, neste mesmo movimento <do sangue>, um movimento  
 15 determinado virá à superfície a partir dele e, se porventura este for corrompido, <outro>  
 <movimento> determinado <virá>. E de fato se mantêm uns aos outros precisamente  
 como os sapos modelados que emergem na água quando o sal é dissolvido.<sup>41</sup> Assim  
 <os movimentos> estão presentes em potência, e atuam tendo-se destravado o  
 impedimento, e, sendo liberados, <os movimentos> movem-se na pequena

---

<sup>41</sup> Trata-se, no nosso entendimento, de sapos modelados como iscas para pescar, jogados na água cobertos de sal para que, emergindo na água quando o sal é dissolvido, pareçam de fato estar vivos em movimento, chamando, assim, a atenção de predadores.



## ΠΕΡΙ ΕΝΥΠΝΙΩΝ

III. 461<sup>b</sup> 20 – 462<sup>a</sup> 9

20 παρεικάζουσιν ἀνθρώποις καὶ κενταύροις ταχέως μεταβάλ-  
 λοντα. Τούτων δὲ ἕκαστόν ἐστιν, ὥσπερ εἴρηται, ὑπόλειμμα  
 τοῦ ἐν τῇ ἐνεργείᾳ αἰσθήματος· καὶ ἀπελθόντος τοῦ  
 ἀληθοῦς ἔνεστι, καὶ ἀληθὲς εἰπεῖν ὅτι τοιοῦτον οἷον Κο-  
 25 ρίσκος, ἀλλ' οὐ Κορίσκος. Ὅτε δὲ ἠσθάνετο, οὐκ ἔλεγε Κορί-  
 σκον τὸ κύριον καὶ τὸ ἐπικρῖνον, ἀλλὰ διὰ τοῦτο ἐκεῖνον Κο-  
 ρίσκον τὸν ἀληθινόν. Οὗ δὴ καὶ αἰσθανόμενον λέγει τοῦτο, ἐὰν  
 μὴ παντελῶς κατέχηται ὑπὸ τοῦ αἵματος, ὥσπερ αἰ-  
 σθανόμενον, τοῦτο κινεῖται ὑπὸ τῶν κινήσεων τῶν ἐν τοῖς αἰ-  
 σθητηρίοις, καὶ δοκεῖ τὸ ὅμοιον αὐτὸ εἶναι τὸ ἀληθές· καὶ το-  
 30 σαύτη τοῦ ὕπνου ἡ δύναμις ὥστε ποιεῖν τοῦτο λανθάνειν.

30 Ὅσπερ  
 οὖν εἴ τινα λανθάνοι ὑποβαλλόμενος ὁ δάκτυλος τῷ ὀφθαλ-  
 462<sup>a</sup> μῶ, οὐ μόνον φανεῖται ἀλλὰ καὶ δόξει εἶναι δύο τὸ ἓν, ἂν  
 δὲ μὴ λανθάνῃ, φανεῖται μὲν οὐ δόξει δέ, οὕτω καὶ ἐν τοῖς  
 ὕπνοις, ἐὰν μὲν αἰσθάνηται ὅτι καθεύδει, καὶ τοῦ πάθους ἐν ᾧ  
 ἡ αἴσθησις τοῦ ὑπνωτικοῦ, φαίνεται μὲν, λέγει δέ τι ἐν αὐ-  
 5 τῷ ὅτι φαίνεται μὲν Κορίσκος, οὐκ ἔστι δὲ ὁ Κορίσκος (πολ-  
 λάκις γὰρ καθεύδοντας λέγει τι ἐν τῇ ψυχῇ ὅτι ἐνύπνιον τὸ  
 φαινόμενον)· ἐὰν δὲ λανθάνῃ ὅτι καθεύδει, οὐδὲν ἀντιφῆσει τῇ  
 8 φαντασίᾳ.

8 Ὅτι δὲ ἀληθῆ λέγομεν καὶ εἰσὶ κινήσεις φαντα-  
 στικαὶ ἐν τοῖς αἰσθητηρίοις, δῆλον, ἐὰν τις προσέχων πειρᾶ-

## SOBRE OS SONHOS

### III. 461<sup>b</sup> 20 – 462<sup>a</sup> 9

20 quantidade de sangue restante nos órgãos sensoriais, possuindo similitudes  
 precisamente como as nas nuvens, as quais, mudando rapidamente, são comparadas a  
 homens e a centauros. E cada um desses <movimentos>, precisamente como foi  
 discorrido, é um resquício da sensação em ato; e está presente, embora se tenha  
 apartado o verdadeiro <movimento>, e é verdadeiro dizer que este tal é tal como  
 25 Corisco, mas não é Corisco. Porém, quando sentia, a <parte> dominante e que discerne  
 não dizia ser Corisco, mas é através desta <que se diz> ser aquele o verdadeiro  
 Corisco. De fato, também <a parte> que o sente diz isso, se porventura não for  
 completamente retida pelo sangue; precisamente como quando está sentindo, esta é  
 movida pelos movimentos dos órgãos sensoriais; e o similar parece ser o próprio  
 30 verdadeiro; e tamanha é a potência do sono de modo que faz escapar isso.

30 Então, precisamente como se escapando a alguém o fato de o dedo estar  
 colocado sob o olho, não somente <lhe> será manifestado <o engano> mas também  
 462<sup>a</sup> <ele> julgará ser dois o <que é> um, porém, se porventura não <lhe> escapar <isso>, por  
 um lado, <o engano> ser<-lhe>-á manifestado, por outro lado, <ele> não julgará assim.<sup>42</sup>  
 Também nos <períodos> de sono, se porventura <alguém> estiver sentindo que está  
 dormindo e <que> o afeto no qual está a sensação é <próprio> do estado sonolento, por  
 5 um lado, é manifestado <o engano>, por outro lado, algo nele diz que certamente um  
 Corisco se manifesta, não sendo, porém, o Corisco (pois, muitas vezes, algo na alma  
 de <quem> está dormindo diz que o fenômeno é um sonho); ao passo que, se  
 8 porventura <lhe> escapar que está dormindo, nada contradirá a representação.

8 E que <o que> dizemos é verdadeiro e <que> existem movimentos  
 representativos nos órgãos sensoriais é evidente, se porventura alguém se empenhando

---

<sup>42</sup> Optamos aqui por mudar a pontuação do texto em grego e colocar um ponto final onde havia uma vírgula, por nos parecer fazer mais sentido desta forma.

## ΠΕΡΙ ΕΝΥΠΝΙΩΝ

III. 462<sup>a</sup> 10 – 462<sup>a</sup> 31

10 ται μνημονεύειν ἃ πάσχομεν καταφερόμενοί τε καὶ ἐγειρό-  
 μνοι· ἐνίοτε γὰρ τὰ φαινόμενα εἶδωλα καθεύδοντι φωράσει  
 ἐγειρόμενος κινήσεις οὔσας ἐν τοῖς αἰσθητηρίοις· καὶ ἐνίοις γε  
 τῶν νεωτέρων καὶ πάμπαν διαβλέπουσιν, ἐὰν ἦ σκότος, φαί-  
 νεται εἶδωλα πολλὰ κινούμενα, ὥστ' ἐγκαλύπτεσθαι πολλὰ-  
 15 κισ φοβουμένους.

15 Ἐκ δὴ τούτων ἀπάντων δεῖ συλλογίσασθαι  
 ὅτι ἐστὶ τὸ ἐνύπνιον φάντασμα μὲν τι καὶ ἐν ὕπνῳ· τὰ γὰρ  
 ἄρτι λεχθέντα εἶδωλα οὐκ ἔστιν ἐνύπνια, οὐδ' εἶ τι ἄλλο λε-  
 λυμένων τῶν αἰσθήσεων φαίνεται· οὐδὲ τὸ ἐν ὕπνῳ φάν-  
 τασμα πᾶν. Πρῶτον μὲν γὰρ  
 ἐνίοις συμβαίνει καὶ αἰσθάνε-  
 20 σθαί πη καὶ ψόφων καὶ φωτὸς καὶ χυμοῦ καὶ ἀφῆς, ἀ-  
 σθενικῶς μέντοι καὶ οἷον πόρρωθεν· ἤδη γὰρ ἐν τῷ καθ-  
 εύδειν ὑποβλέποντες, ὃ ἡρέμα ἐώρων φῶς τοῦ λύχνου καθεύ-  
 δοντες, ὡς ᾤοντο, ἐπεγερθέντες εὐθὺς ἐγνώρισαν τὸ τοῦ λύχνου  
 ὄν, καὶ ἀλεκτρυόνων καὶ κυνῶν φωνὴν ἡρέμα ἀκούοντες ἐγερ-  
 25 θέντες σαφῶς ἐγνώρισαν. Ἐνιοὶ δὲ καὶ ἀποκρίνονται ἐρωτώ-  
 μνοι· ἐνδέχεται γὰρ τοῦ ἐγρηγορέναι καὶ καθεύδειν ἀπλῶς  
 θατέρου ὑπάρχοντος θατερόν πη ὑπάρχειν. Ὡν οὐθὲν ἐνύπνιον  
 φατέον, οὐδ' ὄσαι δὴ ἐν τῷ ὕπνῳ γίνονται ἀληθεῖς ἔννοιαι  
 παρὰ τὰ φαντάσματα, ἀλλὰ τὸ φάντασμα τὸ ἀπὸ τῆς  
 30 κινήσεως τῶν αἰσθημάτων, ὅταν ἐν τῷ καθεύδειν ἦ, ἦ καθ-  
 31 εύδει<sup>43</sup>, τοῦτ' ἐστὶν ἐνύπνιον.

---

<sup>43</sup> καθεύδει (*sic*) in Siwek.

## SOBRE OS SONHOS

III. 462<sup>a</sup> 10 – 462<sup>a</sup> 31

10 experimentar recordar as coisas que nos afetam tanto quando adormecemos quanto  
quando nos despertamos; pois, por vezes, o que desperta flagrará que os fenômenos  
são imagens para o que dorme, sendo movimentos nos órgãos sensoriais; e decerto  
para alguns dos mais novos e que arregalam os olhos inteiramente, se porventura  
houver escuridão, muitas imagens manifestam-se em movimento, de modo a, muitas  
15 vezes, se esconderem amedrontados.

15 E a partir de todas essas coisas se deve concluir que  
o sonho certamente é uma certa representação e <ocorre> durante o sono; com efeito, as  
ora mencionadas imagens não são sonhos, nem se, tendo sido liberados os sentidos,  
algo diferente se manifestar; nem toda representação durante o sono  
<é um sonho>. Pois, primeiramente, certamente ocorre a alguns que também sintam de  
20 alguma maneira tanto sons quanto luz, sabor e um toque, embora fracamente  
e como que de longe; com efeito, já <ocorreu a alguns de,> pestanejando enquanto  
dormiam, verem vagamente uma luz, estando dormindo, a qual, como supunham,  
<era própria> da lâmpada, <e>, ao serem acordados, imediatamente reconhecerem a  
existência da lâmpada, e, escutando vagamente o barulho de galos e de cães, ao serem  
25 despertados os reconhecerem claramente. E alguns inclusive respondem quando são  
perguntados; com efeito, é possível, quando subsiste simplesmente um dos dois, o  
despertar ou o dormir, subsistir de alguma maneira o outro. <Não> se deve afirmar  
que nenhuma dessas coisas seja um sonho, nem de fato <que seja sonho> quantos  
pensamentos verdadeiros surgindo durante o sono, para além das representações,  
30 mas a representação procedente do movimento das sensações, quando quer que exista  
31 no <período> em que se dorme, enquanto se dorme, isto é sonho.

## ΠΕΡΙ ΕΝΥΠΝΙΩΝ

III. 462<sup>a</sup> 31 – 462<sup>b</sup> 11

31 ἤδη δέ τισι συμβέβηκεν  
 462<sup>b</sup> μηδὲν ἐνύπνιον ἐωρακέναι κατὰ τὸν βίον, τοῖς δὲ πόρρω  
 2, 3 που προελθούσης τῆς ἡλικίας ἰδεῖν πρότερον μὴ ἐωρα-  
 κόσιν. Τὸ δ' αἴτιον τοῦ μὴ γίνεσθαι παραπλήσιον φαί-  
 5 νεται τῷ ἐπὶ τῶν παιδίων καὶ μετὰ τὴν τροφήν. Ὅσοις  
 γὰρ συνέστηκεν ἡ φύσις ὥστε πολλὴν ἀναθυμίασιν πρὸς  
 τὸν ἄνω τόπον ἀναφέρεσθαι, ἢ πάλιν καταφερομένη ποι-  
 εῖ πλῆθος κινήσεως, εὐλόγως τούτοις οὐδὲν<sup>44</sup> φαίνεται φάντασ-  
 μα. Προϊούσης δὲ τῆς ἡλικίας οὐδὲν ἄτοπον φανῆναι ἐνύπνιον·  
 10 μεταβολῆς γὰρ τινος γενομένης ἢ καθ' ἡλικίαν ἢ κατὰ πάθος  
 ἀναγκαῖον συμβῆναι τὴν ἐναντίωσιν ταύτην.

---

<sup>44</sup> αὐδέν (*sic*) in Siwek.

**SOBRE OS SONHOS**III. 462<sup>a</sup> 31 – 462<sup>b</sup> 11

31 E já ocorreu a alguns de não terem visto  
462<sup>b</sup> nenhum sonho no curso da vida, ao passo que, <já ocorreu> aos que  
2, 3 não tinham visto anteriormente de ver com o avanço, em certo grau, longínquo da  
idade. E a causa de não surgirem <sonhos> se manifesta aproximável ao <que ocorre>  
5 no caso das crianças e <ao que ocorre> depois da refeição. Pois a quantos  
a natureza constituiu de modo a se ascender muita exalação para  
o local superior, a qual de novo se descendendo produz uma abundância  
de movimento<s>, razoavelmente a estes nenhuma representação  
se manifesta. Porém, progredindo a idade, <não> é nada absurdo se manifestar um sonho;  
10 pois, quando surge uma certa mudança relativa à idade ou ao afeto,  
é necessário ocorrer esta contrariedade.

### 3 CONCLUSÃO

Conforme se pôde observar, um prólogo análogo ao do *De Sensu et Sensibilibus* em sua intenção unificadora é apresentado no opúsculo *De Somno et Vigilia*. Neste último, Aristóteles introduz os temas que são abordados não só no tratado em questão como também nos dois subsequentes, no *De Insomniis* e no *De Divinatione per Somnum*. Nas primeiras linhas do *SomnVig.* (453<sup>b</sup> 11-24), são apresentadas as questões concernentes ao sono e à vigília as quais são elucidadas ao longo do mesmo opúsculo, quais sejam:

- a) o que são o sono e a vigília;
- b) se são próprios da alma, do corpo ou comuns a estes;
- c) caso sejam comuns, a qual parte da alma e do corpo são comuns;
- d) devido a que causa subsistem nos animais;
- e) se todos em geral compartilham tanto do sono quanto da vigília; ou uns, somente do sono; e outros, unicamente da vigília; ou ainda se uns, de nenhum; e outros, de ambos.

Podemos averiguar que “o que é o sonho” (453<sup>b</sup> 17) é pormenorizadamente versado no tratado que diretamente se segue ao *SomnVig.*, o *De Insomniis, Sobre os Sonhos*. Além disso, o sobredito prólogo (em 453b 17-20) indica que será investigada a causa dos que dormem por vezes sonharem, por vezes não sonharem, ou, se for o caso, a causa de sempre ocorrer aos que dormem sonhar, mesmo que não se lembrem. “Se é possível prever o futuro e de que modo, caso possível” (453<sup>b</sup> 20-24) será assunto do *DivSomn*.

Nesse prólogo vemos ser estabelecida uma conexão lógica e conceitual entre os três opúsculos que examinam, exprimindo interdependência e concatenação de temas, as questões relativas ao sono e à vigília, ao sonho, e à adivinhação durante o sono. O estagirita de fato parece querer instaurar entre estes temas diversos um vínculo de mútua implicação conceitual. Tendo sido esclarecido o que são o sono e a vigília e de que modo subsistem nos animais, se pode esclarecer o que são os sonhos, que ocorrem ou não durante todo sono, bem como as questões inerentes à sua ocorrência nos que dormem e, uma vez esclarecida a natureza dos sonhos, pode-se esclarecer se é possível que os que dormem tenham sonhos divinatórios, e, caso possível, de que tipo seriam as adivinhações.

Além de uma introdução comum aos três tratados, também encontramos nas últimas linhas do *DivSomn* (em 464<sup>b</sup> 16-18) uma conclusão unificante: “Τί μὲν οὖν ἐστὶν ὕπνος καὶ τί ἐνύπνιον, καὶ διὰ τίν' αἰτίαν ἑκάτερον αὐτῶν γίνεται, ἔτι δὲ περὶ τῆς ἐκ τῶν ἐνυπνίων μαντείας εἴρηται περὶ πάσης”, “Certamente, então, está dito o que é o sono e o sonho, e devido a que

causa cada um deles vem a ser, e ainda tudo sobre a adivinhação a partir dos sonhos”. A afinidade dos temas investigados e a presença de uma introdução e de uma conclusão comuns permitem-nos considerar os três tratados como um bloco unitário dentro do conjunto dos *Parva Naturalia* e classificá-los como uma trilogia.

Em *Sobre o Sono e a Vigília*, Aristóteles focaliza suas considerações na abordagem do sono em sua relação com a vigília; na elucidação da função do sono; e na análise de suas causas. Vigília e sono formam um par de opostos complementários, como potência e ato, sendo o sono concebido como certa privação da vigília e a vigília denominada como o estado em que se sente. Assim, subsistem na mesma parte do animal, enquanto contrários, e necessariamente estão relacionados à faculdade pela qual se sente. O sentir, por sua vez, não é particular nem da alma nem do corpo, visto ser a sensação certo movimento da alma através do corpo (454a 9-10), de modo a serem ambas as afecções, sono e vigília, comuns à alma e ao corpo e, mais precisamente, à parte sensitiva da alma (que não opera sem o corpo). Pelo fato de estarem relacionadas à parte sensitiva da alma, apenas nos seres vivos que a possuem subsistem tanto o sono quanto a vigília, pois é necessário que um dos contrários sempre esteja presente e que o outro, não, alternadamente. Nas plantas, por exemplo, dotadas apenas da parte nutritiva da alma, responsável pelo desenvolvimento e pelo perecimento, não subsistem nem o sono nem a vigília. Segundo Gallop (1990, p. 19), na introdução a sua tradução dos três opúsculos sobre o sono e os sonhos:

O *De Somno* reflete a maturidade da filosofia da mente de Aristóteles, a concepção da relação entre alma e corpo por vezes chamada de ‘hilemorfismo’. De acordo com essa concepção, alma e corpo não são substâncias independentes, cada uma capaz de existir separadamente. Pelo contrário, são aspectos inseparáveis, a ‘forma’ e a ‘matéria’ respectivamente, de um mesmo ser vivo. Portanto, o sono não pertence, conforme vimos, nem somente à alma nem apenas ao corpo, mas é uma condição psicofísica (453b 24 - 454a 11), tanto necessária aos animais quanto neles universal (454a 11 - 455a 3).<sup>45</sup>

O animal é definido por ter sensação, logo, todos os seres humanos e os demais animais compartilham tanto do sono quanto da vigília, sendo o sono, de certo modo, a imobilidade da sensação e a vigília, a sua liberação. Uma vez que o sono é uma impotência que ocorre devido ao excesso de vigília, é necessário que todo animal que esteja desperto seja passível de

<sup>45</sup> Tradução nossa. No original: “The *De Somno* reflects Aristotle’s mature philosophy of mind, the view of the soul-body relationship sometimes called ‘hylemorphism’. According to this view, soul and body are not two independent substances, each capable of separate existence. Rather, they are inseparable aspects, the ‘form’ and the ‘matter’ respectively, of a single living thing. Thus, sleep belongs, as we have seen, neither to the soul nor to the body alone, but is a psychophysical condition (453b 24 - 454a 11), both necessary and universal in animals (454a 11 - 455a 3)”.



dormir, pois é impossível sempre atuar. O sono ocorre, portanto, em vista da preservação dos animais, para a conservação do estado de vida em vigília, dado não ser possível que o animal exista, caso não ocorra o que o integraliza, isto é, a sensação (458a 30-32). Similarmente, nada é suscetível de sempre dormir, pois todo ser que tem a capacidade sensitiva deve vir a sentir, e “[...] atuar, regular e simplesmente, pela sensação, ao mesmo tempo em que se dorme, é impossível [...]” (ἐνεργεῖν δὲ τῇ αἰσθήσει κυρίως καὶ ἀπλῶς ἀδύνατον καθεῦδον ἄμα, *De Somno* 454b 13-14). A duração do sono no animal é concomitante ao processo de assimilação do alimento e a sua transformação em sangue. O animal acorda quando a distribuição do sangue proveniente da digestão do alimento é concluída. O sonho, por sua vez, é brevemente mencionado no *De Somno et Vigilia*, em 456a 67: “[...] o sonho é, de certo modo, uma sensação [...]” (ἐνύπνιον ἔστιν αἴσθημα τρόπον τινά), ele será pormenorizadamente versado no *De Insomniis*.

O estagirita se dedica, no tratado *Sobre os Sonhos*, à explicação da origem dos sonhos, tema abordado pela tradição com valorações de tipo religioso. Neste opúsculo, Aristóteles não considera a possibilidade da origem divina dos sonhos, definitivamente optando por uma explicação científica articulada em três partes, que correspondem aos três capítulos do tratado. No primeiro capítulo, é elucidado qual parte da alma os sonhos afetam: trata-se da parte sensitiva, pois necessariamente tanto o sono quanto o sonho subsistem na mesma parte da alma dos animais. Ademais, segundo Aristóteles, em 459a 19, “[...] o sonho parece ser certa representação [...]” (τὸ δ’ ἐνύπνιον φάντασμα τι φαίνεται εἶναι) e a representação, por sua vez, é definida como o movimento que surge pela sensação em ato (459a 17-18), desse modo, o sonhar é apresentado como próprio da parte sensitiva, mas, próprio desta enquanto representativa, uma vez que, ainda de acordo com o estagirita, embora o ser para a parte representativa e para a sensitiva seja distinto, a parte representativa é a mesma que a sensitiva (459a 16-17).

Como se produzem os sonhos é explicado no segundo capítulo: o afeto (πάθος) que surge por meio da sensação (αἴσθησις) engendrada pelos objetos sensíveis (τὰ αἰσθητά) referentes a cada órgão sensorial (αἰσθητήριον) permanece nos órgãos sensoriais não só enquanto os sentidos (αἰ αἰσθήσεις) estão atuando mas também ao se apartarem os objetos (459a 23-28). Desse modo, o afeto perdura nos órgãos sensoriais, tanto em profundidade quanto superficialmente (καὶ ἐν βάθει καὶ ἐπιπολῆς), não somente durante o tempo em que estão sentindo como também enquanto estão parados (459b 5-7). Assim surgem os sonhos e esta é também a causa do iludir-se (διεψεῦσθαι): o fato de quaisquer representações que sejam – sendo a representação o movimento que surge pela sensação em ato – se manifestarem não

apenas quando o objeto sensível move o sentido mas também quando o próprio sentido é movido, se for movido precisamente da mesma forma como também o seria pelo objeto sensível.

A teoria segundo a qual os sonhos são produtos de movimentos residuais das sensações é pormenorizadamente exposta no terceiro capítulo, nele Aristóteles conclui o que é o sonho e explica a causa dos que dormem algumas vezes sonharem e outras, não. O estagirita explicita que os movimentos que surgem procedentes das sensações, ou seja, as representações – tanto das sensações externas quanto das inerentes, provenientes do próprio corpo – se manifestam não somente quando estamos despertos mas também quando estamos dormindo; o filósofo ressalta, inclusive, que tais movimentos se manifestam mais quando surge o afeto do sono, devido à inatividade dos sentidos referentes a cada parte do corpo e à impotência para atuar neste período; ao passo que, no transcurso do dia, quando os sentidos e o raciocínio estão atuando, esses movimentos remanescentes podem ser suspensos e se apagarem junto a outros movimentos maiores. Aristóteles conclui, nas últimas linhas do *De Insomniis* (462b 29-31): “[...] a representação procedente do movimento das sensações, quando quer que ocorra no <período> em que se dorme, enquanto se dorme, isto é um sonho.” (τὸ φάντασμα τὸ ἀπὸ τῆς κινήσεως τῶν αἰσθημάτων, ὅταν ἐν τῷ καθεύδειν ἢ, ἢ καθεύδει, τοῦτ’ ἐστὶν ἐνύπνιον). A causa da ausência de sonhos está ligada ao excesso de movimentos advindos do processo da digestão (que, por sua vez, está ligada ao surgimento e à duração do sono), pois o excesso de movimentos internos impede que se manifestem as representações (462a 31 - 462b 11).

## REFERÊNCIAS

### Língua grega

BAILLY, Anatole. *Le Grand Bailly. Dictionnaire Grec Français*. Paris: Hachette, 2000.

BRANDÃO, Jacyntho Lins; SARAIVA, Maria Olívia de Quadros; LAGE, Celina Figueiredo. *ELLHNIKA. Introdução ao grego antigo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire de mots*. Paris: Klincksieck, 1968.

\_\_\_\_\_. *Morphologie historique du Grec*. Paris: Klincksieck, 1964.

CRESPO, Emílio; CONTI, Luz; MAQUIEIRA, Helena. *Sintaxis del Griego Clásico*. Madrid: Editorial Gredos, 2003.

DENNISTON, Jonh Dejar. *The Greek Particles*. Oxford: Clarendon Press, 1954.

GUIDI, M. ΠΟΒΑΗΜΑΤΑ. *Dizionario grammaticale del greco antico*. Milano: Ulrico Hoepli, 2002.

HUMBERT, J. *Syntaxe grecque*. Paris: Klincksieck, 1960.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1966.

PETERS, F. E. *Termos filosóficos gregos: um léxico histórico*. Trad. Beatriz Rodrigues Barbosa, 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

RODRIGUEZ ADRADOS, Francisco. *Nueva sintaxis del griego antigo*. Madrid: Gredos, 1992.

SMITH, Herbert Weir. *Greek Grammar*. 2<sup>nd</sup> edition. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1996.

### **Edições e traduções dos *Parva Naturalia***

ARISTOTELHS. *Aristotelis. Opera Omnia Graece et Latine*. Volumem tertium. Parisiis: Editoribus Firmim-Didot et sociis, M CM XXVII.

CARBONE, Andrea L. *Aristotele. L'anima e Il corpo. Parva Naturalia*. Introduzione, traduzione e note di. Milano: Bompiani testi a fronte, 2002.

DROSSAART LULOFS, Hendrik Johan. *Aristotelis De Insomniis et De Divinatione per somnum: a new edition on the greek text with the latin translations*. Leiden: Brill, 1947. v. 2.

\_\_\_\_\_. *Aristotelis De Somno et Vigilia Liber Adiectis Veteribus Translationibus et Theodori Metochitae Commentario*. Leiden: Burgsdijk & Niermans, 1943.

GALLOP, D. *Aristotle on sleep and dreams: a text and translation with introduction, notes and glossary*. Ontario: Broadview Press, 1990.

HETT, W. S. *Aristotle. On the Soul. Parva Naturalia. On Breath*. Translated by. London: Harvard university Press, 2000.

HON. LL. D.; ROSS, M. A. *The Works of Aristotle*. Translated into English under the editorship of. Volume III. Oxford at The Clarendon Press, 1931.

LA CROCE, Ernesto; BERNABÉ PAJARES, Alberto. *Aristóteles: acerca de la generación y la corrupción. Tratados breves de historia natural*. Madrid: Gredos, 2008.

MOREL, Pierre-Marie. *Aristote. Petits traités d'histoire naturelle (Parva Naturalia)*. Traduction, présentation, notes et bibliographie de. Paris: Flammarion, 2000.

MUGNIER, René. *Aristote. Petits traités d'histoire naturelle*. Texte établi et traduit par. Paris: Société d'édition Les Belles Lettres, 1953.

REPICI, Luciana. *Aristotele. Il sonno e I sogni. Il sonno e la veglia, I sogni, La divinazione durante il nosso*. A cura di. Venezia: Marsilio Editori, 2003.

ROSS, Sr. David. *Aristotle: Parva Natulaia*, a revised Text with Introduction and Commentary by. Oxford: Oxford University Press, 2001.

RUSSO, Antonio; LAURENTI, Renato. *Aristotele Opere: Della generazione e della corruzione, Dell'anima, Piccoli trattati di storia naturale*. Roma-Bari: Editori Laterza, 2007. v. 4.

SIWEK, Paulus S. J. *Aristotelis Parva Naturalia Graece et Latine*. Roma: Desclée & C.<sup>i</sup> Editori Pontifici, 1963.

TRICOT, J. *Aristote. Parva Naturalia suivis du traité pseudo-aristotélicien De Spiritu*. Traduction et notes par. Paris : J. Vrin, 1951.

VELOSO, Cláudio William. Aristóteles. *Da Lembrança e da Rememoração*. Tradução, notas e comentário de. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*. Série 3, v. 12, n. especial, jan.-dez. Campinas: Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência – Unicamp, 2002. ISSN 0101-3424.

### **Outras referências**

ALONSO-FERNÁNDEZ, Francisco. *Fundamentos de la Psiquiatria Actual*. 3. ed. renovada y actualizada. Tomo I: Psiquiatria General. Madrid: Editorial Paz Montalvo, 1976.

BONITIZ, Hermann. *Index Aristotelicus*. 2.ed. Graz: Akademische Druck – U. Verlagsanstalt, 1955.

CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. *Dicionário Técnico de Psicologia*. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

CASEVITZ, Michel. Les mots du rêve en grec ancien. *Ktema*, Strasbourg, n.7, 1982.

CHENIAUX, Elie. *Manual de Psicopatologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DALGALARRONDO, Paulo. *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 2000.

DODDS, Eric Robertson. *Os Gregos e o Irracional*. Trad. Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Escuta, 2002. (Tradução de: *The Greeks and the irrational*).

FERNÁNDEZ GARRIDO, Maria Regla; VINAGRE LOBO, Miguel Ángel. La terminología griega para 'sueño' e 'soñar'. *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios griegos e indoeuropeos*, Madrid, n.13, p. 69-104, 2003. ISSN 1131-9070.

FRANÇA, Júnia Lessa ET AL. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 9. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

GUSMÃO, Bruna Saraiva. *O Tratado Sobre a Longevidade e Brevidade da Vida de Aristóteles e a Tradição Poética Grega Arcaica*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

HEIDERMAN, Werner (Org.). *Clássicos da Teoria da Tradução: antologia bilíngue, alemão - português*. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001. v. 1.

JAEGER, Werner. *Aristóteles: bases para la historia de su desarrollo intelectual*. Octava reimpresión. México: Fondo de Cultura Económica, 2011. (Colección Filosofía).

MESQUITA, Antônio Pedro. *Aristóteles. Obras Completas. Introdução Geral*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.

MORAU, Paul. *Les Listes Anciennes des Ouvrages d'Aristote*. Louvain: Étidions Universitaires de Louvain, 1951.

PEREIRA, Susana Maria Duarte da Hora Marques. *Sonhos e visões na tragédia grega*. 2006. Tese (Doutorado em Estudos Clássicos) – Faculdade de Letras, UC, Coimbra.

ROSSETI, Livio. *Introdução à Filosofia Antiga: premissas filológicas e outras “ferramentas de trabalho”*. São Paulo: Paulus, 2006.

## GLOSSÁRIO

ἄδηλος, ον: *inevidente*

ἀδυνατέω (< ἀδυναμία < δύναμις): **1.** *ser impossível*; **2.** *tornar-se impotente*

αἰσθάνομαι: *sentir*

αἴσθημα, ατος, τό: *sensação*

αἴσθησις, εως, ἡ (αἰσθάνομαι): **1.** *sensação*; **2.** (no plural) *os sentidos*

αἰσθητήριον, τό (αἰσθάνομαι): *órgão sensorial*

αἰσθητικός, ἡ, ὄν (αἰσθάνομαι): *sensitivo(a)*

αἰσθητός, ἡ, ὄν e ὅς, ὄν, Adjetivo verbal de αἰσθάνομαι: *sensível*

αἴτιον, τό (αἴτιος, α, ον): *causa*

ἀκινήσια, ἡ: *imobilidade*

ἀληθής, ἑς: *verdadeiro(a)*; **II.** Advérbio ἀληθῶς, *verdadeiramente*

ἀλλοίωσις, εως, ἡ: *alteração*

ἀναθυμίασις, εως, ἡ: *exalação*

ἀνάπαυσις, εως, ἡ (ἀναπαύω): *repouso*

ἀνάπλυσις, εως, ἡ: *lavagem* (hárax)

ἀρχή, ἡ (ἄρχω): *princípio*

ἀφή, ἡ (ἄπτομαι): **1.** *contato*; **2.** *toque*; **3.** *tato*

βλέπω: *olhar*

γίγνομαι (Raiz GEN): **1.** *vir a ser*; **2.** *surgir*; **3.** *tornar-se*; **4.** *acontecer*

γινωρίζω (γινώσκω): *(re)conhecer*

δηλος, η, ον e ος, ον: *evidente*

δηλόω: *evidenciar*

διακρίνω: *separar*

διάλυσις (διαλύω): *desprendimento*

διαλύω: **1.** *desprender*; **2.** *decompor*

διαπορέω: *levantar uma aporia*

διανοέομαι (νοέω): *cogitar*

διαφέρω: *diferir*

διαφορά, ἡ (διαφέρω): *diferença*

διορίζω: *delimitar*

δοκέω: **1.** *julgar(-se)*; **2.** *parecer*

δόξα, ἡ (δοκέω): *juízo*



δοξάζω: *ajuizar*

δύναμαι: *poder*

δύναμις, ἡ, genitivo εως: *potência*

δύσκωφος, ον: *surdo*

δύσοσμος, ον (ὄσμη): *sem olfato*

ἐγρω, forma tardia de ἐγείρω (Raiz ΕΓΕΡ): *despertar*; perfeito intransitivo ἐγρήγορα tem valor de presente, *estar desperto*

\*εἶδω (Raiz FIA): *saber* – εἰδῶς absoluto: *ciente*

εἶδωλον, τό (εἶδος): *imagem*

εἶμί (a forma original sendo ΕΣ-ΜΙ): **1. ser; 2. estar; 3. existir; 4. haver**

ἐκμάξις, εως, ἡ: *polimento (hápx)*

ἐκμάττω: *polir*

ἔκνοια, ἡ (ἔκνοος): *inconsciência*

ἐμβλέπω: *encarar*

ἐμπαθής, ἐς (πάθος): *afetado*

ἐνδέχεται (impessoal): **1. é possível; 2. ἐνδέχασθαι: ser passível**

ἐνέργεια, ἡ: *ato*

ἐνεργέω: *atuar*

ἐνοπτρον, τό (ὄψομαι, futuro de ὀράω): *objeto refletor*

ἐννοέω: *pensar*

ἐννοια, ἡ (νοῦς): *pensamento*

ἐνυπάρχω: *inerir*

ἐνυπνιάζω: *sonhar*

ἐνύπνιον, τό (ὑπνος): *sonho*

ἐπεγείρω: *acordar*

ἐπιζητέω: *inquirir*

ἐπιθυμία, ἡ (ἐπιθυμέω): *apetite*

ἐπικρίνον, τὸ, Participio presente neutro na voz ativa: *discernimento* ([parte] discernidora/ discernente/ que discerne)

ἐπικρίνω: *discernir*

ἐπιπολάζω, futuro -σω (ἐπιπολή): *vir à superfície*

ἐπιπόλαιος, ον: *superficial*; **B. Comparativo ἐπιπολαιότερος, α, ον: mais superficial**

ἐπιπολή, ἡ [ἐπιτέλλω]: *superfície*; em geral no genitivo ἐπιπολής como Advérbio: *superficialmente*

**ἐπισκεπτέος, α, ον**, Adjetivo verbal de ἐπισκέπτομαι: *é preciso investigar.*

**ἔρρωμένος, η, ον**, participio perfeito passivo de ῥώννυμι, oposto de ἄρρωστος: *salutar* [461<sup>a</sup> 22 e 461<sup>a</sup> 27: em ambas as ocorrências há variações]

**ἔρῶ**, futuro de **εἶρω**; perfeito **εἶρηκα**; perfeito passivo **εἶρημαι** – em vez do presente εἶρω (raro no dialeto épico e inexistente no ático) se usa **φημί, λέγω** ou **ἀγορεύω**, para os quais **εἶπον** (a partir da Raiz \*ΕΠΩ) serve como aoristo 2: **1. discorrer; 2. mencionar; 3. dizer**

**θεωρέω** (θεωρός): *teorizar*

**καθεύδω**: *dormir*

**καθυπνύω**: *cair no sono*

**καταδαρθάνω**: *cair adormecido*

**καταμήνιος, ον** (καθάρσεις αἷμα), Adjetivo: *mensal II*. Substantivo **καταμηνίη**, ἡ (κάθαρσις) = **καταμήνια**, τὰ: *menstruação*

**καταφέρω**: **1. descender; 2.** (na voz Passiva, oposto de ἐγείρεσθαι): *adormecer*

**κάτοπτρον**, τό (ὄψομαι, futuro de ὀράω): *espelho*

**κινέω**: *mover*

**κίνησις**, εως (κινέω): *movimento*

**κοιμάω** (κεῖμαι): *adormentar*

**κρίνω**: *discerir*

**λέγω**: **1. dizer; 2. mencionar; 3. denominar; 4. discorrer**

**λύσις**, εως, ἡ (λύω): **1. liberação; 2. solução** (de um problema)

**λύω**: *liberar*

**μέγεθος**, εος, τό (μέγας): *magnitude*

**μέρος**, έος, τό: *parte*

**μεταβάλλω**: *mudar*

**μεταφέρω**: *modificar*

**μνημονεύω** (μνήμων): *recordar*

**μνημονικός**, ἡ, όν (μνήμων): *mnemônico(a)*

**μυρεψία**, ἡ: *preparação de unguentos* (hárax)

**μύω**: *fechar os olhos*

**νοέω**: *entender*

**νοητικός**, ἡ, όν (νοέω): *intelectivo*

**νόος**, νόου, forma contrata em ático νοῦς, νοῦ, ό: *intelecto*

**νόσος**, ἡ: *doença*

**νυστάζω**: *tornar-se ensonado*

**οἶομαι:** *supor*

**ὄμμα,** ἄτος, τό (raiz encontrada em ὄμμαι, pf. pass. de ὄράω): *vista*

**ὄρασις,** εως, ἡ: *visão*

**ὄράω** (além das formas com a raiz **OP**, há ainda outras com a raiz **OΠ** e **ΙΔ**): *ver*

**ὄργή,** ἡ: *furor*

**ὄσμή,** ἡ: *odor*

**ὀφθαλμός,** οὔ, ὁ (de **OΠ**, Raiz de ὀψομαι, ὀφθῆναι): *olho*

**ὄψις,** ἡ, gen. εως (de **OΠ**, Raiz de ὀψομαι): **1.** *visão*; **2.** (no plural pode se referir aos órgãos da visão) *olhos*

**πάθη,** ἡ (παθεῖν): *afeto*

**πάθος,** εως, τό (παθεῖν): *afeto*

**παρατηρέω:** *mirar*

**παρακούω:** *ouvir mal*

**παροράω:** *ver mal*

**πνεῦμα,** ατος, τό (πνέω): **1.** *fôlego*; **2.** *ar*

**ποδιαῖος,** α, ον (πούς): *do tamanho de um pé*

**ποιέω:** **1.** *produzir*; **2.** *fazer*; **3.** *desempenhar*

**ῥέω:** *fluir*

**σημεῖον,** τό (σημα): *sinal*

**σκέψις,** εως, ἡ (σκέπτομαι): *exame*

**σκέπτομαι:** *examinar*

**συμβαίνω:** *ocorrer*

**συνεχής,** ἑς (συνέχω): *contínuo*

**συνεχῶς,** Avérbio: *continuamente*

**σχῆμα,** ατος, τό, (σχεῖν, infinitivo aoristo 2 de ἔχω): *figura*

**ταραχή,** ἡ: *perturbação*

**τρέφω:** *nutrir*

**τρόπος,** ὁ: *modo*

**τροφή,** ἡ (τρέφω): **1.** *alimento*; **2.** *refeição*

**τυγχάνω** (Raiz **TYK**): **A.** *atingir*; **B.** intransitivo: *calhar, ocorrer fortuitamente*; – na locução

τυγχάνω ὄν, simplesmente = εἰμί

**ὑπάρχω:** *subsistir*

**ὑπείμι** (εἰμί *sum*) como ὑπόκειμαι: *subjazer*

**ὑπνος,** ὁ: *sono*

ύπνωτικός, ή, όν: **1.** *sonolento*; **2.** *sonífero*

ύποκίρναμαι, voz Passiva: *ser misturado* (hápx)

ύπολαμβάνω: *depreender*

φαίνω: *manifestar*

φανερός, ά, όν, ε ός, όν (φαίνω): *manifesto(a)*

φαίνω: *manifestar*

φανερός, ά, όν, ε ός, όν (φαίνω): *manifesto(a)*

φαντασία, ή: *representação*

φάντασμα, άτος, τό, (φαντάζω) = φάσμα: *representação*

φανταστικός, ή, όν: *representativo*

φημί (Raiz ΦΑ): *afirmar*

φύλπνος, ον: *dorminhoco(a)*

φρονέω (φρήν): *ponderar*

φύσις, ή, genitivo φύσεως: *natureza*

φύω: *crecer*

χράομαι, Depoente: *usar*

χρήσις, εως, ή, (χράομαι): *uso*

χρόα, ή (χρώς): *tonalidade*

χρῶμα, άτος, τό: *cor*

χυμός, ό: *sabor*

ψευδής, ές, genitivo έος (ψεύδομαι): *falso*

ψεῦδος, εος, τό (ψεύδω): *falsidade*; **II.** Advérbio ψευδῶς: *falsamente*

ψόφος, ό: *som*

ψυχή, ή (ψύχω): *alma*